

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME X



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1971

CONIMBRIGA

REVISTA DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (PORTUGAL)

COMISSÃO DE REDACÇÃO:

Doutor M. LOPES DE ALMEIDA
Doutor MÁRIO DB SOUSA BRANDÃO
Doutor TORQUATO DE SOUSA SOARES
Doutor SALVADOR DIAS ARNAUT
Doutor AVELINO DE JESUS COSTA
Licenciado J. M. BAIRRÃO OLEIRO
Licenciado JORGE DB ALARCÃO
Licenciado MÁRIO DE CASTRO HIPÓLITO

**Toda a correspondência (envio de originais e de publicações para revisão,
pedidos de permuta, etc.) deve ser dirigida directamente ao**

DIRECTOR DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE - COIMBRA — PORTUGAL

CONIMBRIGA

(Página deixada propositadamente em branco)

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME X



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1971

(Página deixada propositadamente em branco)

OBJECTOS DE TOILETTE DE CONIMBRIGA

Na sequência de dois artigos publicados em números anteriores desta revista (*), apresentamos agora objectos de toilette procedentes das escavações antigas (anteriores a 1962) de Conimbriga: espelhos, estrigilos, láminas de barbear, pentes, pinças e lógulas.

ESPELHOS (2)

Numa fase remota da civilização, os homens não conheciam os espelhos (*speculum*), servindo-se então do poder reflector da água, como o documenta a lenda de Narciso.

Os primeiros espelhos dignos deste nome foram de metal — os únicos utilizados na Antiguidade anteriormente à era cristã. Sabemos que os espelhos metálicos já eram conhecidos dos egípcios, que transmitiram o seu uso aos micénicos, e estes, por sua vez, aos gregos e romanos.

Os materiais usados no fabrico dos espelhos foram variados, embora se possa afirmar que o bronze, com grande percentagem de estanho, foi o principal. Há-os, também, de ouro e prata, assim como dourados e prateados, sendo aqueles geralmente fundidos em prata. Os seus proprietários tratavam-nos cuidadosamente, ora limpando-os com esponjas, ora guardando-os em caixas ou, ainda, envolvendo-os em sacos estofados.

^{f1)} *Alfinetes de toucado, romanos, de Conimbriga*, «Conimbriga», 7, 1968, p. 67-95 e *Anéis, braceletes e brincos de Conimbriga*, «Conimbriga», 8, 1969, p. 17-64.

⁽²⁾ Saglio et Daremberg, *Dictionnaire des Antiquités*, vb. *speculum*. Cagnat et Chapot, *Manuel d'Archéologie Romaine*, II, Paris, 1920, p. 394 s.

Não há certezas sobre o uso dos primeiros espelhos de vidro, estanhados ou duplos, ténicamente dois autores antigos nos falam deles duma maneira precisa: Plínio, o Antigo, que atribui a sua invenção aos Sidónios, e Alexandre de Afrodísia, que escreveu cerca de 200 a.C.

A esmaltagem com mercúrio não foi conhecida na Antiguidade. Colocavam no reverso da lentilha de vidro, que era soprada, uma folha de ouro, estanho ou chumbo. Conhecem-se muitos espelhos deste género, vindos, sobretudo, do Egipto e da Gália. A maior parte deles é tardia e de dimensões reduzidas e daí a possibilidade de terem servido, talvez, de amuletos. Só a partir da época imperial, em Roma, se começaram a expandir estes espelhos.

Os espelhos romanos reproduzem as disposições essenciais dos espelhos gregos e etruscos. Dos gregos receberam eles o espelho metálico de formato redondo; dos etruscos, os espelhos de forma quadrada ou rectangular, com ou sem cabo, pelos quais os romanos tiveram grande predilecção. Estes podem encontrar-se em todo o mundo antigo, nomeadamente na Ásia Menor, Cartago e Itália.

De uma maneira geral, os espelhos antigos eram de pequenas dimensões (0,15 m, 0,20 m, ou menos, de diâmetro) embora também os houvesse grandes, alguns da altura humana, quer nas casas particulares, quer nos templos. Podiam estar fixos, encaixados na parede ou, mais frequentemente, presos num prego, como o demonstram os vasos pintados. Alguns possuíam um Cabo; outros, sem cabo, eram usados na palma da mão.

Os espelhos de pé, que eram colocados em cima das mesas, são muito raros, surgindo-nos, todavia, alguns exemplares verdadeiramente luxuosos em Pompeia e na Síria. Os suportes destas obras de luxo têm a forma de figurinhas. Todos eles são leves e manejáveis e representam, por exemplo, efebos levantando os dois braços, ou com uma das mãos sustentando um disco, enquanto colocam a outra na anca, do lado da perna de apoio.

Os espelhos de cabo, de luxo, tomaram também formas mais ou menos complicadas. Desapareceram as cenas gravadas comuns nos etruscos e os círculos concêntricos tornaram-se quase que o único ornamento. Todavia, o contorno era, frequentemente, furado por orifícios dispostos regularmente, que serviam, talvez, para as mulheres colocarem os alfinetes para a sua toilette. Os bordos

eram por vezes lisos; outras, recortados, com dentes separados por curvas côncavas, ou com uma dupla voluta semelhante à dos florões. Nos espelhos vulgares, o cabo compõe-se de um simples balaustre, ou de urna moca (acompanhada ou não de pele de leão), ou ainda de dois troncos de salgueiro entrelaçados. A atadura é constituída por um florão ou por uma folha entre duas flores.

O disco era geralmente recortado e, no reverso, surgia o emblema: Eros, urna bacante, o cisne de Leda, etc.

São mais frequentes os espelhos de bronze, embora nos meados do século I a.G. se tenham multiplicado os de prata; estes, todavia, não destronaram completamente os de bronze, que, sendo baratos, eram até possuídos pelos próprios criados.

O que dá campo ao exercício do artista é a moldura ricamente trabalhada (que rodeia o disco), ou os emblemata (que ornamentam o reverso da face reflectora).

Entre os espelhos de caixa da época romana ocupam um lugar proeminente os espelhos monetários, cuja tampa é decorada por um relevo sobremoldado sobre uma moeda imperial. Esta moda espalhou-se, sobretudo, no tempo de Nero.

Temos de considerar, em último lugar, os espelhos de chumbo forrados de vidro, que só apareceram durante o Império e apresentam formas e decorações diversas. Os reversos dos discos apresentam, por vezes, inscrições significativas.

ESPELHO (EST. I)

- 1 — Pequeno fragmento de espelho circular que teria, provavelmente, cerca de 198 mm de diâmetro. É de bronze e mede 1,5 mm de espessura. A ornamentação consiste numa fieira de orifícios circulares formando uma cercadura junto da borda e, do lado interior, dois sulcos concêntricos. Tem o núm. de inv. A 145 (¹).

¹) A. G. Teixeira de Aragão, *Antiguidades romanas de Balsa*, «O Archeólogo Português», 2, 1896, p. 57, est. 2, publica um espelho com cabo que se assemelha ao de Conimbriga. Outros paralelos podem ver-se em Cagnat e Ghapot, *Manuel d'Archéologie Romaine*, II, 1920, p. 395, fig. 582; John Ward, *The Roman Era in Britain*, Londres, p. 222, fig. 263; e *Antiquities of Roman Britain*, Londres, British Museum, 1958, p. 12, fig. 5. — Este último exemplo não tem cabo.

- 2 — Pequeno fragmento de bronze com acentuado teor de estanho, com 1,9 mm de espessura e provavelmente cerca de 172 mm de diâmetro. Dois sulcos concêntricos circundam a curvatura exterior, repetindo-se a mesma decoração na outra face do espelho. O bronze está muito atacado.

Não reproduzimos, por serem muito diminutos, outros doze fragmentos de discos de espelhos, um dos quais de pátina negra.

- 3 — Cabo cruciforme, em bronze, com dois braços em forma de asas de ave e uma parte central em forma de gota que penetraria na superfície do espelho. O pé alarga um pouco para a base e apresenta uma secção oval. A extremidade é arredondada. No reverso nota-se um ressalto circular, onde certamente se encaixaria o disco. Este teria, aproximadamente, 133 mm de diâmetro (*).
- 4 — Cabo de bronze, de secção semicircular. Mais pequeno que o anterior e diferente na secção do pé, parece todavia assemelhar-se ao anterior no formato, embora as extremidades dos braços e da saliência central estejam partidas. Pelo ressalto do encaixe do disco pode calcular-se o diâmetro deste em cerca de 114 mm.

ESTRIGILOS

O estrigilo (*strigilis*) teve esta denominação devido ao seu emprego, pois servia para raspar a epiderme (*stringere*) retirando-lhe o óleo, ou ceroma, que ficava no corpo depois da massagem, bem como o suor e os restos epidérmicos.

Ignora-se a sua origem, pois as antiguidades egípcias e micénicas ainda nada nos revelaram sobre ele e os mais antigos autores que dele falam viveram nos séculos v e iv a.C.

Fazia parte, a princípio, do equipamento dos lutadores, que untavam o corpo de óleo a fim de evitarem ser presos pelo adversário, porque um membro untado escorrega ao ser agarrado e só é possível apanhar o contendor depois de ele ter caído na areia. (*)

(*) John Ward, *ob. cit.*, p. 222, fig. 63 D; José Belda, *Museo Arqueológico de Alicante*, «Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales», 6, 1945, est. LXXIV, 1. Este último, procedente de Tosal de Manises, data do séc. i d.G.

Finda a luta, os adversários dirigiam-se ao banho; porém, numa sala que antecedia a porta de entrada dos balneários, procedia-se a uma primeira limpeza com o auxílio do estrigilo. Estas raspaduras de óleo ou azeite eram, por vezes, vendidas e usadas contra as dores nevralgias e reumáticas. Cedo, todavia, o homem toma gosto pelos exercícios físicos, tornando-se estes até sinónimo de bom tom e, assim, impõem-se as unções e o uso consequente do estrigilo, que era levado pelo escravo, geralmente numa argola onde se prendia também o frasco do óleo com tripla corrente.

O seu uso estendeu-se aos doentes e às mulheres, que dele se serviam no banho para eliminar as massas depilatorias e os unguentos, às vezes bastante espessos.

O estrigilo é composto de duas partes essenciais: uma longa colher côncava (*ligula*), e um cabo (*capulus*). Ao longo dos tempos, sofreu várias modificações ainda impossíveis de datar, embora se reconheça que os primitivos estrigilos eram feitos de uma folha de metal (bronze ou prata) trabalhada à lima e ao martelo, e em que a colher, muito côncava na largura e alargando para a extremidade, desenhava um semi-círculo em todo o seu comprimento. O cabo tinha o formato de um anel longo. Mais tarde, os dois troncos do cabo são unidos, tornando-se, o primeiro, numa lâmina chata, enquanto o segundo fica redondo e filiforme, terminando este sobre o dorso da colher, numa pequena placa lanceolada ou foliada sobre a qual se apoiava o polegar ou o indicador.

Quando se começou a fundir os estrigilos num molde, a colher passou a formar um ângulo recto com o cabo, que se compunha de duas lâminas semelhantes, paralelas e aderentes uma à outra nas duas extremidades. O cabo, por vezes, toma a forma cilíndrica ou é constituído por uma só lâmina cuja largura é o dobro da espessura.

As dimensões dos estrigilos não eram muito grandes, variando o seu comprimento entre 16 e 30 cm. Há-os, todavia, de reduzidas dimensões, talvez votivos e não funcionais.

O material em que eram fabricados variava, sendo empregues para tal fim o ferro, que era o mais usual, o bronze, a prata, o chumbo, o cobre, o osso, o marfim e até o vidro.

A decoração dos estrigilos é constituída, essencialmente, por linhas sinuosas, flores e caneluras. Os ornamentos são diversos: Apoio sentado, Hermes, Centauro, figuras nuas, etc.

Algumas vezes os estrigilos surgem-nos reunidos numa corrente ou argola com outros apetrechos de toilette e, daí, a conhecida expressão *strigilis et ampulla*.

Chegaram até nós vários exemplares, encontrados sobretudo nos túmulos de gente abastada, principalmente nas necrópoles das cidades onde os habitantes tinham uma vida mais ociosa.

Além desses achados arqueológicos, há outras fontes históricas pelas quais eles podem ser conhecidos: as representações escultóricas e pictóricas. Autores célebres como Lisipo e Policleto representam-no. Aparecem-nos, também na sua forma *strigilis et ampulla*, nas paredes dos ginásios e, através destas pinturas, podemos ficar com uma ideia de como se pegava e se servia do estrigilo. Os espelhos mostram-no igualmente, na forma de uma mulher ou efebo segurando o estrigilo. Na Itália, os pintores servem-se dele para a decoração das palestras. Finalmente, os estrigilos figuram nalgumas esteias funerárias de atletas e gimnascas.

ESTRIGILOS (EST. I)

- 5 — Estrigilo de bronze a que falta o cabo, que seria certamente de outro material. A lâmina, vista de frente, tem forma de chama muito alongada. De perfil, dobra-se quase em ângulo recto. Tem 115 mm de comprimento, 55 de largura e 3 de espessura, e secção rectangular. Foi encontrado nas escavações de 1960 nas Grandes Termas do Sul. Núm. de inv. A. 147 ⁽¹⁾.
- 6 — Estrigilo de bronze, dobrado em ângulo de cerca de 130°. O lado mais pequeno, de 38 mm de comprimento e 11,5 de largura máxima, alarga-se e torna-se mais espesso para a extremidade; o outro, de formato quase losangonal, com 60 mm de comprimento e 19 de largura máxima, estreita progressivamente até à extremidade, onde a largura se reduz a 6 mm. O pequeno cabo, curvado e incompleto, tem secção rectangular de 5x3 mm. A espessura máxima da peça é de 2,1 mm.

⁽¹⁾ Em *Antiquities of Roman Britain*, cit., fig. 5, vê-se um estrigilo semelhante.

- 7 – Estrigilo de bronze, dobrado em ângulo de pouco mais de 90°. Da extremidade mais larga, que mede 15 mm, vai estreitando progressivamente até terminar em bico na outra ponta. O braço menor mede 56 mm de comprimento e o maior, 105 mm. Tem 2,2 mm de espessura, que se reduz na extremidade mais larga. Idêntico a este, há um outro estrigilo de bronze, bastante atacado, com 85 mm de comprimento e 50 de largura.

NAVALHA DE BARBA

A navalha de barba, ou *novacula*, era já conhecida na Alta Antiguidade, como o demonstra a seguinte expressão da Ilíada: «a coisa está sobre o fio da navalha». Os monumentos mais antigos da arte helénica, onde os homens nos aparecem com a barba longa e espessa no queixo e o lábio superior completamente rapado, atestam-nos o uso deste objecto.

Os romanos também se serviram dela desde muito cedo, como o testemunha a lenda do augure Attus Navius, contemporâneo de Tarquinio, o Antigo, que teria rachado uma pedra com a navalha de barba.

Quando se introduziu o costume de rapar completamente o rosto, a navalha tornou-se ainda mais necessária. Sabe-se que cerca do ano 300 a.C. os barbeiros se multiplicaram na Itália. Cipião, o Segundo Africano, é tido como o primeiro homem a fazer a barba quotidianamente, à maneira grega do tempo, moda essa que foi seguida até ao tempo de Adriano, com excepção das classes inferiores. Assim o uso da barba era sinónimo de aflição e dor.

Com Adriano, que tinha algumas imperfeições a esconder na face, torna-se a usar novamente a barba, como nos primitivos tempos romanos anteriores ao ano 300 a.C. Este costume estende-se até aos começos do século iv. Constantino e os seus sucessores, à excepção de Juliano, fazem a barba.

A maneira de usar a barba variou também ao longo dos tempos, como o podemos verificar através dos bustos e moedas: Adriano tinha-a relativamente curta; com Antonino, o Pio, era já mais longa; Marco António usava-a frisada; Septímio Severo, dividida em duas partes.

Os textos mencionam as navalhas entre os instrumentos usuais do barbeiro. Marcial fala-nos de um estojo recurvo onde o barbeiro guardava a sua navalha.

NAVALHAS (EST. I)

- 8 --- O cabo, de secção rectangular, é arredondado na extremidade e perfurado. A lâmina, incompleta, atinge 0,2 mm de espessura. De formato triangular, mede 23 mm de largura máxima e 30 de comprimento. O comprimento total da peça é de 73 mm. Está partida em dois pedaços e muito incompleta na lâmina f¹).
- 9 — O cabo, de espessura laminar, é quase triangular, enrolado nas extremidades. A lâmina vai-se tornando progressivamente menos espessa partindo do centro para a periferia, onde chega a atingir a espessura de 0,1 mm. De formato triangular, tem 30 mm de largura máxima e 48 de altura. A separar o cabo da lâmina encontra-se uma espécie de cabeça de machado com 17 mm de comprimento, 6 de largura e 3 de espessura. O comprimento total da peça é de 115 mm, a lâmina acha-se todavia incompleta.
- 10 — Navalha de latão, cuja lâmina tem a forma de um triângulo isósceles, arredondado no vértice que a liga ao cabo. A lâmina, com 80 mm de comprimento, encontra-se roída. O cabo é formado por uma parte alongada de secção rectangular, separada da lâmina por um sulco e terminando num disco laminar. Tem 60 mm de comprimento, 5 de largura e 2,5 de espessura máxima. Foi encontrada nas escavações que o Doutor Vergílio Correia promoveu nos terrenos de que a Faculdade de Letras é proprietária. Núm. de inv. A 137.

PENTES

O pente (*pecten*) era usado para vários fins relacionados com a cabeleira: dividi-la, alisá-la, limpá-la ou executar os trabalhos de arte (*ornare*) que a moda exigia nos penteados femininos. Todavia não era utilizado somente pelas mulheres; era também ¹

¹) Tem paralelo em Helli Roosens, *Quelques mobiliers funéraires de la fin de Vépoque romaine dans le nord de la France*, Bruges, 1962, est. I, fig. 11.

um objecto indispensável ao homem. Por mais alto que subamos na historia dos povos clássicos, vemos dominar, entre os homens, o costume de usar os cabelos compridos. Quando a moda exigiu os cabelos curtos, o pente foi utilizado também pelo *tonsor* (barbeiro) para cortar o cabelo dos homens, auxiliando, assim, a tesoura, a fim de não ultrapassar a justa medida e obter uma regularidade perfeita no penteado.

Para fazermos uma ideia do grande uso do pente durante a antiguidade, basta sabermos que uma cabeleira penteada com muito esmero era indício de elegância e apuro, e a cabeça onde o pente não passara denotava, num homem, a miséria ou o luto.

O pente era, portanto, um dos instrumentos mais usuais do cabeleireiro e da cabeleireira e uma das insígnias da sua profissão, como o demonstram os seus túmulos.

Há vários testemunhos históricos que comprovam a existência dos pentes na Antiguidade: os achados arqueológicos, a sua representação nos monumentos históricos e as referências dos autores antigos.

Em Spata, na África, foi encontrado um belo pente da época micénica, em marfim, ricamente ornamentado. Em Pompeia foram descobertos pentes, sobretudo de bronze, assim como nas catacumbas de Roma (pentos de marfim). Antes da batalha das Termopilas, um espião de Xerxes, enviado em reconhecimento, encontrou os espartanos de Leónidas a pentearem os seus cabelos. Apuleio menciona um pente de prata. Finalmente vemos a representação de mulheres a pentearem-se, ou a fazerem-se pentear, com o auxílio do pente, em diversos monumentos históricos.

Os materiais empregues no fabrico dos pentes foram variados. A maior parte deles era de madeira, especialmente de buxo, usado mais vulgarmente. Há um édito de Diocleciano que fixa o preço máximo de um pente de buxo, para mulher, em 14 denários.

Outros, todavia, são de osso, marfim ou bronze. Pela sua matéria, os pentes eram mais simples que os actuais, porém superavam-nos pela sua decoração. Os pentes de buxo, osso e marfim, são, às vezes, decorados com figuras em relevo e inscrições. No British Museum há um exemplar com o nome da sua proprietária. Os pentes de bronze são mais raros, e têm, duma maneira geral, uma só fila de dentes. A sua decoração consta de ornamentos

geométricos e pontilhados, gravados em concavidade, de que são exemplo os pentes de Pompeia.

O seu formato parece não ter sofrido grande alteração depois da Antiguidade. Há-os, por vezes, de forma alongada; nota-se porém uma predominância dos pentes curtos, com uma só ou dupla fila de dentes, uns mais espaçados a fim de desembaraçarem o cabelo, outros finos e fechados para os limpar e alisar. Parece, todavia, que os pentes sofreram uma certa evolução desde a idade micénica até ao fim do Império Romano. Assim, na idade micénica, o pente parece ter tido uma forma quadrangular, com dentes num único lado. Depois, na época romana, surge-nos o pente rectangular com duas filas de dentes: uns mais grossos e outros mais finos. Finalmente, no fim do Império Romano (séc. iv) aparece-nos o pente triangular com uma só ordem de dentes e com uma caixa protectora. Esta última fase evolutiva parece ter sido influenciada pela arte bárbara.

Temos a considerar, em última análise, o uso do pente como objecto de culto, quer entre os pagãos, quer entre os cristãos. Sabe-se que muitas divindades tinham os seus guarda-roupas e que os ministros deviam fazer a ornamentação das suas estátuas. Entre os objectos preciosos consagrados ao seu serviço existem os pentes. Os mais belos exemplares encontram-se, talvez, nos santuários das divindades femininas como, por exemplo, o pente de Argos, para o uso de Palas, os pentes colocados como voto nos templos de Vénus, etc. Os cristãos serviam-se também dos pentes como objectos de culto. Havia o costume do padre passar um pente pelos cabelos antes de se dirigir ao altar, uso esse, talvez, de origem pagã.

Os antigos parece não terem tido conhecimento das escovas de cabelo, nem do pente de ornamento que se colocava no penteado para o segurar, pois estes objectos não apareceram nos monumentos antigos. Todavia Pollux coloca o pente entre os ornamentos da cabeça. É possível que, sob o Império, pelo menos, se adoptasse este costume.

Com o nome de *pecten* existem, ainda, alguns instrumentos usados pelos tecelões ou na agricultura.

PENTES (EST. I)

- 11—Pente de madeira, feito de uma única peça com os lados menores arqueados. Tem duas fileiras de dentes, uns grossos e separados, outros unidos e finos. A parte mediana é ornamentada de cada lado com três pares de sulcos incisivos, correndo paralelos aos lados maiores. Tem 65,5 mm de largura e 6,5 de espessura máxima.
- 12 — Pente de osso, feito de uma única peça, com os lados menores recortados. A parte mediana tem decoração composta de oito estrias longitudinais irregularmente separadas umas das outras. Como o anterior, este pente tem duas filas de dentes de espessura e incorporação diferentes. Tem 45 mm de largura e 3,5 de espessura. Foi encontrado nas escavações das Grandes Termas do Sul f¹).
- 13 — É o mais completo e ornamentado dos pentes existentes em Conimbriga e provenientes das antigas escavações. Difere dos anteriores por ser construído, não numa peça única, mas em quatro elementos dentados, fixados a um travessão ornamentado por meio de pelo menos cinco cravos. Há restos de dois cravos de ferro e um de bronze. A ornamentação do travessão consiste em círculos de centro marcado por um ponto, variadamente dispersos: uns alinham-se ao longo dos lados menores; outros enfileiram em meias coroas circulares; outros ainda dispõem-se ao lado de um dente triangular que ocupa o interior de uma área semicircular rematada por dois meios-círculos concêntricos. Possivelmente, os quatro elementos dentados eram unidos por dois travessões idênticos; se assim era, resta hoje apenas um. Tem 87 mm de comprimento, 55 de largura e 7 de espessura máxima. É feito de osso, com tonalidade marfínea acastanhada. Tem o núm. de inv. A 150 (1²).

¹) Lembra, pelos recortes nos lados menores, um pente publicado por G. C. Boon, *Roman Silchester*, Londres, p. 105, fig. 15, 11.

(2) J. J. Hatt, *Fouilles de Strasbourg*, «Gallia», 11, 1953, p. 245, fig. 16, publica um pente semelhante embora de decoração mais simples e diverso também nos recortes laterais, datado do séc. iv d.C. Jacques Coupry, *Informations — XI^e circonscription*, «Gallia», 12, 1954, p. 208, fig. 12 apresenta um pente merovíngio igualmente feito de várias placas de osso, diferente no formato mas com ornamentos semelhantes aos do de Conimbriga. A mesma ornamentação encontra-se em pentes publicados por A. Roes, *Vondesten van Dorestad*. Outros paralelos podem ver-se em K. Majewski, *Exploration archéologique de Novae*, «Latomus», 22, 1963, est. LVT, fig. 9, e F. Fremersdorf, *Der römische Gutshof Köln-Mungersdorf*, 1933, est. 37, 10.

PINÇAS

As pinças surgem-nos com a denominação latina de *volsella* e de *vulsella*, embora este último termo seja usado muito raramente.

A palavra *volsella* indica um diminutivo e uma limitação do seu uso, em contraposição com a pinça de maiores dimensões chamada *forceps*.

Duma maneira geral a *volsella* era utilizada somente para dois fins: como objecto medicinal (variando, neste caso, de dimensões) e como objecto de toilette.

Uma prática fortemente expandida, embora reprovada pelas pessoas graves (sem a conseguirem suprimir), porque a consideravam própria dos efeminados ou daqueles que não sabiam envelhecer, era a depilação, que dava maior efeito que certas pastas depilatorias empregadas com fins idênticos (*psilothrum*). Alguns contentavam-se, somente, em retirar os pelos brancos isolados. Homens importantes, como César, não hesitavam fazê-lo.

A depilação era praticada especialmente nos banhos por um escravo especialista — o *alipilus*, que empregava para esse efeito uma pinça — *volsella*. Por esta razão, a pinça de depilar era reunida, a maior parte das vezes, numa argola, com outros objectos de toilette, como as espátulas para a pintura do rosto, o palito (*dentiscalpium*), o raspador da cabeça (*scalptorium*), e o esgaravatador dos ouvidos (*auriscalpium*), ou somente com algum, ou alguns, destes instrumentos.

PINÇAS (EST. I)

- 14 — Pinça feita de uma folha de bronze de 5 mm de largura, dobrada sobre si mesma, formando superiormente um anel e com as extremidades encurvadas para dentro. Tem 72 mm de comprimento; a espessura, de 1,5 mm no máximo, vai diminuindo progressivamente para as extremidades f¹).

Há mais uma pinça deste tipo, mas incompleta.

p) Vejam-se pinças semelhantes em Michel Labrousse, *Les fouilles de Gergovie* (1945-46j, «Gallia», 6, 1948, p. 89, fig. 39, n.º 2328 (dos fins do séc. i a.C. ou inícios do i da nossa era); British Museum, *Antiquities of Roman*

- 15 — Tal como a pinça anterior, reveste a forma de uma folha de bronze de 2 mm de largura, dobrada sobre si mesma, formando no cimo um orifício em forma de gota, cujas paredes têm secção circular, para depois se abrirem numa grande curvatura. Na parte final, as duas extremidades aproximam-se uma da outra e adelgaçam-se, passando a secção a ser rectangular. O comprimento total é de 62 mm e a espessura máxima de 3 mm ⁽¹⁾.
- 16 — Pinça feita igualmente de uma folha de bronze com 65 mm de comprimento, 5 mm de largura e 1 mm de espessura. Secção rectangular. Na parte média tem um pequeno anel de bronze a atar os dois lados da pinça. Núm. de inv. A 139 ^(a).

LÍGULAS

Os romanos estabeleciam a confusão entre as palavras *ligula* e *lingula*, ambas usadas na designação da lígula. Assim, Marcial reprovava os gramáticos ignorantes por se obstinarem a usar o termo *Ungula*, enquanto que a boa sociedade romana não se servia senão da palavra *ligula*. Os gramáticos queriam, sem dúvida,

Britain, Londres, 1958, p. 12, fig. 5, 10. M. Oliva Prat, *Museo Arqueológico de Gerona*, «Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales», 6, 1945, p. 233-234, est. X, 22; G. C. Boon, *Roman Silchester*, Londres, p. 105, fig. 15,10; Paul Mesplé, *L'atelier de potier gallo-romain de Galane à Lambez (Gers)*, «Gallia», 15, 1957, p. 51 est. Y, 13; Mário Cardozo, *Excavações na Citânia de Briteiros*, «Revista de Guimarães», 53, 1943, p. 255, fig. 8,5; Marc-Adrien Dollfus, *L'étonnante instrumentation des ophthalmologistes gallo-romains*, «Archeologia», 10, 1966, p. 18, n.º 1; Régine Pernoud, *Le gaulois, ce technicien genial*, «Archeologia», 7, 1965, p. 22; Helli Roosens, *Quelques mobiliers funéraires de la fin de Vépoque romaine dans le nord de la France*. Brugge, 1962, est. III, 12.

⁽¹⁾ Michel Labrousse, *Les fouilles de Gergovie*, «Gallia», 8, 1950, p. 51, fig. 34. (Achados datados de c. 300 a.C. até aos fins do reinado de Tibério); G. Rancoulé, *L'oppidum protohistorique de la Lagaste*, «Cahiers figures de Préhistoire et de Archéologie», 14, 1965, p. 61, fig. 6, 2 e.

^(a) José Saénz de Buruaga, *Museo Arqueológico de Mérida*, «Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales», 6, 1945, est. I, 5; P. C. Blin, *La oilla gallo-romaine de Grury-Gadancourt*, «Gallia», 18, 1960, p. 176, fig. 22, (ocupada do começo do séc. n ao iv d.C.), Maurice Aliger, *L'oppidum de Noges*, «Ogam», 18, 1966, p. 231, fig. 13, est. 68, 41 (pinça sem atadura de um nível de 70 a.C.).

conservar-se fiéis à etimologia tradicional que fazia da *Ungula* um diminutivo de língua, pois que o côncavo da colher fazia lembrar a língua humana. Porém, casos havia em que a palavra lígula não podia ter esta etimologia, pois que se não assemelhava àquele órgão humano. Então, para se resolver esta dificuldade optou-se por distribuir em duas classes os termos *lingula* e *ligula*, fazendo derivar o primeira de língua ou *lingere* e o segunda, de *ligare*. Apesar de tudo isto, continuava a estabelecer-se confusão no emprego destas duas palavras, visto que a dissemelhança não era assim tão flagrante e, daí, o passar a usar-se, indiferentemente, *lingula* ou *ligula*, qualquer que fosse o seu sentido.

As lígulas podiam ser de metal, madeira, osso, marfim e até mesmo de vidro, e afectavam as formas e tamanhos mais diversos.

Duma maneira geral, a lígula era constituída por uma haste de madeira, metal, osso, etc., que terminava, numa das extremidades, por um engrossamento em forma de azeitona e, na outra, a maior parte das vezes, por uma colher. Outras têm num dos lados esta saliência olivar e, no outro, uma espátula em forma de pá, lembrando a lâmina de um escalpelo, mas não cortante. A colher ou espátula servia para retirar os óleos ou essências perfumadas dos recipientes em que estavam contidos e deitá-los, depois, sobre a barba, cabelos, ou qualquer outra parte do corpo. Com a saliência olivar misturavam-se e combinavam-se as substâncias. Servia, também, para extrair os cosméticos dos vasos de vidro em que estavam guardados.

Algumas lígulas mais primitivas e modestas possuíam, em vez de colher, uma pequena ranhura que fazia as mesmas vezes daquela, de que são exemplo as lígulas 1, 2, 3 e 4, existentes em Conimbriga. Por vezes desaparecia a protuberância em forma de azeitona e a extremidade surge-nos aguçada, ou enrolada sobre si mesma, devendo esta última fazer parte de algum estojo de toilette, como parece demonstrar a existência do orifício. A lígula n.º 10 é um exemplo deste tipo de lígula.

Podia confundir-se, às vezes, com a espátula, quer no seu formato, quer na sua aplicação. Todavia, as lígulas não serviam somente como instrumentos de toilette, mas tinham também aplicações na farmácia, medicina, cirurgia, pintura e em diversas indústrias. De formato semelhante, era a sonda ou escalpelo

de cirurgião (*specillum*), instrumento destinado a explorar e aplicar um medicamento onde o dedo não podia chegar, bem como os objectos usados pelos pintores para esmagar ou amalgamar as cores.

A lígula podia ainda desempenhar a função de vareta para limpar as orelhas.

LÍGULAS DE OSSO (EST. II)

- 1 — A colher, indistinta do pé, tem uma ranhura comprida e profunda. A secção é circular. Mede 120 mm de comprimento e 7,5 mm de largura máxima. Completa f¹).

Há outro fragmento de lígula deste tipo.

- 2 — De formato idêntico ao do anterior, tem todavia a ranhura muito menos comprida e profunda. A secção é circular. Tem 157 mm de comprimento e 6,5 mm de largura máxima. Completa.
- 3 — De extremidade arredondada, tem uma ranhura central do lado interno da colher. As costas desta são convexas. Tem 70 mm de comprimento e 11,5 mm de largura máxima. Incompleta.
- 4 — Idêntica à anterior, mas com a extremidade mais angulosa e uma ranhura menos funda. Tem 55 mm de comprimento e 11 mm de largura máxima. Secção circular.
- 5 — Colher quase circular, de cerca de 5,5 mm de diâmetro, formando ângulo obtuso com o cabo. Este tem 97 mm de comprimento e 3,5 de largura máxima. A secção inicial do cabo, oval, vai-se transformando, pouco a pouco, em circular. Completa (2).
- 6 — Análoga à anterior, diverge dela pela maior curvatura e menores dimensões da colher. Pé de secção circular. Completa. Tem 100 mm de comprimento e 3,5 mm de espessura.

Há mais seis lígulas semelhantes, mas incompletas.

f¹) José Belda, *Museo Arqueológico Provincial de Alicante*, «Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales», 6, 1945, est. LXXY, 10 (séc. i d.C.).

(2) M. Wheeler, *London in Roman Times*, Londres, 1946, est. XXVIII, 7; Jacques Heurgon, *Antiquités historiques — 1.ère circonscription*, «Gallia», 12, 1954, p. 135, fig. 10, 27.

LIGULAS DE BRONZE (EST. II)

- 7 — Semelhante às duas anteriores. A colher, circular, de 5 mm de diâmetro, forma ângulo obtuso com o cabo. Este alarga a partir da colher e chega a atingir a espessura de 5 mm, afuselando em seguida até à parte terminal. Secção circular. Tem 206 mm de comprimento total. Completa, apenas com a colher ligeiramente fragmentada, esta lígula foi achada pelo Doutor V. Correia nas suas escavações dos terrenos da Faculdade de Letras de Coimbra. Núm. inv. A. 140 f¹).

Há mais uma lígula deste tipo.

- 8 — Colher circular como a da lígula anterior. Secção circular. Tem 128 mm de comprimento, 2 mm de espessura máxima e cerca de 5 mm de diâmetro da colher. Incompleta. Encontrada pelo Doutor V. Correia nas suas escavações dos terrenos da Faculdade de Letras de Coimbra. Tem o núm. inv. A. 142.
- 9 — Colher circular, ligeiramente côncava, quase no alinhamento do pé, que se acha muito torcido. Tem 88 mm de comprimento, 2,2 mm de espessura máxima, cerca de 6 mm de diâmetro da colher. Completa mas em adiantada corrosão (²).
- 10 — Colher oval, muito côncava pelo interior e convexa nas costas. Cabo de secção poligonal, estriado. Tem 70 mm de comprimento, 3 mm de espessura, 8 mm de altura da colher. Pé torcido e incompleto, colher fragmentada.
- 11 — Lígula de pequenas dimensões, de colher quase circular, pouco espessa, formando ângulo bastante fechado com o cabo. A colher é ornamentada nas costas com sulcos oblíquos, dispostos para a esquerda e para a direita de um sulco vertical mediano. Tem 35 mm de comprimento, 1 mm de espessura e c. de 5 mm de diâmetro da colher. O cabo, de secção circular, está incompleto. (*)

(*) Miguel Oliva Prat, *Museo Arqueológico de Gerona*, «Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales», 6, 1945, est. XIII, n.º 22, 23. Werner Kramer, *Cambodunumforschungen* 1953, Kallmünz, 1957, est. 18, 5; G. E. Bonsor, *The archaeological sketch-book of the Roman necropolis at Carmona*, est. LXVIII.

(²) British Museum, *Antiquities of Roman Britain*, Londres, 1958, p. 12, fig. 5,4.

Há mais duas lígulas semelhantes a esta mas sem ornamentação.

- 12 — A característica mais importante desta lígula é a parte terminal do cabo, enrolada sobre si mesma, originando assim uma argola que serviria possivelmente para fixá-la a um molho de outros utensílios de toilette. A colher é oval e côncava. A secção do cabo é circular. Tem 77 mm de comprimento, 4,5 mm de espessura máxima, 10 mm de altura da colher.
- 13 — Colher circular formando ângulo obtuso com o cabo, ornamentado com profundo sulco em espiral. A secção do cabo é circular. Tem 69 mm de comprimento, 3 mm de espessura máxima e cerca de 5 mm de diâmetro da colher J¹).
- 14 — O cabo fusiforme é decorado com duas zonas, uma de sulcos oblíquos e paralelos entre si, outra de sulcos enxadrezados. A colher, circular e convexa, tem pronunciada inclinação. Tem 110 mm de comprimento, 5 mm de diâmetro da colher e 3 mm de espessura máxima. Secção circular.
- 15 — Colher espatulada em forma de amêndoa. Pé de secção circular aguçado na extremidade. Tem 62 mm de comprimento, 2,5 mm de espessura máxima e 17 mm de comprimento da colher. Está completa, mas fragmentada na colher. Núm. inv. A 146.
- 16 — O cabo termina de um lado numa colher circular e do outro numa espécie de azeitona delgada. O cabo é dividido em duas zonas desiguais por dois toros que rodeiam uma superfície barriloide, sendo o troço maior estriado. Tem 124 mm de comprimento, 2 mm de espessura máxima, 4 mm de diâmetro da colher. Completa.
- 17 — O pé, ornamentado por três anéis centrais, termina de um lado numa forma olivar e do outro numa colher estreita, comprida, côncava pelo interior e convexa nas costas, atravessada no fundo por um sulco pouco perceptível. A secção do cabo é circular. Mede 108 mm de comprimento, 2 mm de espessura máxima e 22 mm de comprimento da colher. Foi recolhida pelo Doutor V. Correia nos terrenos da Faculdade de Letras de Coimbra. Núm. inv. A. 141 (2). (*)

(*) Werner Krämer, *ob. cit.*, est. 18, 6 7.

(a) Giinter Ulbert, *Die römischen Donau-Kastelle Aislige nund Buirghöfe*, Berlin, 1959, est. 66, n.º 14; Miguel Oliva Prat, *art. cit.*, est. X, n.ºs 8 e 10.

- 18 — A colher, em forma de folha de salgueiro, é bastante cavada e de fundo em V. Um elemento barrilóide e um toro unem a colher ao cabo. Mede 81 mm de comprimento e 12,5 mm de largura máxima da concha. Núm. de inv. A. 144 ⁽¹⁾.
- 19 — Cabo de secção circular, espatulado em ambas as extremidades, sendo as espátulas de dimensões diferentes. Mede 123 mm de comprimento, 3,5 mm de espessura máxima e 23,5 mm de altura da espátula maior.
- 20 — A colher desta ligula é também espatulada, comprida, de formato rectangular e espessura laminar. O cabo, inicialmente de secção quadrangular, transforma-se progressivamente em circular e termina numa protuberância em forma de azeitona. É ornamentado por três estrias transversais. Tem 163 mm de comprimento, 3,5 mm de espessura máxima, 52 mm de altura da colher espatulada. Está completa mas em adiantado estado de corrosão ⁽²⁾.
- 21 — Cabo de secção circular, colher em forma de amêndoa, côncava do lado interno, unida ao cabo por três pequenos sólidos em forma de diamante. Tem 100 mm de comprimento.
- 22 — Cabo de secção circular, terminado numa das extremidades numa protuberância em forma de azeitona alongada. A colher, que se acha partida, era unida ao cabo por anéis sobrepostos. Mede 144 mm de comprimento.
- 23 — Cabo de secção quadrada, terminando numa das pontas em forma de azeitona. A colher unia-se ao cabo por anéis sobrepostos. Mede 104 mm de comprimento.
- 24 — Cabo enrolado helicoidalmente na parte central; anéis sobrepostos separam a parte lisa terminal, de secção circular rematada em azeitona. Mede 100 mm de comprimento. ^(*)

(*) A. Octavio Gil y Farrés, *Museo Arqueológico de Mérida*, «Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales», 5, 1944, est. II; Jacques Heurgon, *Informations*, «Gallia», 7, 1949, p. 109, fig. 7, n.º 10; G. Gaume e A. Högstran, *Note sur un instrument medical décoré gallo-romain*, «Revue Archéologique du Centre», 4, 1965, p. 278, fig. 1; Günther Simon, *Die römischen Funde aus dem Grabungen in Gross-Gerau*, 1965, p. 50, fig. 5.

(2) Octávio Gil y Farrés, *art. cit.*, est. II; British Museum, *Greek and Roman life*, 1908, p. 179, fig. 189 f; Edgar Polichet, *Eine römische Spachtel aus Wesen am Walensee*, «Ur-Schweiz», 29, 1965, p. 51, fig. 54.

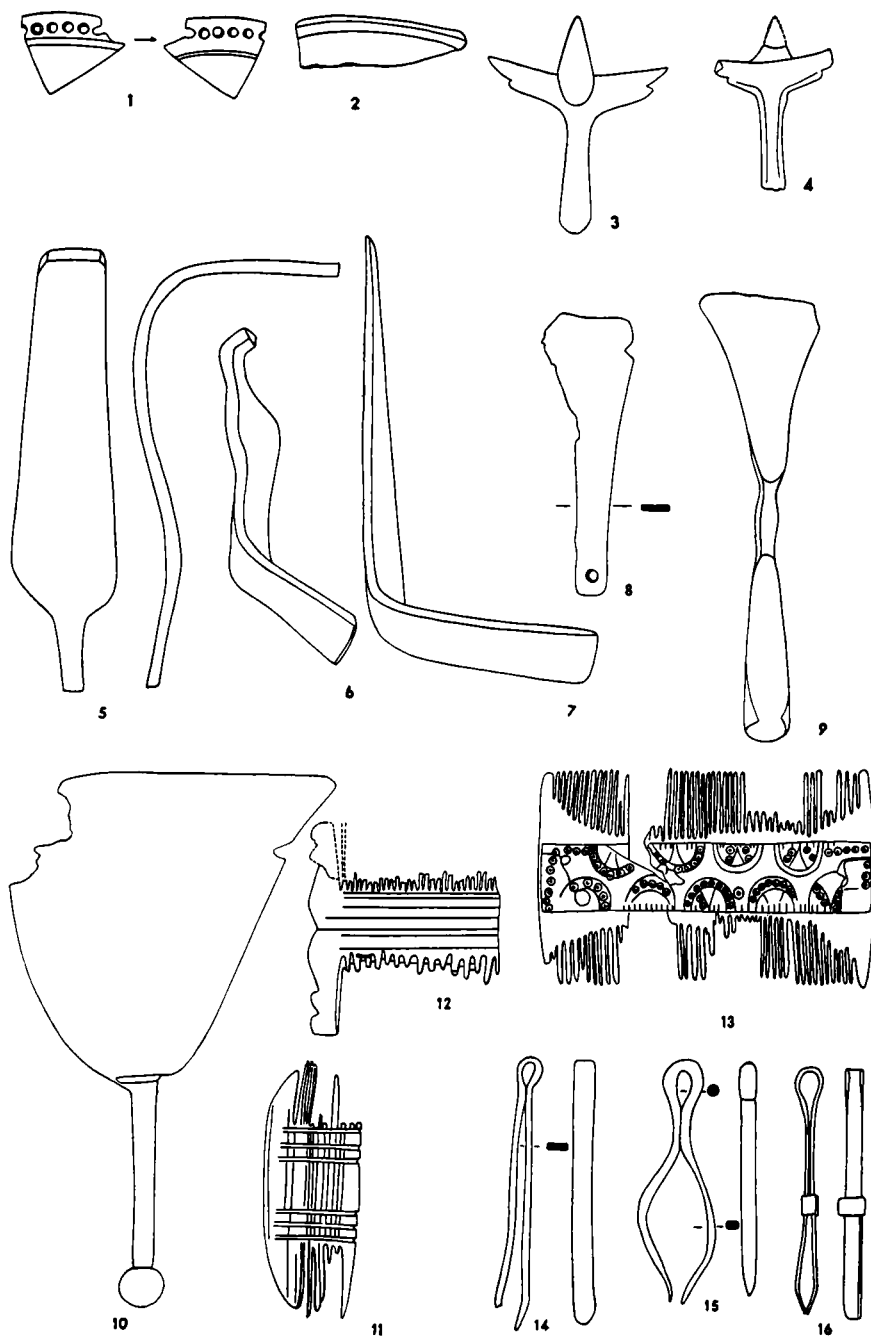
- 25 — Cabo estriado e remate em forma de azeitona alongada.
- 26 — Cabo parcialmente estriado separado por anéis da parte lisa, e remate em forma de azeitona alongada.
- 27 — Cabo de secção circular, estrangulado em pequena zona decorada por sulcos paralelos.

PLACA DE COSMÉTICOS (EST. II)

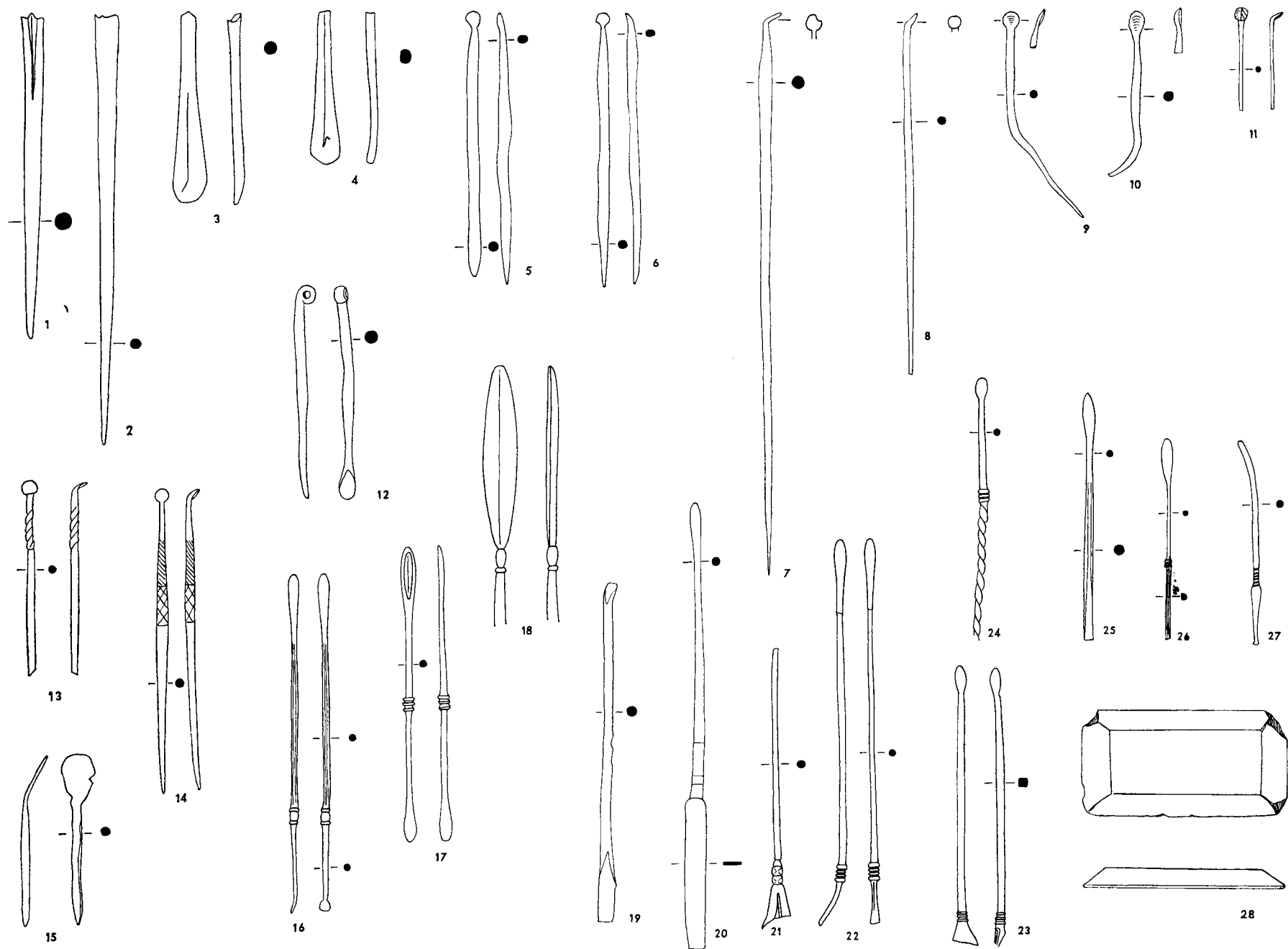
- 28 — De xisto cor de cinza, tem formato rectangular com 80 x 38 x 8 mm e lados talhados em bisel. Servia para preparar unguentos. Acha-se apenas ligeiramente esborcelada. Núm. inv. A. 143.

ELSA ÁVILA FRANÇA

(Página deixada propositadamente em branco)



(Página deixada propositadamente em branco)



(Página deixada propositadamente em branco)

MAIS ALGUMAS PEQUENAS COLECÇÕES DE VIDROS ROMANOS

Reunimos neste artigo alguns vidros romanos de várias colecções públicas e particulares portuguesas. Uma boa parte (1 a 12, 16 e 45), guardada no Museu Municipal de Alcácer do Sal, foi certamente encontrada no local da antiga Salácia. Outros (17 a 19, 21, 22, 28, 32, 34 a 36, 51, 52, 54 a 56) pertencem ao Instituto de Antropologia Doutor Mendes Corrêa da Faculdade de Ciências do Porto. Os do Museu Nacional de Machado de Castro (Coimbra) nem sempre têm indicação de proveniência: alguns foram achados no criptopórtico subjacente ao Museu (20, 30, 31); outros, no Pátio da Universidade (24, 27); os que não têm indicação foram, provavelmente, achados também no criptopórtico (37 a 39, 41, 44, 50, 57, 59). O Museu de Castro Guimarães (Cascais) guarda um balsamário proveniente de Tróia de Setúbal (15). Do Museu Monográfico de Conimbriga publica-se uma peça adquirida posteriormente à nossa publicação de *Vidros romanos de Conimbriga* (47). Na colecção do Dr. Nunes Ribeiro (Beja) encontram-se os números 14, 23, 25, 26, 40, 42, 43, 48, 49. Na do Eng.º Luís Bairrão (Tramagal, Abrantes), os números 29, 33, 53, 58. Na do Dr. Joaquim Torrinha (Vila Viçosa), o número 13. Finalmente, na do Dr. João de Figueiredo (Vila Viçosa), o número 46 *.

Além dos vasos de vidro, publicamos uma colecção de anéis, contas de colar e pedras de jogo guardadas no Museu Nacional Machado de Castro. São todos provenientes do criptopórtico sob o Museu, com excepção do anel da est. VI, 10, que foi encontrado todavia ainda nas cercanias do Museu.

* Agradecemos aos proprietários nomeados e aos directores dos museus citados a autorização que amavelmente nos concederam para estudarmos estes vidros.

UNGUENTARIOS

As várias formas dos unguentários 2 a 25 não são inéditas em Portugal. O número 2 é um unguentario tubular com estrangulamento na parte superior, idêntico a outros de Almeirim, necrópole da Horta das Pinas e museu de Faro (x). O tipo é datável da primeira metade do século i d.C.

Os números 2 e 3 são unguentários com estrangulamento a meia altura. O número 2 tem um reservatório estreito, enquanto o do número 3 é triangular. O primeiro, atribuível à segunda metade do século i d.C., tem paralelo em vidros de Bensafrim (2); o segundo data do século i d.C. e é idêntico a um exemplar de Bensafrim e outro da Biblioteca Nacional de Lisboa, este sem indicação de proveniência (3).

Os números 4 e 5 são demasiadamente pequenos para poderem ser classificados com rigor, mas datam do mesmo século.

Os números 6 e 7 são unguentários em forma de gota, já registados em Almeirim, Bensafrim, Monte Molião, Horta das Pinas, Tavira e sem indicação de proveniência no Museu Arqueológico da Fundação da Casa de Bragança em Vila Viçosa (4). Geralmente atribuídos aos reinados de Augusto e Tibério, fabricaram-se ainda pelo menos no reinado de Cláudio, como atesta o achado de Tavira referido.

O número 8 cabe no tipo I sings 27, para o qual a autora cita exemplos do século i ao iv. O nosso exemplar, pela qualidade do vidro, é possivelmente do século i ou n.

Os números 9 a 22 cabem nos tipos Isings 6 ou 26 que parecem menos frequentes em Portugal, pois apenas podemos citar um exemplo da Horta das Pinas e um outro sem indicação de proveniência, na Biblioteca Nacional de Lisboa (5). (*)

(*) Alarcão, 1963 (1), n.º 4; Alarcão, 1967, n.º 6; Alarcão, 1968, n.º 17.

(a) Alarcão, 1964, n.º 8.

(b) Alarcão, 1964, n.º 16; Alarcão, 1969, n.º 58.

(4) Alarcão, 1963 (1), n.º 5; Alarcão, 1964, n.ºs 1 e 2; Alarcão, 1967, n.º 58; Alarcão, 1968, n.º 3; Alarcão, 1967, n.ºs 57 e 59.

(5) Alarcão, 1967, n.º 56; Alarcão, 1969, n.º 56.

O número 12, por conservar apenas o gargalo, não se pode classificar com segurança.

O número 13 tem paralelos em Portalegre, Conimbriga, Jerumenha e Horta das Pinas (*); data da segunda metade do século i d.C.

O número 14 é forma que se encontra em Bensafrim e Monte Molião (?) e se pode atribuir à segunda metade do século i e aos inícios do ii d.C.

O número 15 é um unguentário de tipo Isings 82 B 2. Esta forma, que no Oriente parece ser da segunda metade do século n e mesmo do séc. m e iv, no Ocidente encontra-se já nos fins do i e inícios do n. Uma sepultura de Pombalinho, que publicámos em 1969 e atribuímos à primeira metade do século n, continha um unguentário deste tipo (3).

Quanto ao número 16, não encontramos paralelo. É, possivelmente, um pequeno balsamário do século i d.C.

- 1 – Vidro azul Caran d*Ache com impurezas negras e estrias resultantes da soflagem.

Irisão, picado, leitosidade ligeira. Levemente esborcelado.

Alt.: 100 mm. Diâm. máx. 26 mm. Exp. mín.: 0,5 mm.

Reservatório em forma de gota, fundo côncavo, gargalo curto com estrangulamento na base, bordo de arestas.

Proveniente de Alcácer do Sal.

Museu Municipal de Alcácer do Sal.

- 2 – Vidro ligeiramente tingido de verde-alface, com bolhas de ar.

Irisão, picado intenso. Incompleto.

Alt. 85 mm. Diâm. boca 23 mm. Esp.: 0,75 mm.

Gargalo alto, com estrangulamento na base, bocal afunilado, bordo de arestas polidas ao fogo.

Proveniente de Alcácer do Sal.

Museu Municipal de Alcácer do Sal.

I¹) Alarcão, 1963 (1), n.º 29; Alarcão, 1965, n.º 66; Alarcão, 1967, n.ºs 49 e 50.

(2) Alarcão, 1964, n.ºs 3 a 6; Alarcão, 1968, n.º 30.

(3) Jorge de Alarcão, *Espólio de uma sepultura luso-romana de Pombalinho (Santarém)*, «O Arqueólogo Português», Série III, 2, 1968, p. 82-83. Vide também Vessberg, 1955, p. 203-205 e Isings, 1957, p. 99.

- 3 — Vidro ligeiramente tingido de verde-gelo, com bolhas de ar, estrias de soflagem, pedra e impurezas negras.
Leitosidade incipiente embacia todo o vidro. Incompleto.
Alt.: 57 mm. Diâm. máx.: 27 mm. Esp.: 1 mm.
Reservatório em forma de gota, fundo côncavo com estrangulamento na base.
Proveniente de Alcácer do Sal.
Museu Municipal de Alcácer do Sal.
- 4 — Vidro verde-alface com bolhas de ar.
Picado intenso e ligeira irisão. Conserva-se apenas um fragmento do fundo.
Alt. 26 mm. Diâm. máx.: 23 mm. Esp. mín.: 2,5 mm.
Reservatório em forma de gota, fundo côncavo.
Proveniente de Alcácer do Sal.
Museu Municipal de Alcácer do Sal.
- 5 — Vidro verde-gelo de cor muito intensa, com bolhas, estrias da soflagem e impurezas.
Picado, crateras, ligeira irisão. Conserva-se apenas parte do reservatório.
Alt. 40 mm. Diâm. máx.: 23 mm. Esp. mín.: 1,5 mm.
Reservatório em forma de gota, fundo ligeiramente côncavo.
Proveniente de Alcácer do Sal.
Museu Municipal de Alcácer do Sal.
- 6 — Vidro azul Caran d'Ache.
Picado intenso e irisão. Ligeira leitosidade embacia todo o vidro.
Fragmentado e incompleto.
Alt.: 96 mm. Diâm. máx.: 34 mm. Esp. mín.: 0,5 mm.
Perfil em forma de gota, fundo ligeiramente côncavo.
Proveniente de Alcácer do Sal.
Museu Municipal de Alcácer do Sal.
- 7 — Vidro azul Caran d'Ache.
Picado intenso, irisão e ranhuras. Incompleto.
Alt.: 80 mm. Diâm. máx.: 24 mm. Esp. mín.: 0,75 mm.
Perfil em forma de gota, base ligeiramente côncava.
Proveniente de Alcácer do Sal.
Museu Municipal de Alcácer do Sal. ⁸
- 8 — Vidro verde-alface, com bolhas de ar.
Muito picado, com ranhuras e ligeira irisão. Incompleto.
Alt.: 80 mm. Diâm.: 20 mm. Esp.: 0,5 mm.
Reservatório tubular, fundo arqueado sem sustentação.
Proveniente de Alcácer do Sal.
Museu Municipal de Alcácer do Sal.

- 9 – Vidro azul Caran d*Ache, com bolhas de ar e estrias resultantes da soflagem.
Picado intenso, ranhuras e irisão. Fragmentado e incompleto no gargalo e no bordo.
Alt.: 78 mm. Diâm. máx.: 43 mm. Esp. mín.: 0,5 mm.
Reservatório ovóide muito largo, fundo côncavo, gargalo alto e cilíndrico, de perfil sinuoso, bocal afunilado, bordo polido ao fogo.
Proveniente de Alcácer do Sal.
Museu Municipal de Alcácer do Sal.
- 10 – Vidro cor de mel, com impurezas negras e estrias resultantes da soflagem.
Picado intenso, ranhuras cortando toda a espessura do vidro, irisão nacarada.
Fragmentado e incompleto.
Alt.: 55 mm. Diâm. máx.: 35 mm. Esp. mín.: 0,5 mm.
Reservatório ovóide, fundo côncavo, gargalo curto.
Proveniente de Alcácer do Sal.
Museu Municipal de Alcácer do Sal.
- 11 – Vidro azul Caran d*Ache com bolhas de ar.
Picado intenso e ligeira irisão. Incompleto.
Alt.: 39 mm. Diâm. boca: 20 mm. Esp.: 0,75 mm.
Gargalo canelado, possivelmente por torsão. Bordo polido ao torno.
Proveniente de Alcácer do Sal.
Museu Municipal de Alcácer do Sal.
- 12 – Vidro ligeiramente tingido de verde-alface.
Picado intenso, ranhuras muito fundas cortando toda a espessura do vidro.
Alt.: 78 mm. Diâm. boca: 36 mm. Esp. mín.: 1 mm.
Gargalo alto e cilíndrico, bordo envasado, repuxado para fora e depois dobrado para dentro sobre si mesmo, ultrapassando a linha interna do gargalo mas não em todo o circuito.
Proveniente de Alcácer do Sal.
Museu Municipal de Alcácer do Sal.
- 13 – Vidro verde-gelo.
Completo e intacto.
Alt.: 105 mm. Diâm. da boca: 30 mm. Diâm. máx.: 67 mm. Esp. 1 mm.
Reservatório bulbiforme, gargalo cilíndrico com ligeiro estrangulamento na base, bordo revirado para fora e depois para dentro, fundo côncavo.
Sem indicação de proveniência.
Colecção do Dr. Joaquim Torrinha (Vila Viçosa).

- 14 – Vidro verde-gelo, com bolhas de ar, espirais resultantes da soflagem e pedra.
Incompleto. Picado incipiente, manchas leitosas e irisão multicolor na face interna.
Alt.: 94 mm. Diâm. máx.: 29 mm. Esp.: 1 mm.
Reservatório triangular, fundo côncavo, gargalo alto, sobre o cilíndrico, estrangulado na base.
Proveniente de Fronteira (Alentejo).
Coleção do Dr. Nunes Ribeiro (Beja).
- 15 – Vidro verde-azeitona, com muitas bolhas de ar, estrias resultantes da soflagem e pedra.
Intacto, com irisão, principalmente no fundo, e concreções calcárias, sobretudo no reservatório.
Reservatório triangular achatado, fundo côncavo, gargalo alto e cilíndrico, bordo revirado para fora e depois para dentro.
Alt.: 195 mm. Diâm. da base: 105 mm. Diâm. boca: 42 mm. Esp. 1 mm.
Proveniente de uma sepultura de Tróia (Setúbal).
Oferecido em 23 de Setembro de 1940 pela Senhora D. Maria do Carmo Figueiredo.
Museu dos Condes de Castro Guimarães (Cascais).
- 16 – Vidro azul ultramarino.
Ligeiro picado e irisão. Incompleto.
Alt.: 21 mm. Diâm. do bocal: 21 mm. Esp. máx.: 3 mm.
Gargalo alto e cilíndrico, com estrangulamento bem marcado na base, bocal afunilado, bordo de arestas polidas ao fogo.
Proveniente de Alcácer do Sal.
Museu Municipal de Alcácer do Sal.

TAÇAS E COPOS

Os números 17 a 20 são taças caneladas, frequentes em outras estações luso-romanas do centro e norte do País. Dos números 18 e 20 conserva-se o suficiente para se verificar a existência de ranhuras decorativas pelo interior da copa, pormenor que, segundo Berger, caracteriza as taças anteriores a 30-40 d.C. Das outras não se poderá dizer senão que são do séc. i d.C. C).

O número 21 é certamente um fragmento de taça hemisférica. A exiguidade do fragmento torna impossível a determinação

(0 Berger, 1960, p. 18-19.

do diâmetro e difícil a da inclinação exacta da parede. Talvez esta fosse mais inclinada, dando à taça a forma de calote esférica. Seja como for, pertence a um grupo de taças moldadas, decoradas com ranhuras, ora pelo exterior ora por dentro, ora ainda nas duas faces, grupo de que G. Weinberg se ocupou recentemente (*), a propósito de taças de Tel Anafa (Galileia). Os exemplares mais antigos deste grupo são, até agora, os de Tel Anafa, datáveis de 150-75 a.C. Em Samaria-Sebaste, exemplares idênticos datam possivelmente do fim do século i a.C. O mesmo tipo encontrou-se em Camulodunum, em 61-65 d.C. (2). O fabrico deste tipo não veio, porém, certamente, até tão tarde: a data de Camulodunum poderá representar um *terminus* da utilização mas não do fabrico; este findou possivelmente na época de Augusto.

O número 22 pode pertencer a um copo de tipo Isings 29, forma que se fabricou no século i d.C.

O número 23 é uma taça de um tipo muito comum no forte claudiano de Hofheim. Em Portugal, o tipo encontrou-se no castro da Retorta, em Conimbriga (3) e em Miróbriga (4).

O número 24, embora difícil de classificar pela exiguidade do fragmento conservado, pode atribuir-se ao século i d.C. pela intensidade da cor. É possível que se trate de taça com o bordo em forma de aba.

Ao mesmo século se deve atribuir a taça número 25, que cabe no tipo Isings 42. Não conhecemos, em Portugal, taças do mesmo perfil.

O copo número 27 tem paralelo muito próximo em Conimbriga (5). Ao publicarmos este último, integrámo-lo num grupo para o qual sugerimos uma data no século ii ou inícios do iii d.C., sem todavia podermos apresentar provas concludentes.

O número 28 parece ser um prato de dimensões invulgares, para o qual não conhecemos paralelo.

f1) G. D. Weinberg, *Hellenistic glass from Tel Anafa in Upper Galilee*, «Journal of Glass Studies», Corning, 12, 1970, p. 17 s.

(2) Harden, in Hawkes e Hull, *Camulodunum. First report on the excavations at Colchester, 1930-1939*, Oxford, 1949, p. 301, n.º 56.

(3) Alarcão, 1965, n.º 47 e p. 40-41.

(4) Alarcão, 1968, n.º 69.

(5) Alarcão, 1965, n.º 126.

As taças de bordo engrossado ao fogo como os números 29 a 31 são uma forma frequente em Portugal. Em Conimbriga encontram-se perfis variados, que procuraremos sistematizar no relatório, que preparamos, das escavações luso-francesas. As taças de copa troncocónica, com bordo no seguimento da parede ou com um ligeiro envasamento, constituem uma das variantes mais comuns. Muito frequentes no século iv, estas taças fabricaram-se com igual abundância no v e devem ter-se mantido em data posterior (1).

A taça número 32, de copa arqueada como a popa de um barco, poderia ter o fundo arredondado ou com ligeiro achatamento para lhe dar maior estabilidade. Os paralelos mais próximos que conhecemos são dois exemplares do British Museum, ambos com decoração gravada (2). Também se pode aproximar esta forma de certas taças da Germânia, ora lisas ora decoradas (3), atribuíveis ao século iv d.C. A forma é também conhecida em Conimbriga e no Vale do Junco (4).

Os números 33 a 36 são copos troncocónicos do século iv ou v. Já em 1965 publicámos diversos perfis de copos deste mesmo tipo e época achados em Conimbriga. Nenhum, porém, permitia a reconstituição completa das formas. Novos achados feitos em Conimbriga e ainda inéditos, uma peça igualmente inédita da necrópole de Silveirona no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, os copos da necrópole do Beiral publicados por Fernando Lanhas (5), vêm acrescentar-se aos três perfis completos do Museu de Guimarães que publicámos em 1965 (6), permitindo formar

(1) Alarcão, 1965, p. 110 s. e 120 s.

(2) D. B. Harden e outros, *Masterpieces of Glass*. The British Museum, 1968, p. 72 s.

(3) Renate Pirling, *Neue Funde römischer Glaser aus Krefeld-Gellep*, «Kölner Jahrbuch», Band 9, 1967-68, p. 39 e fig. 8, 2, posterior a 341 d.C.; Fremersdorf, *Die römischen Glaser mit Schliff, Bemalung und Goldauflagen aus Köln*, Colónia, 1967, ests. 103, 230, 244, datáveis de 320-340 a 370.

(4) Alarcão, 1965, n.ºs 197-199; Maria Amélia Horta Pereira, *Monumentos Históricos do concelho de Mação*, Coimbra, 1970, p. 371.

(5) F. Lanhas, *O espólio de Beiral*, «Revista de Etnografia», Porto, 12 (1), Jan. 1969, p. 249 s.

(6) Alarcão, 1963, n.ºs 31, 34 e 35.

uma ideia das formas de copos em voga no Baixo Império, em Portugal.

Para o número 37 não encontramos paralelo.

Na tipologia de Isings, as taças de copa encovada a espaços regulares como a nossa 38 constituem o tipo 117, atribuído ao século iv d.C. No entanto, já em épocas anteriores encontramos taças sensivelmente das mesmas proporções e com o mesmo tipo de decoração ⁽¹⁾. É possível que as taças mais antigas tenham as paredes quase verticais.

O número 39 pertence a uma taça ou prato covo cuja forma não pode determinar-se pela exiguidade do fragmento.

17 – Vidro verde-gelo, muito brilhante.

Picado e com leitosidade incipiente. Conserva-se apenas uma canelura e parte da outra.

Diâm. da boca: 170 mm. Esp. mín.: 2 mm.

Bordo polido ao torno. As cabeças das caneluras são redondas.

Proveniente do Monte de Santa Maria, Fiães, Vila da Feira.

Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto.

18 – Vidro transparente, verde-gelo.

Riscado pelo uso.

Esp. mín.: 3 mm.

Tem, gravadas pelo interior, duas coroas circulares.

Proveniente das escavações de Ricardo Severo em Bagunte.

Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto.

19 – Vidro verde sombrio.

Picado. Conserva-se apenas uma canelura.

Esp. mín.: 1,5 mm.

Bordo polido ao torno. Canelura de cabeça facetada.

Achado em Bagunte em 1903.

Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto.

20 – Vidro azul Caran d'Ache.

Picado, com ranhuras e irisão ligeira.

Espessura mín.: 1,75 mm. ^(*)

(*) G. Müller, em *Jahrbücher des Staatlichen Vertranensmanner fir 1956-58*, «Bonner Jahrbücher», 59, 1959, p. 401 s., fig. 39, 6, em túmulo do século II d.C.

Tem duas ranhuras concêntricas do lado interno da parede.
Encontrado nos entulhos do criptopórtico de Aeminium.
Museu Nacional de Machado de Castro.

- 21 – Vidro translúcido, violeta.
Leitosidade muito ligeira, riscos causados pelo uso e ranhuras fundas.
Esp. mín.: 1,5 mm.
Tem uma canelura pelo interior. Bordo polido ao torno.
Proveniente da cidade de Terroso.
Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto.
- 22 – Vidro transparente, levemente tingido de azul-petróleo.
Picado ligeiro na face externa.
Alt. conservada: 57 mm. Diâm. da boca: 80 mm. Esp. mín.: 1,5 mm.
Copo ovóide; bordo de arestas, decorado com uma canelura e, sob ela, uma fina linha gravada.
Descoberto em 1903 na cidade de Bagunte.
Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto.
- 23 – Vidro translúcido, azul-ultramarino.
Picado, com irisão multicolor e riscos feitos pelo uso.
Diâm. da boca: 90 mm. Esp. 2 mm.
Decorado com caneluras gravadas. Marcas visíveis de polimento ao torno.
Coleção do Dr. Nunes Ribeiro (Beja).
- 24 – Vidro azul ultramarino com algumas bolhas de ar.
Irisado e riscado.
Diâm. do pé: 90 mm. Esp. mín.: 0,75 mm.
Fragmento de taça com pé apertado com turquês.
Encontrado em 1949 no pátio da Universidade de Coimbra, ao assentar-se a estátua de D. João III.
Museu Nacional de Machado de Castro.
- 25 – Vidro levemente tingido de verde-musgo, com muitas bolhas de ar, filandrado e com pedra.
Intacto, com leitosidade incipiente e ligeiro picado. Riscado pelo uso.
Diâm. máx.: 110 mm. Alt.: 35 mm. Esp.: 1 mm.
Parede em S, fundo côncavo, pé apertado com turquês.
Encontrado em Fronteira (Alentejo).
Coleção do Dr. Nunes Ribeiro (Beja).
- 26 – Vidro muito ligeiramente tingido de verde-maçã.
Picado intenso. Irisão multicolor.
Esp.: 2 mm.

Bordo em forma de pequena aba ligeiramente encurvada.
Proveniente das Represas (Beja).
Colecção do Dr. Nunes Ribeiro (Beja).

27 – Vidro incolor.

Leitoso, irisado.

Diâm. da boca: 78 mm. Esp. mín.: 0,5 mm.

Copa troncocónica, bordo envasado, de arestas.

Encontrado em 1949 no pátio da Universidade de Coimbra, ao assentar-se a estátua de D. João III.

Museu Nacional de Machado de Castro.

28 – Vidro muito ligeiramente verde-gelo.

Conservam-se dois fragmentos, muito irisados em ambas as faces.

Diâm. máx.: 320 mm. Esp.: 2 mm.

Proveniente do Monte de Santa Maria, Fiães, Vila da Feira.

Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto.

29 – Vidro verde-maçã, com muitas bolhas de ar.

Picado incipiente e irisação nacarada.

Diâm.: 148 mm. Esp. mín.: 0,5 mm.

Bordo engrossado ao fogo. Decorado com um cordão de vidro branco enrolado em duas voltas, na maior parte desfeito.

Encontrado no Tramagal (Abrantes), em propriedade do Eng. Luís Bairrão, em cuja posse se encontra.

30 – Vidro verde-azeitona com algumas bolhas de ar.

Riscado pelo uso.

Diâm. da boca: 190 mm. Esp. mín.: 0,5 mm.

Fragmento de taça de bordo engrossado e polido ao fogo.

Encontrado nos entulhos do criptopórtico de Aeminium.

Museu Nacional de Machado de Castro.

31 – Vidro verde-alface, com bolhas de ar e pedra.

Riscado pelo uso.

Diâm. da boca: 176 mm. Esp. mín.: 0,5 mm.

Fragmento de taça de bordo engrossado e polido ao fogo.

Encontrado nos entulhos do criptopórtico de Aeminium.

Museu Nacional de Machado de Castro.

32 – Vidro verde-azeitona com raras bolhas de ar.

Riscado pelo uso.

Diâm. máx.: 180 mm. Esp. 2 mm.

- Copa encurvada como a popa de um barco, decorada com duas faixas de linhas finamente incisas. Bordo de arestas vivas.
Proveniente do Monte de Santa Maria, Fiães, Vila da Feira.
Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto.
- 33 — Vidro verde-musgo, coalhado de bolhas de ar.
Picado e riscado pelo uso.
Diâm. da boca: 128 mm. Esp. 1,5 mm.
Paredes oblíquas e bordo envasado.
Encontrado no Tramagal, em propriedade do Eng. Luís Bairrão, em cuja posse se encontra.
- 34 — Vidro levemente tingido de verde-maçã, com estrias resultantes da soflagem e coalhado de bolhas de ar.
Ligeira leitosidade embacia todo o vidro.
Diâm. da boca: 100 mm. Esp. mín.: 1 mm.
Paredes oblíquas, bordo envasado e de arestas vivas.
Proveniente do Monte de Santa Maria, Fiães, Vila da Feira.
Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto.
- 35 — Vidro verde-azeitona, com algumas bolhas de ar.
Leitosidade incipiente.
Diâm. da boca: 100 mm. Esp.: 1,5 mm.
Paredes oblíquas, bordo engrossado e polido ao fogo.
Proveniente de Vila Nova de Telha.
Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto.
- 36 — Vidro verde-azeitona, com muitas bolhas de ar.
Leitosidade incipiente.
Diâm. de boca: 100 mm. Esp. mín.: 1 mm.
Parede oblíqua, bordo ligeiramente envasado e de arestas vivas.
Proveniente de Vila Nova de Telha.
Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto.
- 37 — Vidro incolor, com muitas bolhas de ar.
Irisão muito espessa, nacarada.
Diâm. da boca: 106 mm. Esp.: 1 mm.
Fragmento da copa de um cálice, decorada com um cordão de vidro branco em três voltas, sendo a de cima ligeiramente mais grossa.
Encontrada provavelmente no criptopórtico de Aeminium.
Museu Nacional de Machado de Castro.

- 38 — Vidro incolor, com bolhas de ar miúdas.
Irisão branca esmaltada.
Diâm. da boca: 120 mm. Esp.: 1,5 mm.
Fragmento de copa de uma taça decorada com depressões ovais. Sob o bordo de arestas polidas ao torno corre uma ranhura.
Encontrado provavelmente no criptopórtico de Aeminium.
Museu Nacional de Machado de Castro.
- 39 — Vidro incolor.
Leitoso.
Esp. min.: 1 mm.
Fundo de taça decorada com facetas lapidadas em forma de grãos de arroz entre coroas circulares de ranhuras.
Encontrado provavelmente no criptopórtico de Aeminium.
Museu Nacional de Machado de Castro.

OUTRAS FORMAS

O perfil do número 40, reconstituído a partir dos fragmentos que restam e não permitem recompor o jarro, não é inteiramente seguro; parece-nos, todavia, o mais provável. Assemelha-se a um tipo cipriota publicado por Harden e Vessberg (x).

Os números 41 e 42 são fundos de garrafas prismáticas moldadas, de tipo Isings 50, atribuíveis à segunda metade do século i ou já ao ii d.C.

O número 43 é resto de uma asa de skyphos de tipo Isings 39, que devemos atribuir à segunda metade do século i d.C.

O número 44 é uma asa delfiniforme de um aríbalo de tipo Isings 61. A duração deste tipo, de que há exemplares desde o século i à época de Constantino, não permite precisar a cronologia. Frequente noutras províncias do Império, o aríbalo de asas delfiniformes é raro em Portugal; encontrou-se todavia em Conimbriga e talvez nos arredores de Torres Novas, em cujo museu se encontra um exemplar (2).

f) Harden, *Roman tombs at Vasa: the glass*, «Report of the Department of Antiquities, Cyprus, 1940-48», 1955, fig. 23, a e Vessberg, 1956, fig. 46, 5. Harden data este tipo do seu período I (anterior a 250) e Vessberg atribui-o à época dos Antoninos e Severos.

(2) Alarcão, 1965, p. 53 s. e 1963 (1), p. 371.

O número 45 é fragmento de urna cinta decorativa que acompanhava parcialmente o bordo de um jarro de tipo Isings 56 ou 57 atribuível ao século i d.C.

O número 46 não tem paralelo próximo; a simplicidade da forma permite atribuí-lo a qualquer época entre o século i e o iv.

O número 47, que não incluímos na nossa publicação dos vidros de Conimbriga por ter sido adquirido posteriormente, tem paralelo muito próximo numa peça da colecção Amatller, que Gudiol atribuiu aos séculos i-iii (x). Não havendo paralelos estratificados é com certa reserva que aceitamos esta cronologia.

Os números 48 a 50, pela sua exiguidade, são difíceis de classificar. É possível que o primeiro seja resto de uma grande urna e o segundo de um copo Isings 37.

São comuns no século iv d.C. as garrafas cilíndricas, armadas de uma asa, que têm o número 126 da tipologia de Isings. É a esta forma que pertencem os nossos números 51 a 53.

O número 54 é certamente um boião, mas não podemos classificá-lo com segurança.

Os números 55 a 59 são pés de lâmpadas, datáveis dos fins do século iv d.C. pelo mais cedo, de que publicámos já alguns exemplares de Conimbriga (2).

40 — Vidro incolor, com laivos cor de vinho devido a impurezas de sais metálicos, bolhas de ar e estrias resultantes de soflagem.

Fragmentada e incompleta. Picada.

Alt. provável: c. 90 mm. Diâm. da boca: 30 mm. Esp.: 1 mm.

Bojo bulbiforme, gargalo cilíndrico, bordo ligeiramente revirado para dentro. Asa com apoio para o polegar.

Proveniente de Fronteira (Alentejo).

Colecção do Dr. Nunes Ribeiro (Beja).

41 — Vidro verde-gelo, com muitas bolhas de ar, grandes e circulares.

Irisado, riscado sobretudo pelo interior.

Fundo moldado, quadrangular. Nos cantos teria círculos com o centro marcado por uma pérola. O motivo central parece ser uma roseta (*)

(*) J. Gudiol y Cunill, *Catalech deis vidres de la colecció Amatller*, Barcelona, 1925, n.º 10.

(2) Alarcão, 1965, n.º 245 s.

de seis pétalas inscrita num círculo. As pontas da roseta são unidas pelos lados arqueados de um hexágono inscrito no mesmo círculo.

Encontrado provavelmente no criptopórtico de Aeminium.

Museu Nacional de Machado de Castro.

- 42 – Vidro verde-gelo.
Picado e com irisão multicolor.
Fundo moldado decorado com círculos concêntricos relevados.
Proveniente das Represas (Beja).
Colecção do Dr. Nunes Ribeiro (Beja).
- 43 – Vidro azul-cobalto escuro.
Muito picado e com irisão multicolor.
Esp.: 2 mm.
Plataforma superior de uma asa de skyphos.
Proveniente das Represas (Beja).
Colecção do Dr. Nunes Ribeiro.
- 44 – Vidro verde-gelo, com algumas bolhas de ar e impurezas negras.
Riscado.
Asa delfiniforme.
Encontrado provavelmente no criptopórtico de Aeminium.
Museu Nacional de Machado de Castro.
- 45 – Vidro verde-esmeralda.
Picado, com irisão e crateras.
Parte do abraço decorativo de um bordo que parece mais trilobado do que circular.
Proveniente de Alcácer do Sal.
Museu Municipal de Alcácer do Sal.
- 46 – Vidro azulado.
Intacto.
Alt.: 100 mm. Diâm. máx.: 85 mm. Esp. 2 mm.
Reservatório esférico decorado com linhas gravadas, fundo muito umbilicado, gargalo cilíndrico curto, bordo repuxado para fora, depois para dentro e para cima, formando uma pequena aba descaída.
Encontrado em propriedade do Dr. João de Figueiredo em Defesa de Cima, no concelho de Borba.
Colecção do Dr. João de Figueiredo (Vila Viçosa).
- 47 – Vidro translúcido, castanho-lilás.
Completo e intacto, muito picado, irisado, com concreções calcárias.
Alt.: 66 mm. Diâm. máx.: 49 mm. Esp. mín.: 2,5 mm.
Bojo esférico, gargalo cilíndrico, bordo de arestas polidas ao torno.
Decorado com caneluras, mais salientes no gargalo do que no bojo.
Marca de pontel visível na base.

Proveniente de Conimbriga, segundo informação da vendedora.
Adquirido a D. Anna Pessanha em 1968.
Museu Monográfico de Conimbriga.

- 48 – Vidro translúcido azul-ultramarino.
Picado, com irisão multicolor e ranhuras cortando toda a espessura do vidro.
Diâm. da boca: 130 mm. Esp. mín.: 1 mm.
Bordo em forma de gola alta.
Colecção do Dr. Nunes Ribeiro (Beja).
- 49 – Vidro verde quase esmeralda, transparente.
Muito picado e com irisão multicolor.
Diâm. da boca: 120 mm. Esp. mín.: 1 mm.
Bordo em forma de gola como o anterior.
Colecção do Dr. Nunes Ribeiro (Beja).
- 50 – Vidro incolor, com muitas bolhas de ar.
Irisão nacarada.
Diâm. da base: 42 mm. Esp.: 1 mm.
Base de uma taça ou jarro, de pé apertado com turquês.
Encontrado provavelmente no criptopórtico de Aeminium.
Museu Nacional de Machado de Castro.
- 51 – Vidro verde-azeitona, com bolhas de ar e estrias resultantes da soflagem.
Diâm. da boca: 60 mm. Esp.: 2 mm.
Gargalo cilíndrico, bordo envasado e decorado exteriormente com um cordão de vidro da mesma cor.
Proveniente do Monte de Santa Maria, Fiães, Vila da Feira.
Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto.
- 52 – Vidro verde-musgo, cheio de bolhas de ar e estrias resultantes da soflagem, com impurezas negras.
Diâm. da boca: 64 mm.
Bocal afunilado, decorado com um cordão de vidro da mesma cor.
Um dos lados conserva-se até ao ombro, mostrando vestígios de asa.
O outro conserva-se apenas em pequena porção da parte superior.
Proveniente do Monte de Santa Maria, Fiães, Vila da Feira.
Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto.
- 53 – Vidro verde-musgo, coalhado de bolhas de ar e com pedra.
Muito irisado, riscado.
Esp.: 2 mm.
Fragmento da parede e ombro de uma garrafa cilíndrica.
Encontrado no Tramagal (Abrantes), em propriedade do Eng. Luís Bairrão, em cuja posse se encontra.

- 54 — Vidro verde-azeitona.
Ranhuras fundas cortam toda a espessura do vidro.
Alt.: 30 mm. Esp.: 3 mm.
Colo encurvado, bordo revirado para dentro.
Proveniente do Monte de Santa Maria, Fiães, Vila da Feira.
Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto.
- 55 — Vidro verde-musgo, com ligeiras bolhas de ar.
Riscado pelo uso.
Alt.: 62 mm. Diâm. da base: 27 mm. Esp. mín.: 2 mm.
Pé troncocónico com rebarbas na face inferior.
Proveniente do Monte de Santa Maria, Fiães, Vila da Feira.
Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto.
- 56 — Vidro verde-maçã, com algumas bolhas de ar.
Picado e muito riscado pelo uso.
Alt.: 48 mm. Diâm. do pé: 20 mm.
Copa ovoide assente num pé cilíndrico curto.
Proveniente do Monte de Santa Maria, Fiães, Vila da Feira.
Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto.
- 57 — Vidro verde-azeitona, com muitas bolhas de ar.
Muito riscado e com ranhuras.
Diâm. máx. do pé: 160 mm. Alt. 56 mm. Esp. mín.: 2 mm.
Fundo de copa ovóide e pé em forma de bago.
Encontrado provavelmente no criptopórtico de Aeminium.
Museu Nacional de Machado de Castro.
- 58 — Vidro verde-musgo, com bolhas e ar e pedra.
Muito riscado pelo uso.
Alt.: 45 mm. Diâm. do pé: 2 mm. Esp. mín.: 1 mm.
Fundo de copa ovóide e pé de perfil em U.
Encontrado no Tramagal (Abrantes), em propriedade do Eng. Luís Bairrão, em cuja posse se encontra.
- 59 — Vidro verde-musgo, com bolhas de ar.
Riscado e com ligeira irisão.
Diâm. do pé: 20 mm. Alt.: 42 mm. Esp. mín.: 1,25 mm.
Fundo de copa ovóide e pé de perfil em U.
Encontrado provavelmente no criptopórtico de Aeminium.
Museu Nacional de Machado de Castro.

PEÇAS VÁRIAS

O Museu Nacional de Machado de Castro tem ainda alguns anéis, contas de colar, pedras de jogo, etc., que publicamos ãas estampas VI e VII em tamanho natural. Quanto aos anéis e contas, não podemos garantir que sejam todos romanos, não obstante terem sido achados no criptopórtico de Aeminium. Com excepção do anel 20, todas as outras peças foram achadas nos entulhos do criptopórtico. Aquele foi encontrado nas imediações do Museu, conforme indica uma etiqueta que diz: «Nas fundações do novo pavilhão contíguo ao portal de S. Tomás. A 1,50 m. do terreno actual sobre uma camada de opus signinum encontrou-se este anel em 24-25 de Agosto de 1937».

Os anéis 2 a 23 são todos de vidro negro, com excepção do 6, castanho-âmbar muito escuro, do 7, castanho-negro, do 22, âmbar e 23, azul-cobalto claro. O número 10 tem o aro espiralado; a mesa é feita de um cordão de vidro enrolado em espiral, eriçada de agulhas de cabeça arredondada. O 23 tem as extremidades reviradas para fora, soldadas e achatadas de modo a formar uma pequena mesa.

O número 14 é uma cânula de vidro incolor, espiralada. O tipo é frequente nos séculos i e n e usava-se para agitar cosméticos e retirá-los dos unguentários.

As contas de colar são de vidro cor de âmbar 25, verde-esmeralda 26, verde-alface 27, azul Caran d'Ache 23, ouro velho 19 e verde-relva amarelado 20.

As pedras de jogo 22, 22 e 27 a 32 são de cor castanho-negra. As n.^{os} 23 e 22, de vidro incolor. A 25, branco leitoso. A 26, verde-esmeralda. A 32, cor de âmbar.

A peça 33 é feita de dois fios de vidro, um cor de âmbar, outro verde-alface, enrolados em espiral. Finalmente, a 34 é de vidro verde-musgo. O uso destas peças é incerto (1).¹

¹) Harden, *Roman glass from Karanis*, Michigão, 1936, p. 295, considera estas peças como elementos das cânulas como a n.º 14 deste nosso artigo; atravessadas pela cânula, serviriam de tampa aos balsamários. E. B. Dusenbery, *Ancient glass from the cemeteries of Samothrace*, «Journal of Glass Studies», 9, 1967, p. 49, considera-os como botões de apertar vestuário.

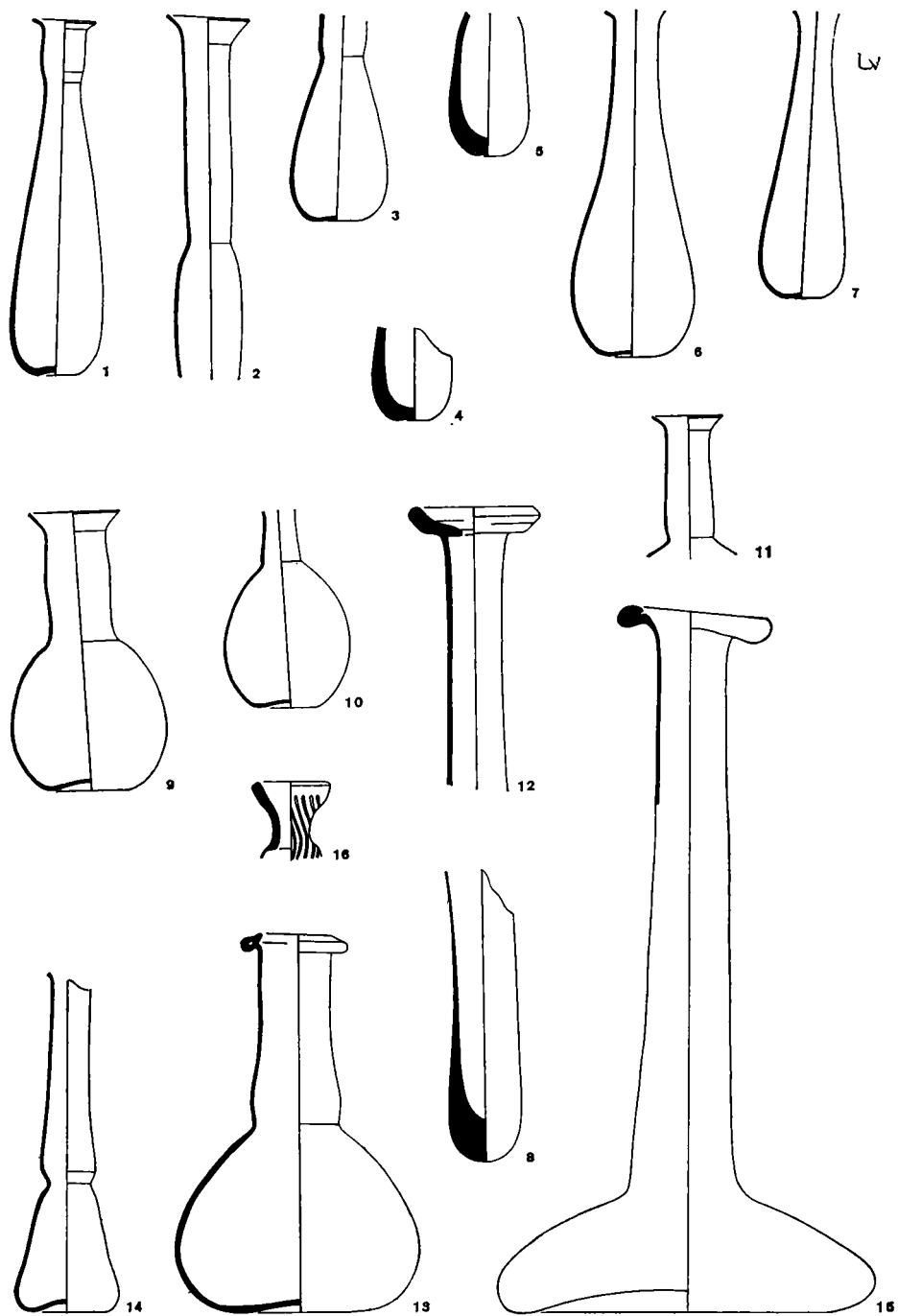
ABREVIATURAS USADAS

- Alarcão, 1963: J. e A. Alarcão, *Vidros romanos do Museu de Martins Sarmento*, «Revista de Guimarães», Guimarães, 73(1-2), Jan.-Jun. 1963, p. 175-209.
- Alarcão, 1963(1): J. e A. Alarcão, *Quatro pequenas colecções de vidros romanos*, «Revista de Guimarães», Guimarães, 73(3-4), Jul.-Dez. 1963, p. 367-390.
- Alarcão, 1964: J. e A. Alarcão, *Vidros romanos do Museu Municipal da Figueira da Foz*, «Revista de Guimarães», Guimarães, 74(1-2), Jan.-Jun. 1964, p. 79-120.
- Alarcão, 1965: J. e A. Alarcão, *Vidros romanos de Conimbriga*, Conimbriga, 1965.
- Alarcão, 1967: J. Alarcão, *Vidros romanos do Museu Arqueológico de Vila Viçosa*, «Conimbriga», Coimbra, 6, 1967, p. 1-45.
- Alarcão, 1968: J. Alarcão, *Vidros romanos de museus do Alentejo e Algarve*, «Conimbriga», Coimbra, 7, 1968, p. 7-39.
- Alarcão, 1969: J. Alarcão e Manuela Delgado, *Biblioteca Nacional de Lisboa, Catálogo do Gabinete de Numismática e Antiguidades, 1. Parte, Antiguidades ibéricas e romanas*, Lisboa, 1969.
- Berger, 1960: L. Berger, *Römische Gläser aus Vindonissa*, Basileia, 1960.

JORGE DE ALARCÃO

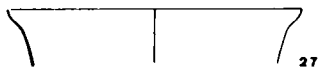
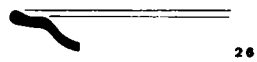
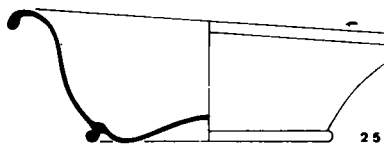
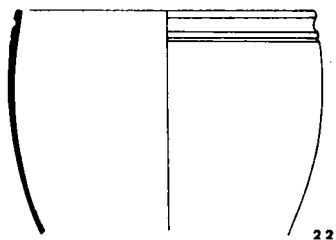
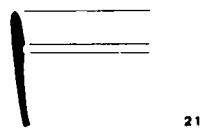
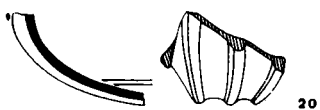
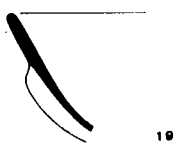
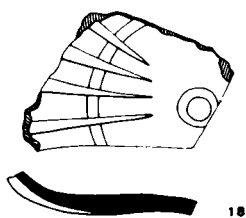
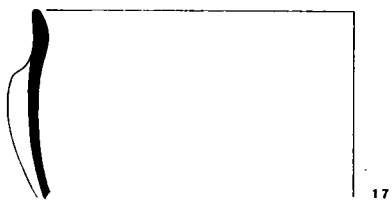
(Página deixada propositadamente em branco)

Est. I

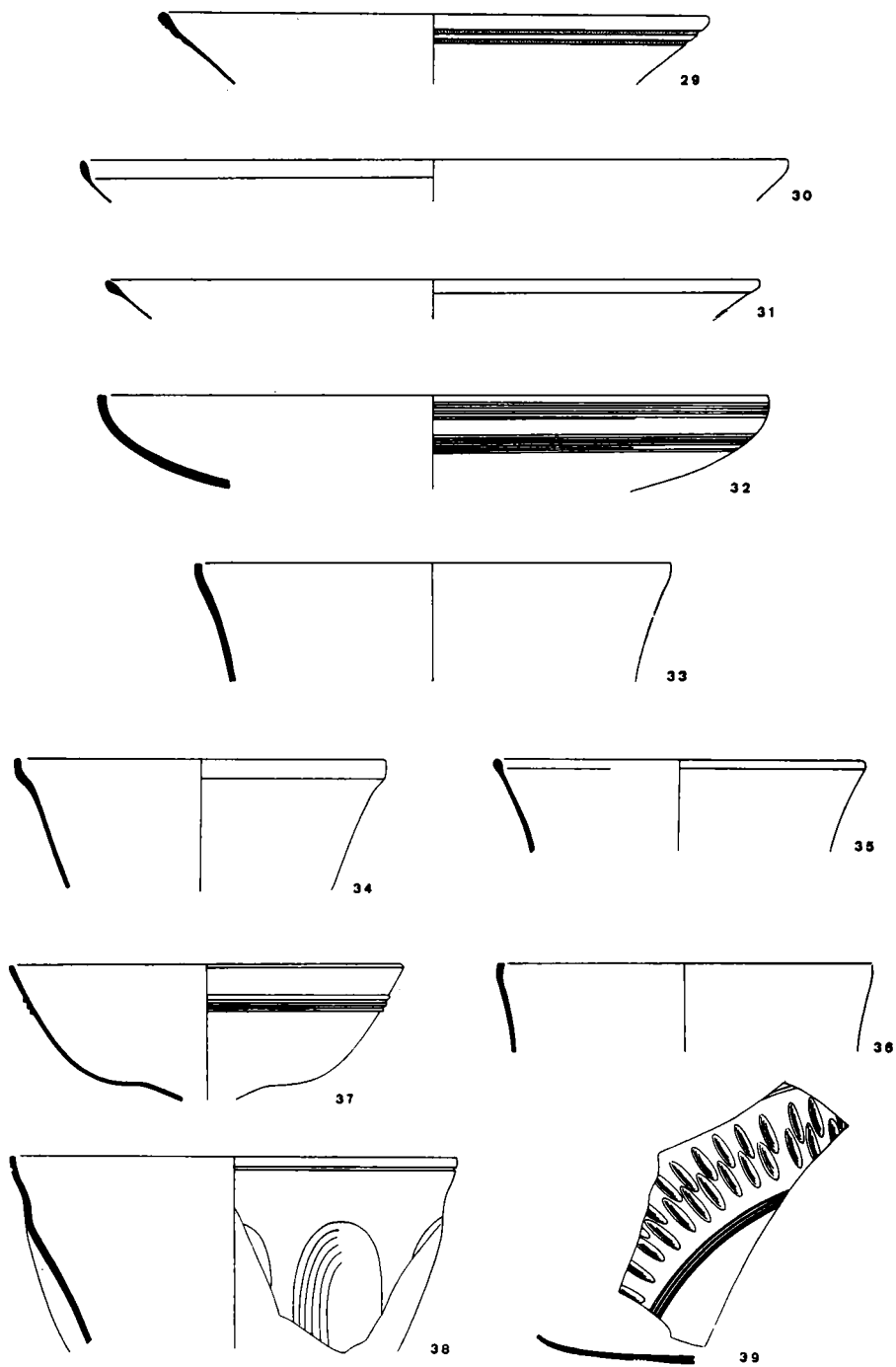


Esc. 1:2

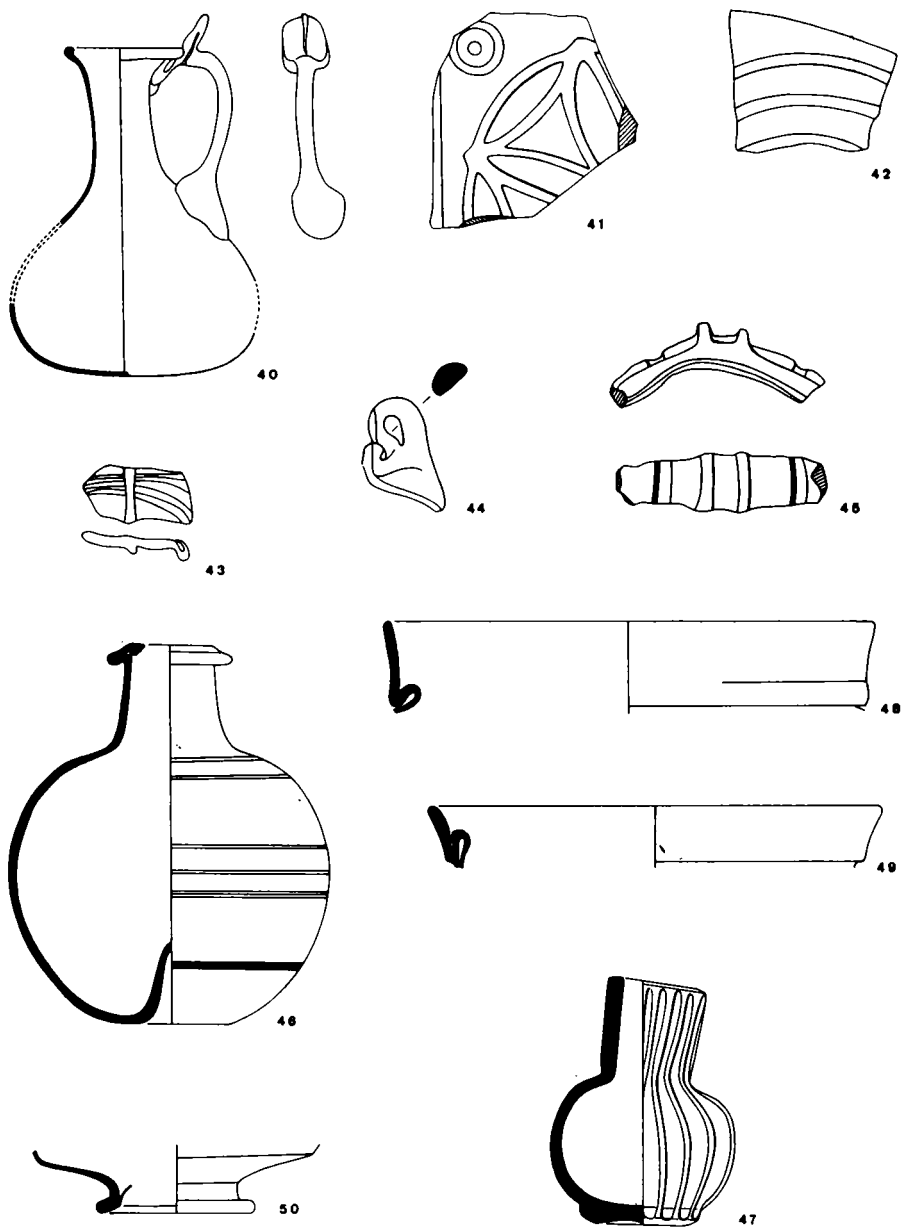
Est. II



Esc. 1:2

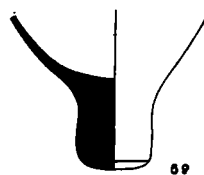
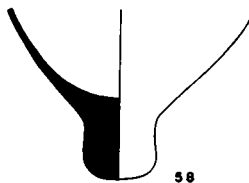
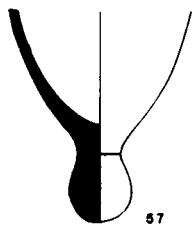
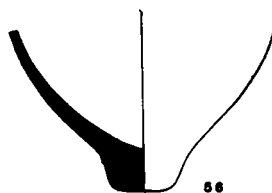
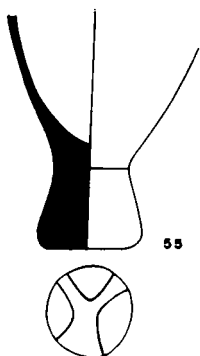
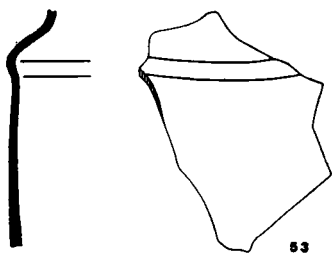
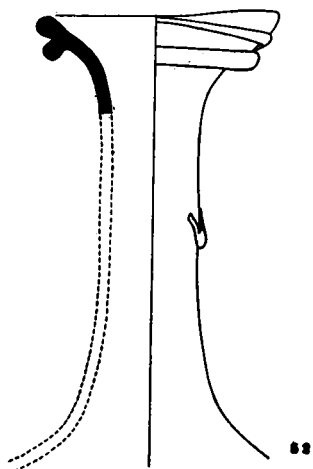
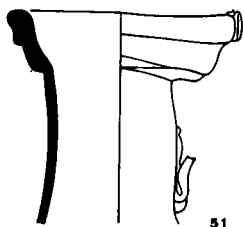


Est. IV

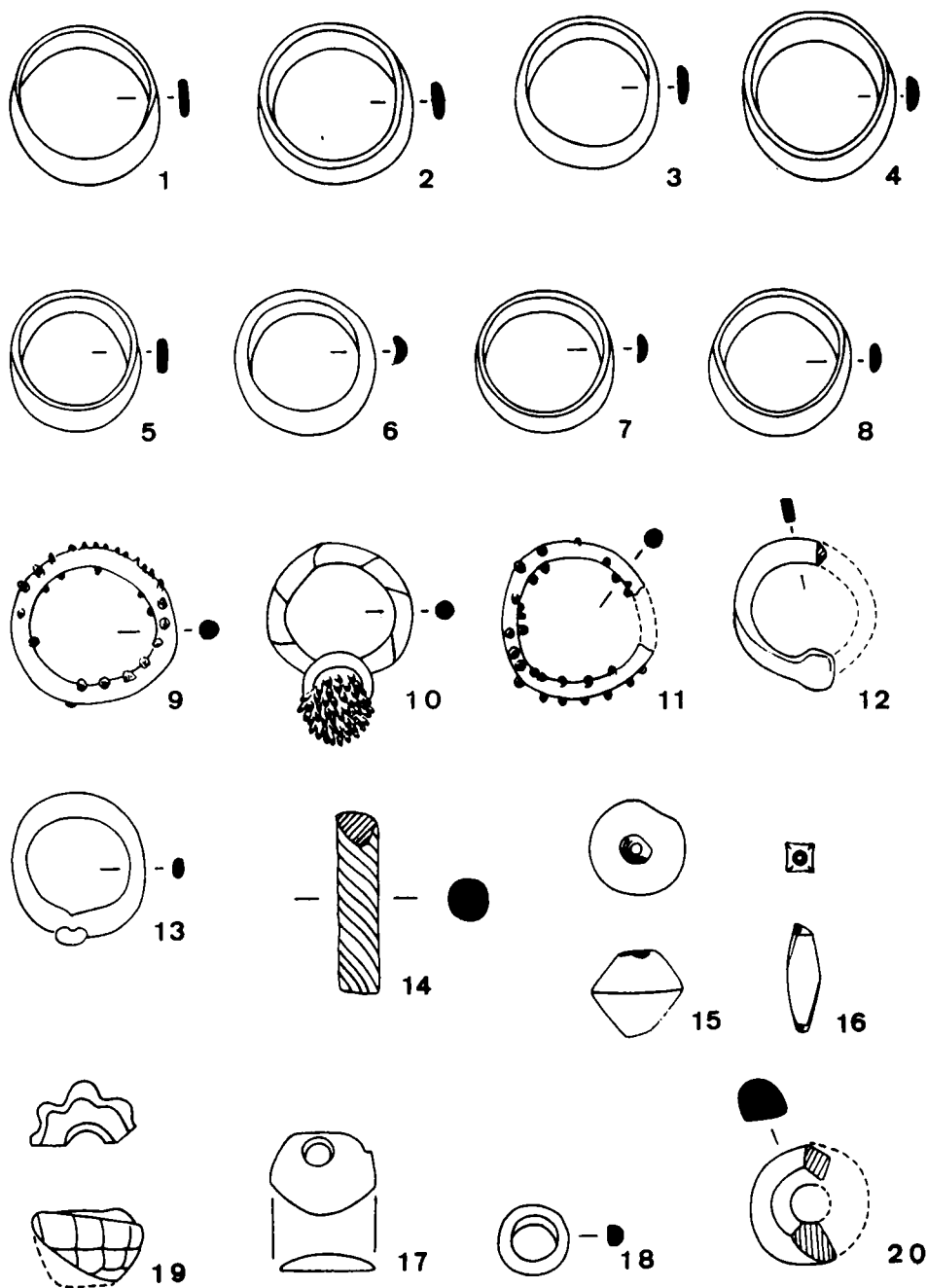


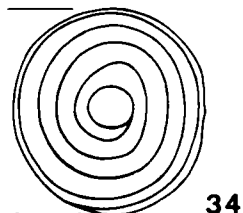
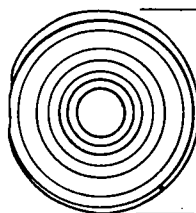
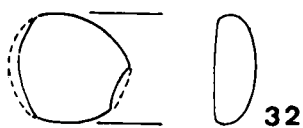
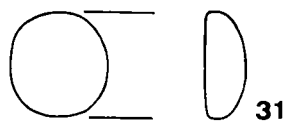
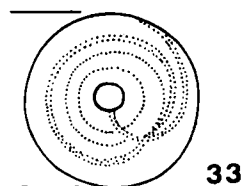
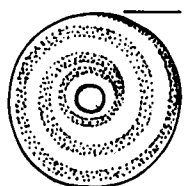
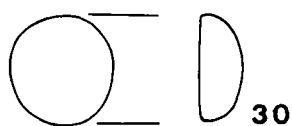
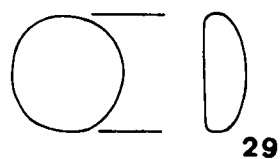
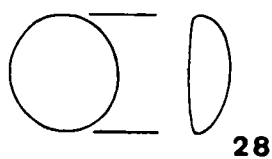
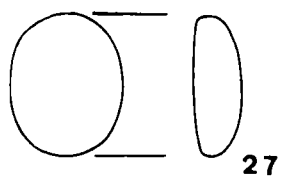
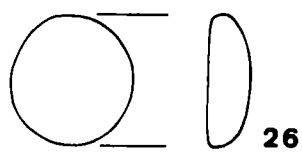
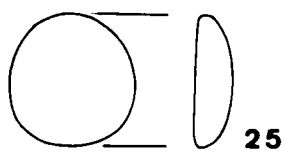
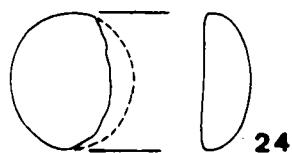
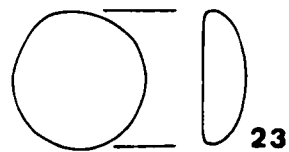
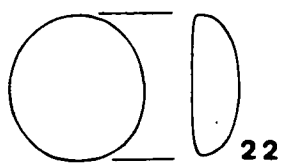
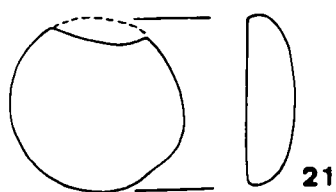
Esc. 1:2

Est. V



Esc. 1:2





(Página deixada propositadamente em branco)

«TERRA SIGILLATA» DO MUSEU MACHADO DE CASTRO

A Secção de Arqueologia do Museu Nacional de Machado de Castro, em Coimbra, possui uma pequena colecção de fragmentos de «Terra Sigillata» cuja importância justifica a sua publicação pormenorizada.

Descrevemos e ilustrámos 72 fragmentos. O mesmo não fizemos para aqueles poucos cujas reduzidas dimensões os tornam pouco significativos; trata-se apenas de 3 pequenos fragmentos de T. S. hispânica lisa pertencentes ao núcleo do pátio da Universidade e de um de T. S. itálica e de outro de T. S. hispânica provenientes do criptopórtico romano que se encontra sob o edifício do Museu.

O material estudado é, na sua maioria, de proveniência desconhecida. Exceptuam-se os fragmentos que em 1949 foram recolhidos no pátio da Universidade, em condições já há muito divulgadas⁹; entre eles contam-se dois exemplares de fabrico sudgálico, pertencendo os restantes à produção hispânica. Este conjunto é homogéneo e atribuível ao período flaviano.

Os números 48, 57, 59 e 71 provêm de Milreu. São produtos hispânicos, situáveis entre o último quartel do séc. i e os primeiros anos do séc. n.

Os entulhos do criptopórtico romano eram muito pobres em cerâmicas romanas. Deles conserva o Museu o fragmento número 16, excelente fabrico hispânico da 2.^a metade do séc. i, a parte superior da asa nervurada de um jarrinho também peninsular, de boa quali-

(9 Vd. J. M. Bairrão Oleiro, *Novos elementos para a história de «Aeminiun»*. «Biblos», 28, 1952, p. 65-82. Cf. com os números 12, 14, 15, 17, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 53 e 54 do catálogo.

dade e provavelmente do mesmo período cronológico e um fragmento de fabrico itálico, de tipo Deneauve, 27 (Haltern, 8).

O número 65 foi encontrado na Quinta do Mosteiro em Arganil. É de produção hispânica, difícil de datar, pois pertence a um estilo decorativo e a um tipo de fabrico que se encontra desde a primeira metade do séc. n aos finais do séc. m.

O material itálico aqui apresentado consta de sete fragmentos apenas, situáveis entre os anos 12-10 a.C. e os anos 20-25 d.C., predominando os mais tardios. Em pequeníssima escala, o conjunto reproduz o panorama que se observa em todo o País ⁽¹⁾.

Importados da Gália do Sul, contam-se seis fragmentos de vasos lisos e um de taça decorada, cujas características de forma e de fabrico os colocam em tempos flavianos embora alguns deles possam ter sido fabricados já em tempos de Cláudio ou Nero.

O conjunto dos produtos hispânicos é o mais abundante, contando-se alguns exemplares de óptima qualidade como, por exemplo, os números 15, 16, 19, 20, 38, 43 e 61. Entre as peças decoradas é de salientar a quantidade de taças de tipo Drag. 29 e de tipo Drag. 37 do séc. i. Nas formas lisas predominam igualmente os produtos antigos, com vasos de pequenas dimensões, dotados de perfis correctos e pés altos, bem modelados, muito próximos dos modelos sudgálicos.

T. S. ITÁLICA

1 – EST. I

Fragmento da parte inferior de uma taça de tipo Goudineau, 24 (Haltern, 7) típico do período clássico da produção itálica a partir dos anos 12-10 a.C.

Pasta finíssima e branda, de cor beije. «Glanztonfilm» vermelho alaranjado, homogéneo, luminoso e com brilho acetinado; na face externa, junto da base, apresenta as características manchas causadas pela impressão dos dedos do oleiro.

(0 Vid. Adília Moutinho Alarcão, *A «terra sigillata» itálica em Portugal*. «Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia», Coimbra, 1971, p. 421-432.

Marca: STATII em caixilho rectangular de cantos arredondados. Oxé-Comfort apenas registam um exemplar de marca idêntica, sem indicação de caixilho [O-C., n.º 1849 – STATIUS (?) STATILIVS (?)].

2 — EST. I

Fragmento do bordo e da parede de uma taça de tipo Goudineau, 32 b (Haltern, 11). Esta variante da forma 32 aparece tardiamente dentro do período clássico da produção itálica (provavelmente á roda do ano 10 d.C.) e conhece longa duração.

Pasta finíssima e dura, de cor beije amarelado. «Glanztonfilm» alaranjado, homogêneo, formando uma película facilmente desagregável, com o brilho muito alterado.

Guiloché de boa qualidade sobre o bordo.

3 — EST. I

Fragmento do bordo de uma taça de tipo Goudineau, 37 a (Haltern, 9). O bordo, fino e moldurado, representa a variante mais antiga deste tipo surgido já no período tardio da produção itálica, á roda dos anos 12-16 d.C.

Pasta de grão médio, vermelha e dura. «Glanztonfilm» acastanhado, pouco brilhante.

Guiloché de boa qualidade. Falsa asa aplicada com as extremidades em espiral.

4 — EST. I

Fragmento da base de uma taça de pé baixo e parede curvilínea, provavelmente de tipo Goudineau, 38 (Haltern, 12) cujo aparecimento se fez dentro do último período desta produção.

Pasta fina, medianamente dura, de cor beije rosado. «Glanztonfilm» vermelho acastanhado, luminoso, homogêneo e com brilho acetinado.

Marca: ...RE em *planta pedis*. As primeiras letras não foram impressas o que torna impossível, pelo menos nas circunstâncias

actuais, identificar o oleiro [cf. O-C., n.º 1599-1606, T. RVFRENVS RVFIO de Arezzo (RVFRE in p. p.) e n.º 1935, A. TARENTIVS (A. TERE in p. p.; A. TERE in p. p.)].

5 — EST. I

Fragmento da base de uma taça de pé muito baixo, provavelmente do mesmo tipo que o número anterior.

Pasta rósea, muito clara, finíssima e branda. «Glanztonfilm» manchado, de cor entre vermelho acastanhado e vermelho-lacre.

Marca: TQVAD em *planta pedis* [cf. O-C., n.º 737-747, L. GELLIVS QUADRATVS de Arezzo — tratar-se-á de um operário seu, T. QVAD (rati) ? — e n.º 1459-1461 (diversos oleiros não perfeitamente identificados)] ⁽¹⁾.

6 — EST. I

Pequeno fragmento do fundo de um vaso conservando a marca intacta.

Pasta rosa avermelhado, fina e dura. «Glanztonfilm» vermelho acastanhado claro, pouco espesso, mas uniforme; muito irisado.

Marca: C-MA em *planta pedis*. Oxé e Comfort registam dois exemplares idênticos [O-C., n.º 926, C-MA()].

7 — EST. I

Fragmento de prato de tipo Goudineau, 39 b cujo fabrico se deve ter iniciado entre os anos 20-35 d.C. A parede completamente lisa tanto exterior como interiormente e engrossando para a base é característica da decadência que as formas sofrem neste período. O fragmento não conserva vestígios da decoração aplicada típica destes pratos.

Pasta rósea, finíssima, medianamente dura. «Glanztonfilm» sem brilho, castanho amarelado. Camada esbranquiçada entre a pasta e a superfície, bem visível ⁽²⁾.

(0 Em Conimbriga guardam-se, ainda inéditos, dois exemplares desta marca recentemente encontrados: QVADRAT in *planta pedis*.

(a) Cf. Adília Moutinho Alarcão, *op. cit.*, p. 428.

T. S. SUDGÁLICA

Tipo Dragendorff, 24-25

8 — EST. I

Fragmento do bordo e da parede de uma taça cujo perfil se pode situar nos meados do séc. i.

Pasta vermelha, homogénea, muito fina e duríssima. «Glanztonfilm» vermelho-lacre, espesso, uniforme e brilhante.

Taça de grande formato com bordo vertical rematado por um lábio grosso e facetado que uma ranhura sublinha na face interna; a moldura que o limita na parte inferior é também acompanhada por ranhuras. Guiloché de qualidade mediana.

9 — EST. I

Fragmento do bordo e da parede de uma taça de pequeno formato.

Pasta vermelha, homogénea, muito fina e dura. «Glanztonfilm» vermelho vináceo, espesso e brilhante, ligeiramente estalado.

Bordo vertical rematado por um lábio arredondado que um ressalto demarca na face interna. A moldura que limita inferiormente o bordo é em forma de pequena aba. Fina decoração de guiloché.

Mesma cronologia que a do número anterior.

10 — EST. I

Fragmento do bordo e da parede de uma taça de pequeno formato.

Pasta vermelha, homogénea, duríssima. «Glanztonfilm» vermelho-lacre, espesso, com brilho acetinado.

Bordo muito reentrante rematado por um pequeno lábio em forma de pérola que uma ranhura sublinha na face interna. A moldura que limita o bordo tem perfil ogival. Guiloché pouco cuidado.

Mesma cronologia que para os dois últimos números.

Tipo Dragendorff, 27

11 — EST. I

Taça de pequeno formato a que falta a base.

Pasta vermelha, homogénea, muito fina e duríssima. «Glanztönfilm» vermelho-lacre, espesso, uniforme e brilhante.

Parede muito baixa e arqueada e bordo em quarto de círculo rematado por um grosso lábio facetado. Uma ranhura põe em evidência na face externa, a passagem da parede ao bordo. Perfil típico do período claudiano.

Tipo Dragendorff, 15-17

12 — EST. I

Pasta vermelha, fina e dura . «Glanztönfilm» vermelho acastanhado, espesso, uniforme e brilhante.

Prato com a parede pouco alta e oblíqua, finamente moldurada na face externa; na face interna apresenta uma ranhura junto da orla arredondada. A junção da parede e do fundo desenvolve uma meia cana espessa. O fundo é alteado ao centro e o pé, de secção triangular, é muito elevado e liga-se ao fundo numa curvatura suave.

Marca: ALB-ANM (retrógrada) em caixilho rectangular estreito. Trata-se do oleiro ALBANVS que trabalhou na Gália do Sul desde Cláudio até ao período flaviano, inclusivé.

Proveniência: Universidade, 49.

Estado de conservação: Restaurado com gesso.

Bibliografia: Oleiro, *Aeminium*¹⁾, p. 80-81, fig. 12. ¹

¹⁾ Abreviaturas usadas: Oleiro, *Aeminium* = J. M. Bairrão Oleiro, *Novos elementos para a historia le «Aeminium»*. «Biblos», 28, 1952, p. 65-82; Hermet = Frédéric Hermet, *La Graufesenque*, Paris, 1934; Knorr, 1912 = — Robert Knorr, *Südgallische Terra Sigillata-gefasse von Rottweill*, Estugarda 1912; Knorr, 1952 = Robert Knorr, *Terra Sigillata-Gefdsse des Ersten Jahrhunderts mit Töpfernamen*, Estugarda, 1952; Boubé, 1965 = Jean Boubé, *La Terra Sigillata Hispanique en Maurétanie Tingitane, I: Les marques de potiers*, Rabat, 1965; Mezquiriz, 1961 = M. Angeles Mezquiriz de Catalán,

Tipo Dragendorff, 18

13 – EST. I

Fragmento do fundo de um prato.

Pasta rosa avermelhado, muito fina e dura.

«Glanztonfilm» vermelho, espesso, uniforme e brilhante.

Parede quase rectilínea e fundo cónico. Pé alto com base triangular. A junção da parede com o fundo não apresenta em qualquer das faces o típico ressalto desta forma, sobretudo frequente nos produtos mais antigos.

Marca: ...SENT[R]... em caixilho rectangular. Pensamos que se trata do oleiro SENTRVS, de La Graufesenque, activo durante o período de Cláudio a Vespasiano.

Tipo Dragendorff, 37

14 – EST. II

Fragmento de taça de grande formato.

Pasta vermelha, homogénea, fina e duríssima. «Glanztonfilm» vermelho acastanhado, muito espesso, uniforme e extraordinariamente brilhante, típico dos produtos sudgálicos no período flaviano.

Bordo alto e vertical com lábio arredondado. Parede decorada em zonas horizontais, provavelmente três, divididas entre si por

Terra Sigillata Hispanica, Valência, 1961; N. Ribeiro = F. Numes Ribeiro, «*Terra Sigillata*», encontrada nas Represas, Reja, /-//, Marcas de oleiro. «Arquivo de Beja», 15, 1959, p. 71-121; Mayet, 1970 = Françoise Mayet, *A propos de deux potiers de Mérida: Valerius Paternus et Lapilius*. «Mélanges de la Casa de Velazques», 6 (1970), p. 5-41; Balil, 1965 = A. Balil, *Materiales para un índice de marcas de ceramistas en Terra Sigillata hispánica*. «Archivo Español de Arqueología», 38, 1965, n.ºs 111-112, p. 139-169; Moutinho de Alarcão, 1960-61 = A. Moutinho de Alarcão, *Algumas peças de «Terra Sigillata» na Secção Arqueológica do Paço Ducal de Vila Viçosa*, «Conimbriga», 2-3, 1960-61, p. 181-201; Mayet, Riotinto = Françoise Mayet, *Paroies Fines et Céramique Sigillée de Riotinto* (Huelva), «Habis»; Oxé-Comfort = Oxé-Comfort, *Corpus Vasorum Arretinorum*, Bonna, 1968.

Foi nosso cuidado limitar o mais possível as referências bibliográficas, seleccionando para cada caso a obra que contém maior número de indicações úteis.

linhas onduladas. A primeira é ocupada por uma linha de óvulos alternando com linguetas rematadas por rosetas [cf. Hermet, Est. 35 bis, 0-21 (frequente no período flaviano) e Knorr, 1912, Est. XVIII, 2 (Nero-Vespasiano)]. A segunda descreve uma cena de caça frequentíssima durante o mesmo período; dela se conserva uma lebre (cf. Hermet, Est. 84,1 e 2 e Est. 85,4; Knorr, 1912, Est. XVIII, 2) correndo para a direita sobre a representação esquemática (lúnulas com as pontas para a direita) de vegetação [cf. Hermet, Est. 84, 1 e 2 (CRVCVRO)] entre tufos de nove folhas agrupadas três a três sobre uma linha de pequenos quadrados [cf. Hermet, Est. 14, 46 e Knorr, 1952, Est. 49, F para o elemento trifoliado, comum a muitos oleiros activos de Vespasiano a Domiciano (COSIRVS, CRVCVRO, PASSENVVS, FRONTINVS, SECVNDVS, IVCVNDVS, etc.); para conjuntos de sete folhas – Hermet, Est. 84,3 (CRVCVRO); Knorr, 1952, Est. 49 F (PA33EN)]. O terceiro friso devia ostentar uma grinalda.

A grinalda combinada com o esquema decorativo de zonas não compartimentadas e separadas entre si por linhas onduladas denuncia um produto característico do período de transição para o estilo de métopas. O estudo de cada motivo confirma, como vimos, esta datação.

Entre os oleiros contemporâneos, CRVCVRO parece-nos o autor mais provável desta peça, dada a frequência de certos motivos e de pequenos pormenores significativos em vasos por ele assinados.

Proveniência: Universidade, 49.

Bibliografia: Oleiro, *Aeminium*, fig. 10, p. 14-15.

T. S. HISPÂNICA

Tipo Dragendorff, 27

15 — EST. II

Taça a que falta a parte superior do bordo.

Pasta beije rosado, relativamente homogénea e dura. «Glanztouff» vermelho, espesso, uniforme e com brilho discreto.

Parede em quarto de círculo, demasiado espessa para uma taça de pequeno formato. A junção da parede e do bordo é sublinhada na face externa por uma moldura fina seguida de uma canelura e na face interna por uma meia cana, pormenores estes que dão à peça um aspecto singular. Pé facetado de base triangular, ligado ao fundo sem formar ângulo.

Marca: TREBTR dentro de rectângulo inscrito num círculo. A terceira letra apresenta o centro empastado e parece um D. [Cf. J. M. Blázquez, *Caparra III*, «Excavaciones Arqueológicas en España» 67, Est. XIII e Fig. 18, n.º 212, p. 34. Excelente marca: TREBTR em fundo de forma Drag. 27 (e não Ritt. 8 como diz o autor)]. No fundo externo apresenta um círculo esgrafitado, dividido em seis partes.

O perfil desta peça situa-se na segunda metade do séc. i, entre os melhores produtos de fabricação hispânica.

Proveniência: Universidade, 49.

16 — EST. II

Taça de pequeno formato a que falta a base.

Pasta vermelha com muita calcite em partículas muito finas, duríssima. «Glanztonfilm» vermelho acastanhado, espesso, homogéneo e pouco brilhante.

Parede curvilínea, muito baixa. Bordo rematado por um lábio facetado com duas finíssimas molduras na face externa.

Sobre o perfil desta taça e a sua qualidade podem tecer-se as mesmas considerações que para o número anterior.

Proveniência: Galerias romanas do Museu Nacional de Machado de Castro.

17 — EST. II

Fragmento do bordo de uma taça de grande formato.

Pasta vermelha, relativamente homogénea e dura. «Glanztonfilm» vermelho-castanho alaranjado, espesso, uniforme e brilhante.

Bordo curvilíneo, muito aberto, rematado por um lábio em forma de amêndoa.

Este perfil degenerado e o tamanho da peça são comuns no séc. ii. Podemos, todavia, admitir que se trate de um produto menos cuidado fabricado ainda no séc. i.

Proveniência: Universidade, 49.

18 – EST. II

Fragmento de taça de grande formato.

Pasta homogénea e pulverulenta, de cor avermelhada. «Glanztonfilm» vermelho vináceo, uniforme, espesso e mate.

Parede curvilínea, bastante aberta, prolongada por um bordo com igual curvatura e a mesma inclinação. Sobre a união do bordo e da parede, um pequeno ressalto, na face externa. Ausência de lábio.

Este perfil é o mais comum e constante dentro da evolução do tipo Drag. 27 hispânico; por isso se torna difícil atribuir-lhe cronologia.

19 – EST. II

Fragmento de taça de grande formato.

Pasta cor de tijolo com muita calcite em partículas de diversos tamanhos, muito dura. «Glanztonfilm» vermelho acastanhado luminoso, espesso, uniforme e brilhante.

Pé alto e anguloso. Fundo externo côncavo com ressalto típico dos produtos hispânicos. Fundo interno horizontal.

Marca: ...RITTONI em caixilho rectangular estreito inscrito num círculo [cf. Mezquiriz, 1961, II, Est. 9, 90 (ATTBRETIO); Boube, 1965, Fig. 23 (ATTIBRETI IÑT); N. Ribeiro, 1959, I, Est. III, 12 (ATTBRITON)].

Trata-se de uma marca até agora conhecida apenas pelos exemplares apontados de Numância, Banasa e Beja. É muito característica pela forma do caixilho muito estreito e pelo emprego do A sem barra central e da cruz com valor de IT e TI (em nexo) consoante a sua posição dentro da palavra.

Com base na sua leitura, Mezquiriz admitiu que se tratasse da associação de dois oleiros: Attius e Bretius (*). Boube julgou

(9 Mezquiriz, 1961, I, XLI.

ainda admissível uma tripla associação com base na marca mais extensa que encontrou: ATTI[VS] BRETTI[VS]INT[] a qual deveria ter tido a sua oficina no Norte da Península Ibérica, visto não ser conhecida em importantes centros como Mérida, Itália e Belo (*).

A hipótese de Boube parece-nos inaceitável, pois assenta em leituras incorrectas (2). O exemplar que analisámos e os números 26 e 29 que o seguem são muito claros; conjugando-os somos obrigados ao seguinte desdobramento: ATTI[i] BRITTONI[s] (3).

A interpretação que fazemos da marca de Banasa (4) dá-nos exactamente a mesma leitura das nossas marcas e confirma o desdobramento proposto. A marca de Beja também a autoriza (5). Só a de Numância publicada por Mezquiriz nos levanta dificuldades. O desenho apresentado não permite outra leitura que não seja

(1) Boube, 1965, p. 107. Dado o número ainda reduzido de publicações sobre T. S. hispânica e de estudos aprofundados sobre marcas de oleiro, parece-nos prematuro tentar localizar oficinas baseando-nos apenas na distribuição das marcas publicadas. Esta pequena colecção que estudamos possui quatro exemplares. Em Conimbriga, no Museu Nacional de Arqueologia em Lisboa (proveniente do Alandroal) e em Mérida há mais alguns ainda inéditos.

(2) Não conseguimos identificar na Est. XVIII, indicada pelo Autor, a marca em questão. Todavia, o desenho da Fig. 23 acusa uma certa dúvida de interpretação que conjugada com os elementos fornecidos pelas outras marcas que referimos nos dão a certeza de que a leitura proposta é incorrecta. O mesmo acontece com a interpretação da marca de Numância apresentada por Mezquiriz; como adiante veremos, não pode ler-se Bretio que é dado, sem comentários, como equivalente de Brettius ou Bretius. Cremos que os referidos autores interpretam Bretio como forma popular do vocativo-nominativo de Braetius que parece não ter sido usado como *cognomen*; na Península Ibérica só conhecemos um caso em que é utilizado como *nomen* [C. I. L. II, 4970, 498 (Suavis Braet(ii))].

(3) A forma BRITTONI pode ser interpretada como genitivo de Brittonius ou de Britto. Inclinaamo-nos para a segunda hipótese: Britto foi usado na Bética como *cognomen* (C. I. L. II, 952 e [1072]); a mesma palavra escrita com um T apareceu na Tarraconense (C. I. L. II, 3255) com igual função e em Cotta (Boube, 1965, p. 130, Fig. 123 (OF. BRITO)). Brittonum é referido uma só vez no C. I. L. para designar a cohorte.

(4) ATTT BRITT[0]NT.

(5) O Autor leu ATTBRTON. Nós lemos ATTÍ BRITTONÍ.

ATTI BREIT[T]0; o último T aparece no desenho como um simples traço vertical, mas é fácil admitir que o caixilho destruiu a barra horizontal. A presença do E não faz sentido, mas não podemos ignorá-la e custa-nos a crer que se deva a um erro do desenhador. Até novas possibilidades de investigação (^x), considerá-la-emos uma anomalia. Aliás, confrontando as diversas marcas analisadas verificamos que os nossos números 19 e 26, a de Beja, a de Banasa, a marca inédita de Numância (inv. n.º 9359) a de Lisboa (Alandroal) e outra de Conimbriga (escavações anteriores a 1962) pertencem a um mesmo punção. O número 29 saiu de um punção em que as letras são maiores e se omitiu o O. A marca reproduzida por Mezquiriz parece feita com um punção mais curto em que o NI não foi desenhado e se introduziu um E suplementar. Estaria, porém, a marca completa? Cf. nota anterior.

20 — EST. II

Fragmento de taça de grande formato.

Pasta vermelha com muitas partículas finíssimas de calcite distribuídas regularmente; bastante dura. «Glanztönfilm» vermelho acastanhado, espesso, uniforme e muito brilhante.

Pé alto, de secção rectangular, com uma ranhura na face externa, junto da base e fundo côncavo com ressalto. Fundo interno ligeiramente alteado.

(0 Agradecemos a Mile. Françoise Mayet a amável colaboração prestada. Em primeiro lugar porque pôs à nossa disposição o inventário de marcas hispânicas que tem em preparação e no qual encontramos um decalque perfeito de mais um exemplar desta marca, *quase completa*, proveniente de Numância (Museu de Soria, Inv. n.º 9359) e que podemos considerar inédita: ATTI BRITTO [N ou NI]. Seguidamente, pela busca cuidadosa a que procedeu no Museu de Soria para tentar localizar a marca publicada por Mezquiriz. Os resultados desta tentativa foram negativos pelo que é forçoso concluir que ou essa marca é a mesma que F. Mayet decalcou e acima transcrevemos ou é outra e desapareceu da colecção.

Infelizmente Mezquiriz não refere o número da peça que reproduziu. Prudentemente, para já, não optamos por qualquer dos termos da alternativa, embora entendamos dever chamar a atenção para eles.

Marca: OF-L... em caixilho rectangular inscrito num círculo [cf. Mezquiriz, 1961, II, Est. 9, 89 (OF-LVPI) (*) e Mayet, 1970, fig. 31].

O facto da marca estar tão incompleta não permite grandes deduções. O desenho do F e do L são característicos do oleiro Lappilius ou Lapillus (cf. Mayet, 1970, p. 26) que produziu na segunda metade do séc. i (2). Os seus vasos conheceram uma difusão relativamente restricta e, pelo menos aparentemente, fabricaram-se em pequena quantidade; o maior número de marcas recolhidas provém de Mérida e de Conimbriga (Mayet, 1970, p. 34).

21 — EST. II

Fragmento de taça de grande formato.

Pasta vermelha, com muita calcite em finas partículas distribuídas regularmente; bastante dura. «Glanztonfilm» vermelho, espesso, uniforme e brilhante.

Pé alto, mas sólido conservando a excessiva espessura da parede; tem a face externa facetada e a sua ligação com a base é realçada por uma moldura e uma canelura. Fundo exterior arqueado com ressalto e fundo interno ligeiramente cónico.

Marca: OVOLVI. em rectângulo inscrito num círculo. Não encontrámos paralelo para esta marca que também não sabemos interpretar [cf. Moutinho de Alarcão, 1960-61, p. 192, n.º 11, (OVOLIVD)].

22 — EST. III

Fragmento de taça de pequeno formato.

Pasta rósea com muita calcite e alguma mica em partículas finíssimas. «Glanztonfilm» vermelho acastanhado, uniforme e muito brilhante.

H Cf. Boube, 1965, p. 156.

(*) A falta de elementos provenientes de contextos bem datados não permite, por enquanto, estabelecer uma cronologia precisa. O exame das formas marcadas leva a estender esta produção desde a época flaviana até aos meados do séc. II. Cf. Mayet, 1970, p. 33-40.

Parede bastante aberta. Pé alto e anguloso. Fundo interno horizontal e fundo externo cónico.

Marca: ATT... em caixilho rectangular inscrito num círculo. As dimensões do caixilho permitem imaginar mais três letras. Tratar-se-á de Attius Paternus ? É certo que nenhuma das marcas conhecidas deste oleiro aparece sob forma tão abreviada (cf. Balil, 1965, p. 142 e 162). O facto não invalida, porém, esta hipótese.

23 — EST. III

Fragmento de taça de grande formato.

Pasta rosada com muita calcite em partículas finíssimas, muito dura. «Glanztönfilm» vermelho alaranjado, diluído e pouco brilhante.

Pé alto e anguloso com duas caneluras na face interna. Parede espessa e muito aberta. Fundo externo cónico com ressalto. Fundo interno alteado.

Marca: [EXJOFVAS em caixilho rectangular cortado por dois círculos concêntricos. Não encontrámos qualquer paralelo para esta marca tão curiosa que se repete no número 32 deste catálogo.

O que se conserva do perfil desta taça permite situá-la ainda dentro do séc. i. O perfil do prato n.º 32, é, porém, mais tardio.

24 — EST. II

Fragmento de taça de grande formato.

Pasta vermelho rosado com abundante calcite em partículas de diversos tamanhos; duríssima. «Glanztönfilm» vermelho forte, espesso e uniforme, muito aderente e medianamente brilhante.

Pé alto, facetado na superfície externa. Fundo cónico pelo interior e arqueado pelo exterior com uma ranhura e o ressalto típico da produção hispânica.

Marca: ...[SJ-EM em caixilho rectangular. O ponto entre a antepenúltima e a penúltima letras é claro e por isso o desenhámos embora nos pareça ilógico dentro da reconstituição que julgamos mais plausível: [OF] SEM [pronii] (*). Na realidade não

p) Cf. Boube, 1965, p. 196 e Balil, 1965, p. 148. Cremos que não se justifica a hesitação deste último autor entre Semper e Sempronius. Não

encontrámos entre as numerosas marcas conhecidas (cf. Balil, 1965, p. 148 e 168) a representação arcaica do E por meio de dois traços verticais, mais isso não pode constituir por si só argumento contra a interpretação que propomos como hipótese provável.

Tipo indeterminável

25 — EST. II

Frag, da base de uma taça de pequeno formato.

Pasta cor de laranja, com muita calcite em partículas finíssimas, medianamente dura. «Glanztonfilm» vermelho acastanhado, brilhante, mas pouco espesso e manchado.

Pé muito baixo com a face externa facetada e o fundo cónico. Fundo interno ligeiramente alteado. Parede arqueada, pouco espessa.

Marca: CA[L]VO em caixilho rectangular [cf. Mezquiriz, 1961, Est. 9, 96 (GAIVO) e Boube, 1965, Fig. 24, 37-43 (CALVO e CALVO)]. Boube pensa que esta forma representa uma variante da marca CAI LVC OFI (Id. *ibid.*, p. 136) e Balil (Id., 1965, p. 163) dá a sua adesão a esta hipótese que parece muito provável se compararmos o desenho das letras nas diversas marcas.

Todos os exemplares assinados cuja forma foi possível determinar pertencem ao tipo Drag. 27 e Drag. 15-17.

26 — EST. III

Fragmentos de uma taça de tamanho médio.

Pasta vermelha com muita calcite em partículas de diversos tamanhos. «Glanztonfilm» vermelho vináceo, espesso, uniforme e brilhante.

só a maioria das marcas conhecidas dizem claramente respeito ao segundo nome como a consulta do C. I. L. nos prova ser este um *cognomen* raramente usado, mas um *nomen* extremamente frequente na Península Ibérica. Com esta mesma função o encontramos nas marcas de T. S. itálica Sempronius e L. Sempronius (Oxé-Comfort, 1725 e 1826, 746 e 747, respectivamente). Pelo contrário, não encontrámos termos de comparação que justifiquem a forma Semper.

Parede curvilínea, delgada e muito aberta. Pé anguloso, de altura mediana. Fundo externo com ressalto e pequena saliência no centro. Fundo interno cónico.

Marca: ATTIBR[IT]ONI em rectângulo inscrito num círculo. Vid. n.º 19 deste catálogo.

27 — Est. III

Fragmento de taça de pequeno formato.

Pasta cor de tijolo com muita calcite em partículas minúsculas regularmente distribuídas, medianamente dura. «Glanztont-film» vermelho acastanhado, espesso e brilhante, ligeiramente manchado na face externa.

Parede arqueada e pouco espessa, bastante aberta. Pé de altura média, anguloso. Fundo externo com ressalto e saliência ao centro; fundo interno alteado.

Marca: NAQUT em caixilho rectangular. Trata-se de marca pouco frequente (cf. Boubé, 1965, p. 169 e ss. e Balil, 1965, p. 166) mas conhecida em Numância, Tarragona e Volubilis. Caracteriza-a o desenho do Q aliado ao A sem barra central. Nalguns exemplares o caixilho apresenta os cantos em forma de cauda de andorinha. Estes pormenores denotam uma produção do séc. i.

O exemplar que ilustramos é de muito boa qualidade e não temos dúvida em nele distinguir um T como letra final da marca. Embora admitamos como certas as leituras NAQVI anteriormente publicadas, não queremos deixar de chamar a atenção para o facto. Poderá interpretar-se como NAQUIT?!

28 — Est. III

Fragmento da base de uma taça de tamanho médio.

Pasta cor de tijolo, homogénea, muito dura. «Glanztontfilm» vermelho-castanho, uniforme, espesso e pouco brilhante.

Pé anguloso de altura mediana. Fundos externo e interno igualmente horizontais.

Marca: N-PF... em caixilho rectangular inscrito num círculo. Não sabemos até que ponto poderá relacionar-se esta e as marcas EXO PF publicadas por Boubé (Id., 1965, p. 243-44, Fig. 33,351-54).

29 — EST. II

Fragmento da base de uma taça.

Pasta rosa alaranjado com muita calcite distribuída regularmente e dura. «Glanztonfilm» vermelho-castanho alaranjado, espesso e brilhante.

Pé baixíssimo ligado a uma parede excessivamente grossa. Fundo cónico pelo exterior e internamente horizontal.

Marca: ::[R]OTAE [cf. Boubé, 1965, Fig. 25, 85(X0IÃE)]. Embora fracturada, a primeira letra parece-nos indiscutivelmente um R. Julgamos admissível a interpretação que fazemos de um feminino em genitivo. Considerando as dimensões do caixilho a marca completa daria OF ROTAE.

30 — EST. III

Fragmento do fundo de um prato.

Pasta e «Glanztonfilm» idênticos aos do número 26.

Pé anguloso, medianamente alto, com ressalto. Fundo interno horizontal.

Marca: ATTIBRITTNI em caixilho rectangular inscrito num círculo. Vd. n.º 19 do catálogo.

Tipo Dragendorff, 15-17

31 — EST. III

Fragmento de prato de formato médio.

Pasta vermelha com muita calcite em partículas finíssimas distribuídas regularmente. «Glanztonfilm» vermelho acastanhado, espesso, uniforme e brilhante nas zonas não alteradas.

Pé baixo, facetado. Fundo externo arqueado com ressalto. Fundo interno muito largo, alteado ao centro.

Marca: OF-SE-NICO em rectângulo largo e fundo, inscrito num círculo. Trata-se evidentemente de Senicio que não sabemos por falta de documentação se não poderá aproximar-se da marca SENECE[I]0... encontrada em Ampúrias (Balil, 1965, p. 158).

É um produto de boa qualidade, de execução cuidada que tanto pode colocar-se na segunda metade do séc. i como no séc. 11.

32 — EST. III

Fragmento de prato de formato médio.

Pasta cor de tijolo com muita calcite e pulverulenta. «Glanztonfilm» vermelho alaranjado, espesso, uniforme e mate.

Fundo interno de pequena dimensão, horizontal. Pé baixo, facetado. Fundo externo arqueado com ressalto. Parede muito aberta, ligada ao fundo por um relevo em meia cana a que corresponde, no exterior, uma acentuada canelura.

Marca: ...FVAS em caixilho rectangular inscrito num círculo. Vid. n.º 28 do catálogo.

33 — EST. III

Fragmento de prato de formato médio.

Pasta cor de tijolo, homogénea, duríssima. «Glanztonfilm» vermelho acastanhado claro, pouco espesso, mas uniforme; muito irisado.

Fundo interno de pequena dimensão, ligado à parede, muito aberta, por um grosso relevo em meia cana a que corresponde na face externa uma canelura pouco funda. Pé em forma de falso anel, relativamente alto pelo lado de dentro. Junto da base, na face externa, um grafito: CAETRO.

34 — EST. III

Fragmento de prato de pequeno formato.

Pasta vermelha com muitas partículas de calcite distribuídas regularmente e duríssima. «Glanztonfilm» vermelho, espesso, homogéneo e aderente com o brilho alterado.

Conserva-se todo o perfil. Parede aberta, mas relativamente baixa, com bordo voltado para fora, formando um pequeno lábio. Fundo interno alteado, unido à parede por um relevo em forma de arco abatido a que corresponde exteriormente uma simples ranhura. Fundo externo arqueado com ressalto. Ausência de marca.

Trata-se de um produto de boa qualidade e cuja forma se aproxima ainda do modelo sudgálico (cf. Boube, 1965, Fig. 2).

35 — EST. IV

Fragmento de prato de grandes dimensões.

Pasta vermelha, homogénea, e duríssima. «Glanztonfilm» vermelho, uniforme, espesso e muito brilhante.

Parede aberta, relativamente baixa e cortada externamente por uma canelura, imitando os pratos sudgálicos. Bordo simples, arredondado. A ligação da parede com o fundo faz-se por meio do habitual relevo em meia cana de que se conserva uma pequena parte; exteriormente, corresponde-lhe uma espécie de cotovelo facetado.

O perfil deste prato não é comum; lembra, no entanto, o de outra peça do mesmo tipo e fabrico, encontrada na necrópole do Padrãozinho e assinada OF. SEMPRO (Moutinho de Alarcão, 1960-61, p. 182).

36 — EST. IV

Fragmento de prato de grandes dimensões do mesmo tipo que os anteriores, mas numa variante muito degenerada.

Pasta cor de tijolo amarelado, com finas partículas de mica, muito fina e pulverulenta. «Glanztonfilm» vermelho alaranjado, uniforme e medianamente brilhante.

Parede tão aberta que determina um perfil em tronco de cone; bordo simples arredondado. Na face externa, um grafito: IHOVI.

Tipo Dragendorff, 36

37 — EST. IV

Prato de formato pequeno a que falta parte do bordo e da parede.

Pasta cor de tijolo rosado com calcite em pequenas partículas. «Glanztonfilm» vermelho acastanhado, uniforme, espesso e mate.

Bordo largo e recurvado com folhas em relevo aplicadas. Fundo interno ligeiramente convexo. Pé anguloso e baixo. Fundo externo duplamente ressaltado em relevo cónico ao centro (cf. Moutinho de Alarcão, 1960-61, p. 192.)

Marca: EX-OF[][E]M em caixilho rectangular inscrito num círculo. Embora bem desenhada, a marca está muito gasta e não nos dá claramente a antepenúltima e a penúltima letras.

Não se pode decidir se se trata da marca EX-OF-AEM (Aemilius?) [cf. Balil, 1965, p. 142 e Mezquiriz, 1961, II, Est. 8,11 (EX OF ... EM) e 56 (EX OF AEME)] ou de uma variante da marca do conhecido Sempronius (cf. Balil, 1956, p. 148 e 168 e nota 15 do presente estudo).

Esta forma é típica do séc. n. A qualidade do nosso exemplar faz dele um produto antigo que pode mesmo remontar ao último quartel do séc. i.

Estado de conservação: Restaurado com gesso.

Tipo Dragendorff, 35

38 — EST. IV

Taça de formato médio a que falta parte do bordo.

Pasta semelhante à do número anterior. «Glanztönfilm» vermelho acastanhado luminoso, muito espesso e brilhante.

Bordo maciço decorado com folhas aplicadas. Fundo interno horizontal. Pé alto, facetado, com duas ranhuras no lado de dentro. Fundo externo arqueado com ressalto.

Marca: PETE RO OFI em caixilho rectangular inscrito num círculo. Esta marca está muito desgastada. Interpretámos a terceira letra como um T e um E ligados, mas admitimos que se leia apenas como um E. A penúltima letra é logicamente um F embora, na realidade, se veja só um traço vertical. Entre os dois O nota-se distintamente um traço muito fino que pode interpretar-se como elemento de separação ou como defeito de impressão da marca.

Trata-se de uma firma relativamente conhecida na Península Ibérica e no Norte de África (cf. Balil, 1965, p. 147 e 155. Além

destes exemplares conhecemos outros inéditos). Parece-nos indiscutível que se deve entender estas marcas como associação de dois oleiros.

Uma taça Drag. 27 marcada, proveniente de Sala, fornece-nos dados cronológicos que confirmam as datações anteriormente propostas para esta marca [Cf. Moutinho de Alarcão, 1960-61, p. 189-90 (Drag. 15-17) e Mezquiriz, 1961, II, Est. 9,107 (Drag. 36)]. Encontrou-se a peça durante escavações feitas no Capitólio, num nível profundo, juntamente com uma prato Drag. 15-17 de T. S. hispânica, uma taça Drag. 37 do estilo de séries de círculos, uma taça de «Sigillata clara» tipo Al e uma escudela do mesmo fabrico, forma 4-36, um potezinho de paredes finas engobado de negro e alguns fragmentos de garrafa prismática de vidro azul-gelo (Morin-Jean, 14 = Isings, 50).

A taça Drag. 37 de T. S. hispânica parece, pelo seu estilo, um produto do séc. n. A forma de «sigillata clara» Ala começa a ser fabricada nos anos 90-100 e o seu uso generalizou-se durante a primeira metade do séc. n; desta mesma época é a forma 4-36 C). As garrafas prismáticas do tipo mencionado surgiram nos meados do séc. i, mas fabricaram-se abundantemente no século seguinte ⁽²⁾.

Estamos indubitavelmente na presença de uma sociedade que se encontrava em actividade na primeira metade do séc. n. É muito provável, ainda, que tenha começado a produzir no último quartel do séc. i.

Estado de conservação: Restaurada com gesso.

Tipo Dragendorff, 29

39 — EST. IV

Fragmento de taça de pequeno formato.

Pasta beije rosado com calcite e mica em partículas finíssimas distribuídas regularmente. «Glanztonfilm» castanho luminoso, espesso, uniforme e muito brilhante.

f¹) N. Lamboglia, *Nuove osservazioni sulla «Terra Sigillata Chiara» (Tipi A e B)*. «Rivista di Studi Liguri», 24, 3-4, 1954, p. 263 e 267.

(2) G. Isings, *Roman Glass from dated finds*, Groningen, 1957, p. 65.

Bordo ligeiramente aberto com lábio arredondado e as duas projecções típicas desta forma na face interna. Ausência de guiloché no bordo. A linha de pérolas e os óvulos que na produção sudgálica encimam a decoração aparecem aqui substituídos por três finas molduras.

Proveniência: Universidade, 49.

Cronologia: 3.º quartel do séc. i.

40 — EST. IV

Fragmento de taça de pequeno formato.

Pasta vermelha, homogénea e dura. «Glanztonfilm» vermelho-castanho alaranjado, espesso, uniforme e brilhante.

Parede oblíqua e bordo no seu prolongamento com lábio facetado e duas projecções na face interna. Uma moldura fina e uma ranhura separam o bordo da parede. Bordo liso. Decoração metopada da qual se conserva apenas uma linha ondulada divisora e uma ave esquematizada, de mau traçado, para a qual não encontramos paralelo exacto, mas que corresponde a um tipo muito frequente na produção hispânica.

Proveniência: Universidade, 49.

Bibliografia: Oleiro, *Aeminium*, fig. 11, p. 15.

Cronologia: 3.º quartel do séc. i.

41 — EST. V

Fragmento de taça de pequeno formato.

Pasta vermelha com partículas finíssimas e muito abundantes de calcite. «Glanztonfilm» vermelho-castanho amarelado, bastante luminoso, espesso, uniforme e brilhante.

Bordo liso, oblíquo, rematado por um lábio facetado e com duas projecções na face interna. Entre o bordo e a parede, uma finíssima moldura e uma canelura. A decoração distribui-se em zonas metopadas que duas molduras separam. Em cada zona parece haver duas métopas diferentes que se repetem alternadamente; a dividi-las há grupos de três linhas onduladas. Uma das métopas é preenchida por um friso de pequenos motivos de círculos concêntricos entre linhas de aspas [cf. Mezquiriz, 1961,

Est. 210, 1 (Drag. 29)]; outra, por um fio de folhas verticais entre duas fiadas de circulozitos; das restantes não se conserva o suficiente para as descrevermos.

Proveniencia: Universidade, 49.

Bibliografia: Oleiro, *Aeminium*, fig. 11, p. 15.

Cronologia: 3.º quartel do séc. i.

42 — EST. V

Fragmento de uma taça de formato médio.

Pasta vermelha com muitas partículas finíssimas de calcite, regularmente distribuídas e duríssima. «Glanztonfilm» vermelho-laranja acastanhado, espesso, uniforme e com brilho acetinado.

Parede ligeiramente arqueada e oblíqua. Bordo liso, muito aberto, com lábio redondo e duas projecções na face interna. Duas caneluras e uma moldura fina separam o bordo da parede. A decoração parece ser de círculos separados entre si por elementos verticais. Apenas se conserva parcialmente um círculo formado por linha ondulada contendo ao centro um elemento vegetal estilizado [cf. Mezquiriz, 1961, II, Est. 97, 1965 (Drag. 37)] e vestígios de um elemento vertical.

Cronologicamente esta peça situa-se no final da produção do tipo, o que deve ter acontecido pelo mais tardar nos anos 70-75.

43 — EST. V

Fragmento de taça de grande formato.

Pasta rosada com muita calcite em pequenas partículas de tamanhos diversos, muito dura. «Glanztonfilm» alaranjado, uniforme, espesso e brilhante.

Bordo liso, oblíquo, rematado por um lábio achatado e com projecções na face interna. Duas finas molduras separam-no da parede. Conserva-se parcialmente, da decoração, a zona superior preenchida com uma série de motivos de círculos concêntricos (cf. Mezquiriz, 1961, Est. 100, 1731) alternando com elementos verticais (cf. Mezquiriz, 1961, Est. 110, 2189).

Proveniência: Universidade, 49.

Bibliografia: Oleiro, *Aeminium*, fig. 11, p. 15.

Cronologia: O estilo decorativo desta peça de transição entre os frisos metopados e as séries contínuas de círculos coloca-a nos finais do 3.º quartel do séc. i.

44 – EST. V

Fragmentos da parede de uma taça cuja forma é de transição entre os tipos Dragendorff, 29 e 37.

Pasta e «Glanztonfilm» idênticos aos do número anterior e dos números 45, 53 e 55 seguintes.

Parede ligeiramente carenada, muito espessa na parte inferior. A decoração distribui-se em zonas separadas entre si por duas molduras finas. A superior divide-se em métopas irregulares delimitadas por grupos de três linhas onduladas; uma delas é preenchida por dois grupos de coelhitos siameses [com paralelo num fragmento inédito de Conimbriga e em Mezquiriz, 1961, Est. 241, 30 (Drag. 30 de Numância)], uma águia e um coelho (cf. Mezquiriz, 1961, Est. 75, 800 e Est. 241, 30); outra contém dois animais muito esquematizados que poderão talvez interpretar-se como Pégasos. A zona inferior é ocupada por uma grinalda inspirada em vasos sudgálicos contemporâneos, ainda que de traçado muito rudimentar.

Proveniência: Universidade, 49.

Bibliografia: Oleiro, *Aeminium*, fig. 11, p. 15.

Cronologia: Fins do 3.º quartel do séc. i e primeiros anos do quartel seguinte.

45 – EST. V

Dois fragmentos da parede de uma taça da mesma forma que a anterior.

Pasta e «Glanztonfilm» idênticos aos do número precedente e aos dos números 43, 53 e 55 do catálogo.

A decoração distribui-se em duas zonas separadas entre si por uma moldura e divididas em métopas por grupos de seis linhas onduladas com uma fiada de aspas ao centro. Da zona superior conservam-se duas métopas: uma apresenta um cisne (cf. Mezquiriz, 1961, Est. 63, 388) entre quatro motivos de círculos concêntricos; outra, duas figuras aladas, extremamente rudimentares – prováveis Vitóriaas – sobre linhas verticais de aspas [Mezquiriz, 1961,

Est. 66, 533 e 67, 565 (aves sobre a mesma linha de aspas)]. Na zona inferior as métopas têm ao centro uma folha muito nervurada e um botão circular em cada canto.

Proveniência: Universidade, 49.

Bibliografia: Oleiro, *Aeminium*, fig. 11, p. 15.

Cronologia: Fins do 3.º quartel do séc. i e primeiros anos do quartel seguinte.

Tipo Dragendorff, 37

A) Variante de grande formato com bordo em amêndoa e decoração metopada que surge no último quartel do séc. i e se utiliza ainda na primeira metade do séc. n C).

46 — EST. VI

Fragmento de taça de grandes dimensões.

Pasta vermelha, homogénea e duríssima. «Glanztonfilm» vermelho vináceo, espesso, uniforme e com pouco brilho.

Bordo espesso, inclinado para o interior. Normalmente estes bordos são ovalados pelo que é costume designá-los por «bordos em amêndoa»; aqui tem uma feição original em forma de trompa. Na face exterior, sob o lábio, há uma estreita faixa de guiloché de boa qualidade. A decoração era arranjada em métopas separadas por motivos de linhas onduladas. De uma dessas métopas conserva-se em parte o elemento central, provavelmente um círculo formado por uma linha ondulada que encerra uma fiada de pérolas (cf. Mezquiriz, 1961, Est. 99, 1701) e um motivo que se não pode identificar; ao lado direito há uma pequena ave sobre uma linha ondulada [Mezquiriz, 1961, Est. 216, 76 (Drag. 37, com bordo em amêndoa)].

47 — EST. VI

Fragmento de taça de grande formato.

Pasta vermelha com muita calcite, duríssima. «Glanztonfilm» vermelho-lacre, homogéneo, brilhante e muito aderente.

(9 Mezquiriz, 1961, I, p. 110.

Decoração de métopas em duas zonas separadas por duas molduras. Da zona superior conserva-se um elemento divisor constituído por oito linhas onduladas e uma linha de aspas muito desenvolvidas (cf. Mezquiriz, 1961, Est. 115, 2305) e o motivo decorativo de uma métopa o qual representa um Neptuno nú, em pé, com um manto pelas costas, preso nos braços; exhibe na mão esquerda um golfinho e empunha na direita o ceptro de que não se vê a parte superior. A cabeça e o braço direito não foram marcados, por defeito de moldagem. Não encontrámos paralelo para esta figura cuja inspiração no reportório greco-latino é no entanto evidente.

48 — EST. VI

Fragmento de taça de grande formato.

Pasta vermelha com muita calcite e alguns grãos de quartzo, duríssima. «Glanztonfilm» vermelho-castanho alaranjado, espesso, uniforme e muito brilhante.

A decoração, rematada na parte inferior por duas molduras, distribui-se em métopas separadas por elementos constituídos por seis linhas onduladas e uma linha de aspas. Uma das métopas, muito alta e estreita, era inteiramente ocupada pela figura de um Mercúrio bem desenhado, mas mal impresso; sob ele, uma roseta cruciforme dupla [Mezquiriz, 1961, Est. 80, 1026 (Drag. 29, da Citânia de Briteiros)].

Proveniência: Milreu.

49 — EST. VI

Fragmento de taça de formato médio.

Pasta cor de tijolo, homogénea, medianamente dura. «Glanztonfilm» vermelho rosado, uniforme e brilhante. Na face externa do fundo notam-se fundas estrias deixadas pelo torno.

Decoração distribuída em métopas que um motivo constituído por seis linhas onduladas e uma linha de aspas, separava. Uma das métopas levava ao centro uma figura da qual restam apenas os membros inferiores, de desenho muito mau, rodeada por linhas de aspas.

50 — EST. VI

Fragmento de taça de grande formato.

Pasta cor de tijolo com muita calcite e mica em partículas regularmente distribuídas. «Glanztonfilm» vermelho alaranjado claro, espesso, uniforme e brilhante.

Da decoração conservam-se parcialmente duas métopas separadas por motivos constituídos por seis linhas onduladas e uma linha de aspas. Uma das métopas tem um motivo vegetal semelhante ao do número 45; outra apresenta um tufo de folhas (cf. Mezquiriz, 1961, Est. 91, 1489) e sob ele dois motivos iguais de círculos concêntricos.

51 — EST. V

Fragmento de taça de grande formato.

Pasta vermelha com muitas partículas de calcite irregularmente distribuídas e duríssima. «Glanztonfilm» vermelho, ligeiramente acastanhado, homogêneo, aderente e brilhante.

O estilo decorativo parece ter sido o de grandes métopas ocupando quase toda a parede do vaso. Conserva-se parcialmente uma dessas divisões levando ao centro um motivo vegetal e sobre ele uma ave de que só restam as patas. As métopas eram separadas entre si por grupos de linhas onduladas.

52 — EST. V

Fragmento de taça de grande formato.

Pasta cor de tijolo, homogêneo, fina e medianamente dura. «Glanztonfilm» vermelho violácio por excesso de calor durante a cozedura, mas espesso, uniforme e brilhante.

Da decoração distribuída em largas métopas, conserva-se parcialmente um motivo, que pela sua exiguidade não sabemos identificar e uma divisória formada por quatro linhas onduladas e uma fiada de aspas.

53 — EST. V

Fragmento de vaso de formato médio.

Pasta e «Glanztonfilm» idênticos aos dos números 43-45 e 54 do catálogo.

Conserva-se um fragmento da parte inferior da parede com decoração de métopas preenchidas por um elemento vegetal (cf. Mezquiriz, 1961, Est. 86, 1326 para o desenho das folhas serrilhadas. Um fragmento inédito de Numância reproduz exactamente as folhas do nosso motivo) e separadas por uma fiada de aspas entre quatro linhas onduladas. A decoração era rematada por duas molduras finas.

Proveniência: Universidade, 49.

Bibliografia: Oleiro, *Aeminium*, fig. 11, p. 15.

54 — EST. V

Fragmento de taça de grande formato.

Pasta e «Glanztonfilm» idênticos aos dos números 43-45 e 53 do catálogo.

Da decoração conserva-se uma zona metopada que tem a rematá-la duas molduras e um friso em que se repete um motivo vegetal (cf. Mezquiriz, 1961, Ests. 121, 2462 e 126, 2582). Numa das métopas distingue-se parte do motivo central que parece ser uma ave, de frente, com as asas abertas (águia ?) e sob ela quatro motivos verticais, simétricos, para que não conhecemos paralelo. Noutra métopa, conserva-se ao nível destes motivos um pombo voltado à esquerda (cf. Mezquiriz, 1961, Est. 68, 584). O motivo de separação das métopas é constituído por dez linhas onduladas e uma fiada de aspas.

Proveniência: Universidade, 49.

B) Variedade de tamanho médio ou pequeno, com bordo fino e decoração de círculos combinados com elementos verticais, distribuídos em duas zonas. É um estilo de transição que surgiu no final do séc. i e se praticou largamente no seguinte, durante a primeira metade.

55 — EST. VI

Fragmento de taça de formato médio.

Pasta vermelha e dura com mica e calcite finamente trituradas e bem distribuídas. «Glanztonfilm» vermelho-castanho alaranjado,

uniforme, espesso e brilhante. A face interna apresenta estrias deixadas pelo torno sobre toda a superfície.

Parede muito curva e bordo reentrante, rematado por um lábio achatado.

A decoração em duas zonas separadas por duas molduras finas, é rematada superior e inferiormente por molduras idênticas. Os mesmos motivos repetem-se alternadamente nas duas zonas com ligeira variante para os círculos internos. Motivos de círculos concêntricos (cf. Mezquiriz, Est. 96, 1610 e 1633 e Est. 97, 1642 e 1647); motivos verticais: constituem um arranjo original de elementos muito frequentes.

56 — EST. VI

Fragmento de taça de formato médio.

Pasta e «Glanztonfilm» idênticos aos dos números 42, 62 e 63 65, 67, 68 e 69 do catálogo.

Conserva-se parcialmente a decoração distribuída em duas zonas separadas por duas molduras. Na superior que uma moldura fina remata, alternam círculos ondulados contendo um elemento vegetal, muito estilizado, e motivos verticais para que não encontrámos paralelos; na inferior há um motivo que interpretamos como um pássaro rematando a parte superior de um motivo vertical.

57 — EST. VI

Fragmento de uma taça de pequeno formato.

Pasta rosa avermelhado, muito dura, com partículas de calcite, de tamanhos diversos, em abundância. «Glanztonfilm» vermelho-lacre, espesso, uniforme e brilhante.

Da decoração conservam-se parcialmente as duas zonas que duas finas molduras separam. Círculos concêntricos simples, em número de dois, alternam nas duas zonas com motivos verticais de traçado geométrico [Mezquiriz, 1961, Est. 109, 2078 (Drag. 37, do Castelo de Fiães)].

Proveniência: Milreu.

58 — EST. VI

Fragmento de taça de pequeno formato.

Pasta cor de tijolo, homogénea e pulverulenta. «Glanztonfilm» vermelho alaranjado, espesso, homogéneo e brilhante. Marcas de alisamento muito evidentes nas duas faces, sendo a externa muito imperfeita.

Bordo vertical rematado por lábio facetado. Decoração distribuída em duas zonas separadas por uma moldura. Na superior alternam motivos verticais, aparentando a forma de um cálice, com círculos ondulados encerrando um botão [Mezquiriz, 1961, Est. 104 (Drag. 29-37 de Liédena)]; na inferior, os motivos circulares são constituídos por dois círculos, ondulados, em vez de um só, e um botão mais pequeno [Mezquiriz, 1961, Est. 103 (Drag. 37, da citânia de Briteiros)]; o elemento vertical está incompleto.

59 — EST. VI

Fragmento de uma taça de formato médio.

Pasta rosada com muita calcite em partículas de diversos tamanhos, esponjosa e pulverulenta. «Glanztonfilm» vermelho alaranjado, espesso, ligeiramente manchado e brilhante.

Conserva-se parte da zona inferior da decoração em que alternam círculos simples, contendo um elemento vegetal muito estilizado e motivos verticais em forma de linha ondulada de que se perdeu o remate superior. Uma moldura rematava inferiormente esta zona.

Proveniência: Milreu.

60 — EST. VII

Fragmento de taça de formato médio.

Pasta vermelha com calcite abundante e dura. «Glanztonfilm» espesso, uniforme e medianamente brilhante, vermelho-lacre.

A decoração era em duas zonas rematadas por finas molduras: três ao cimo, duas ao centro e duas na parte inferior. Motivos de três círculos concêntricos encerrando uma pérola [Mezquiriz, Est. 104, 1859 (Drag. 37, de Arguedas) e Mayet, Rio Tinto,

Est. XIII, 53 (Drag. 37)] decoram o centro das métopas a cujos cantos se vêem pequenos botões. Os motivos de separação são constituídos por três linhas onduladas.

61 — EST. V

Pequeno fragmento de uma taça, provavelmente de formato médio.

Pasta beije avermelhado com muita calcite em finíssimas partículas distribuídas regularmente. «Glanztonfilm» acastanhado, espesso, uniforme e brilhante.

Conserva-se uma pequena parte da zona inferior da decoração que devia ser metopada, com motivos de círculos concêntricos rodeando um coelho, deitado, voltado à direita, ao centro. Aos quatro cantos das métopas, pequenos botões; a separá-los, motivos de linhas onduladas.

C) Variante de formato médio ou pequeno com bordo fino e decoração de círculos em séries contínuas, distribuídas em duas zonas. É um estilo comum aos sécs. n e m.

62 — EST. V

Fragmentos de uma taça provavelmente de pequeno formato.

Pasta e «Glanztonfilm» idênticos aos dos números 42, 56, 63, 65, 67, 68 e 69 do catálogo.

Da decoração conserva-se parte do piso superior preenchido por círculos com um coelho ao centro (cf. Mezquiriz, 1961, Est. 75, 811). Um pequeníssimo botão entre dois dos círculos parece-nos accidental.

63 — EST. VII

Fragmento de uma taça de tamanho médio.

Pasta e «Glanztonfilm» idênticos aos dos números 42, 56, 62, 65, 67, 68 e 69 do catálogo.

Pé baixo e fundo externo arqueado. Da decoração vê-se que, na zona inferior, se repetiam alternadamente um motivo largo constituído por dois círculos dentados, dois círculos simples e uma

pérola (cf. Mezquiriz, 1961, Est. 99, 1703) e dois outros mais pequenos constituídos por um círculo dentado e outro simples, rodeando um botãozito.

64 — EST. VII

Fragmento de taça de pequeno formato.

Pasta e «Glanztonfilm» idênticos aos do número 60 do catálogo.

Pé em forma de anel e fundo externo arqueado. As duas zonas decorativas estão separadas por duas molduras salientes; outras em igual número, mas bastante finas, rematam a decoração muito simples de círculos concêntricos lisos e dentados, irregulárrimos.

65 — EST. VII

Fragmento de taça de formato médio.

Pasta e «Glanztonfilm» idênticos aos dos números 42, 56, 62, 63, 65, 67, 68 e 69 do catálogo.

Pé baixo, facetado e fundo externo arqueado. Da decoração conserva-se parcialmente a zona inferior constituída por uma série de motivos formados por quatro círculos concêntricos lisos, agrupados dois a dois, de forma muito regular (cf. Mezquiriz, 1961, Est. 101, 1743).

66 — EST. VII

Fragmento de taça de formato médio.

Pasta cor de tijolo com muitas partículas finíssimas de calcite. «Glanztonfilm» vermelho lacre, uniforme, espesso e muito brilhante.

Pé facetado, muito baixo e fundo externo arqueado interrompido, bastante em cima, por uma fina ranhura. Da decoração conserva-se a parte inferior em zona contínua delimitada por uma moldura de cada lado; nela se repete um motivo constituído por um círculo ondulado com um tufo de folhas, muito esquematizadas, ao centro.

No espaço liso entre esta zona e a base lêem-se as letras FVS esgrafitadas.

Proveniência: Arganil, Quinta do Mosteiro.

67 — EST. VIII

Fragmento de taça de formato médio.

Pasta e «Glanztonfilm» idênticos aos dos números 42, 56, 62, 63, 65, 68 e 69 do catálogo.

Bordo vertical que um lábio achatado remata. Entre o bordo e a parede esboçam-se duas molduras. No friso decorativo superior repete-se um motivo constituído por dois círculos ondulados concêntricos envolvendo uma roseta apenas esboçada.

68 — EST. VIII

Fragmento de taça de pequeno formato.

Pasta e «Glanztonfilm» idênticos aos dos números 42, 56, 62, 63, 65, 67 e 69 do catálogo.

Bordo aprumado e bastante desenvolvido que um lábio grosso remata; a ligação com a parede é feita por meio de um ressalto. A zona decorativa superior era preenchida por uma série de motivos circulares rudemente executados [Mezquiriz, 1961, Est. 105, 1912 (Drag. 37, de Mérida)].

69 — EST. VIII

Fragmento de taça provavelmente de formato médio.

Pasta e «Glanztonfilm» idênticos aos dos número anterior.

Fragmento da zona decorativa inferior rematada por duas molduras e separada da zona superior por outra moldura mais larga. Todo o espaço é preenchido pela repetição de um motivo idêntico ao que decora a peça anterior, mas de traçado mais regular.

70 — EST. VIII

Fragmento de taça de pequeno formato.

Pasta rosada com muita calcite em partículas de diversos tamanhos. «Glanztonfilm» alaranjado muito luminoso, uniforme e espesso.

Bordo reentrante. Da decoração conserva-se parcialmente o friso superior preenchido por motivos circulares iguais, formados por dois círculos lisos e um círculos dentado. A separar os dois frisos, uma moldura larga e achatada.

71 — EST. VIII

Fragmento de taça de pequeno formato.

Pasta e «Glanztonfilm» idênticos aos dos número 59 do catálogo.

Pé baixo, facetado e fundo externo arqueado. Friso inferior rematado por uma ranhura e decorado com motivos circulares constituídos por um círculo dentado, um círculo liso e uma pétala.

Proveniência: Milreu.

D) Variante normalmente de grande formato apresentando grande diversidade de perfis cujo elemento constante é o bordo muito desenvolvido. Surgiu no séc. m e teve o seu apogeu no séc. iv; alguns exemplares de forma muito degenerada chegaram mesmo até ao século seguinte ^{f1)}.

72 — EST. VIII

Fragmento de taça de grande formato.

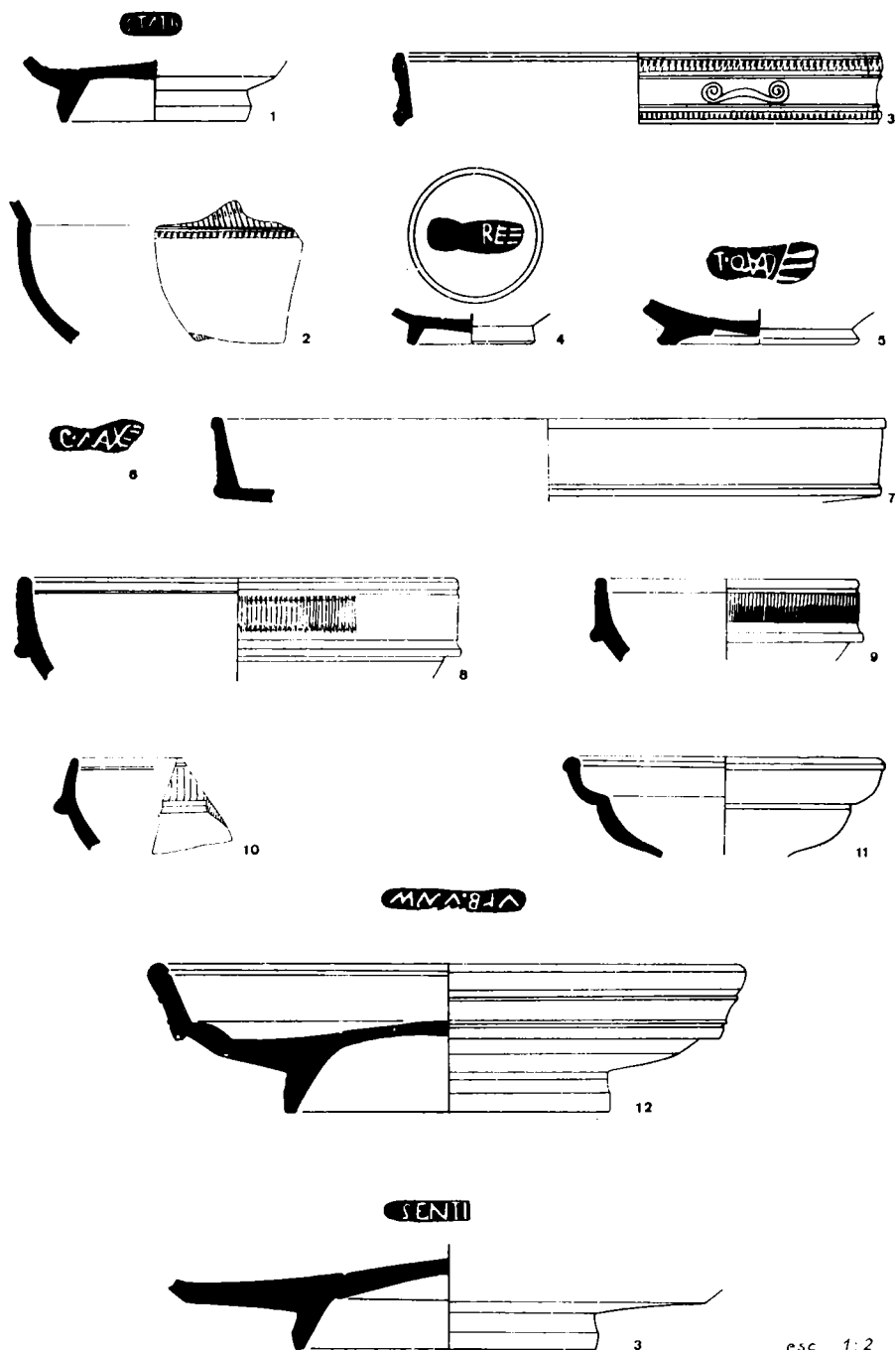
Pasta vermelha com muita calcite em partículas finíssimas, medianamente dura. «Glanztonfilm» vermelho-castanho amarelado, muito luminoso, espesso, uniforme e brilhante.

Parede carenada. Bordo muito desenvolvido e inclinado para o exterior. Falso pé. Na ligação do bordo e da parede esta é enriquecida com um jogo de molduras e de caneluras muito bem desenhadas. Segue-se uma zona decorada, rematada por uma moldura. A decoração é obtida pela repetição de um motivo original vagamente antropomorfo; sobre três segmentos de recta, um na vertical e dois obíquos, eleva-se um botão circular ligado à tripeça por um colo e por um cordão arqueado em geito de coifa.

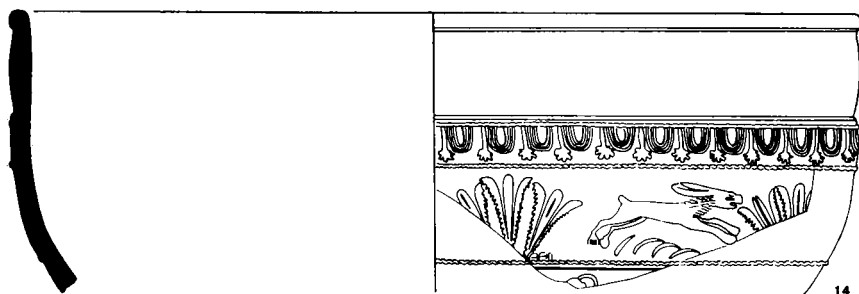
Não encontrámos paralelo para esta decoração. A forma é, porém, quase idêntica à de um vaso de Pedrajas de San Esteban (Mezquiriz, 1961, Est. 37, 6).

ADÍLIA MOUTINHO ALARCÃO

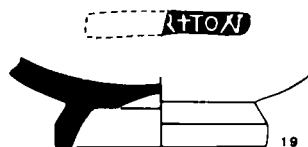
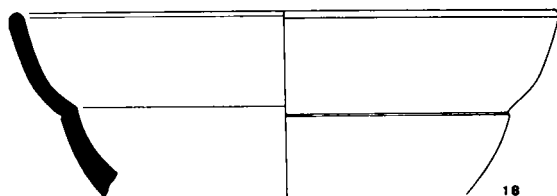
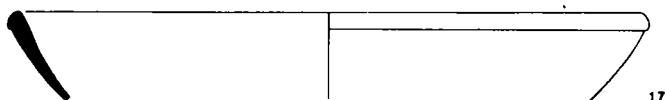
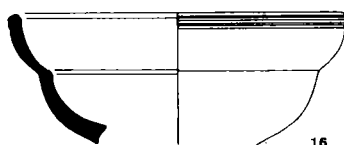
^{f1)} M. Angeles Mezquiriz, *Sigillata hispánica de Liédena*. «Príncipe de Viana» 52-53, 1953, p. 300.



Est. II



RED R



OTAE



OTAE



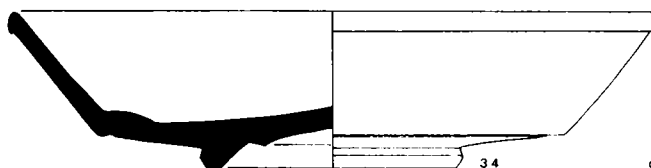
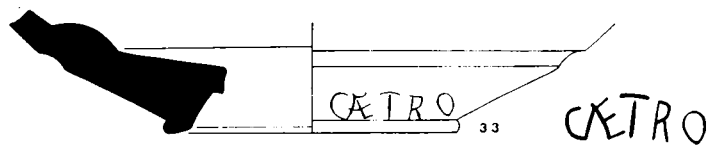
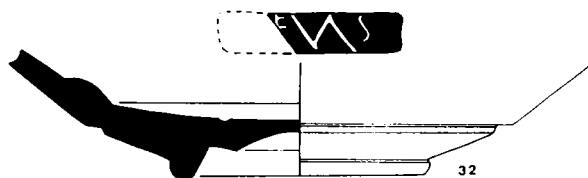
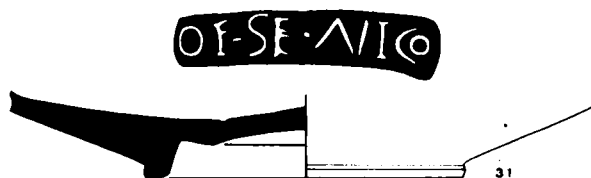
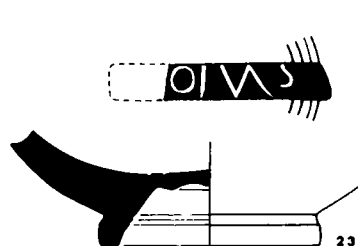
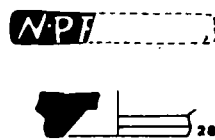
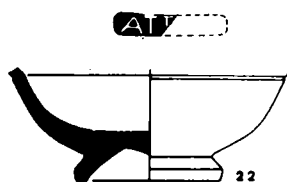
OTAE

OTAE

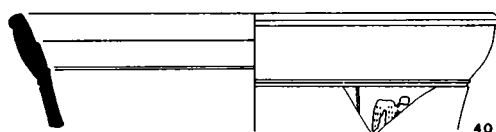
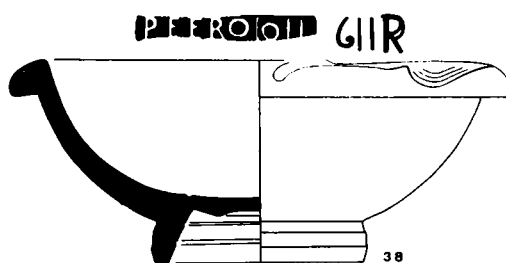
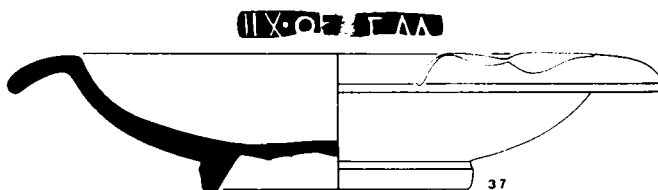
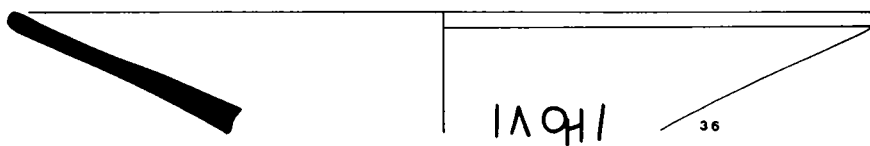
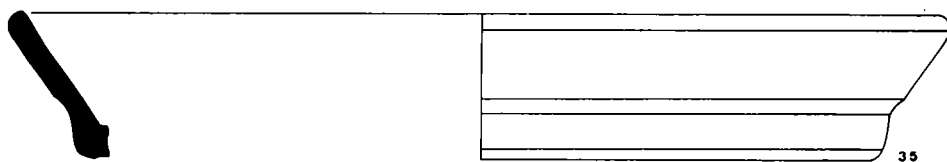
OTAE

esc. 1: 2

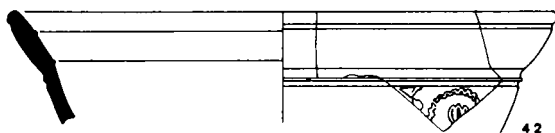




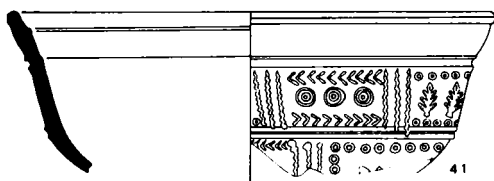
Est. IV



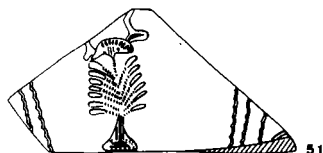
esc. 1 : 2



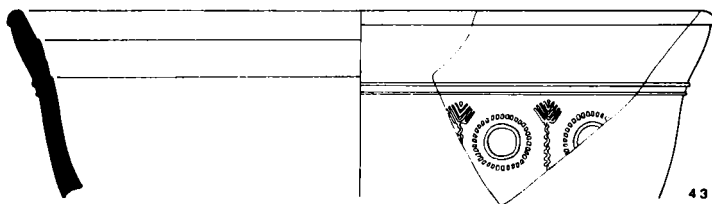
42



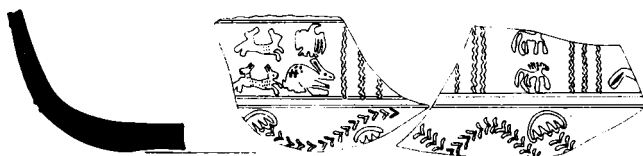
41



51



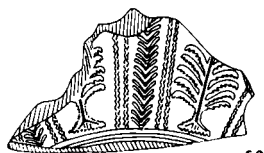
43



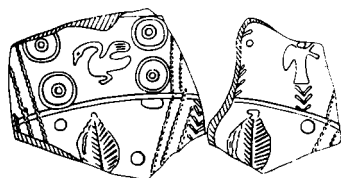
44



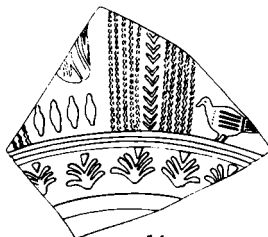
52



53



45



54

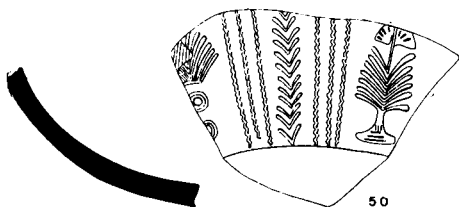


62

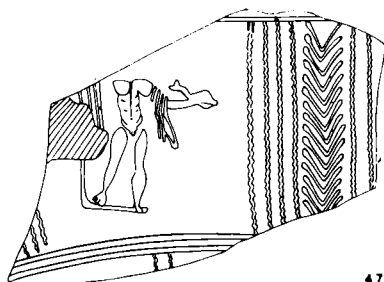


61

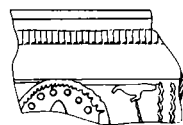
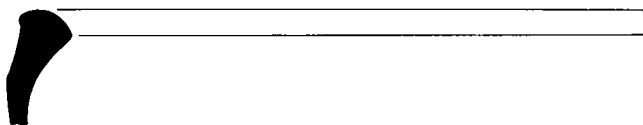
Est. VI



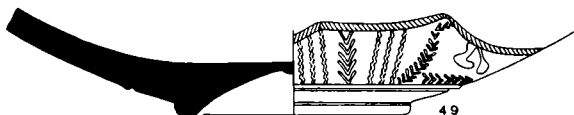
50



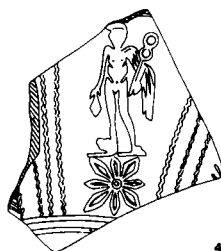
47



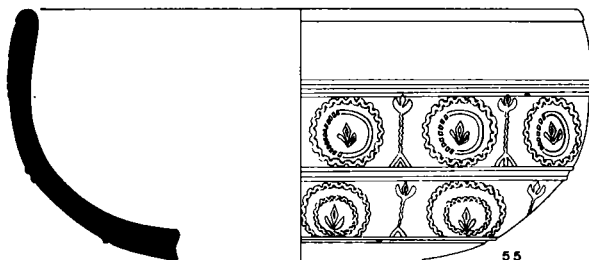
46



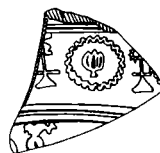
49



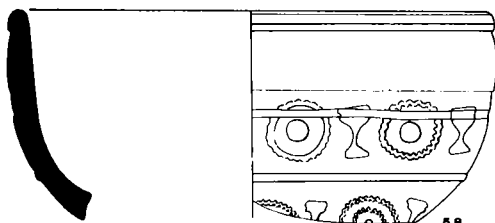
48



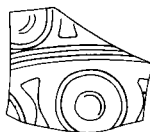
55



56

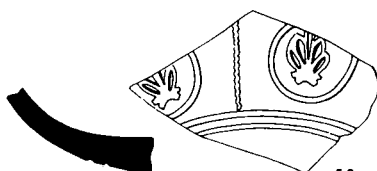


58

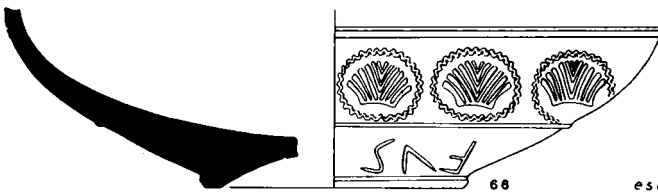
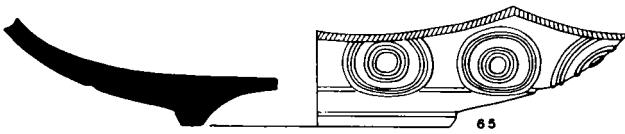
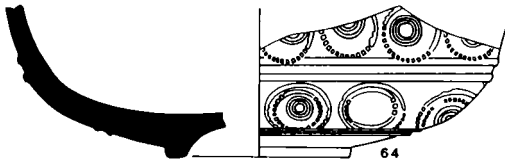
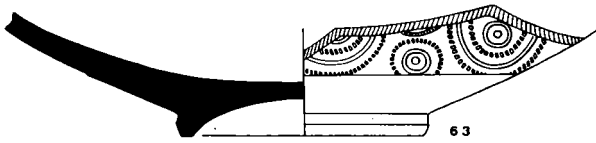
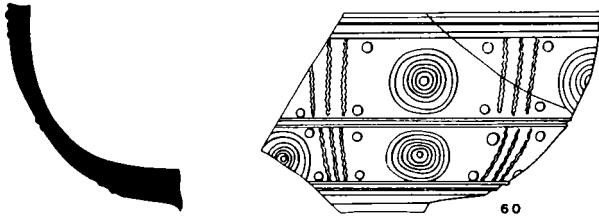


57

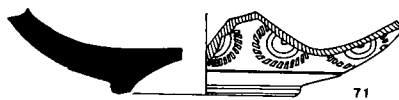
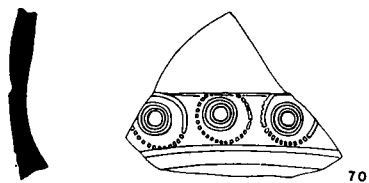
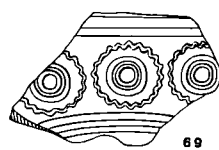
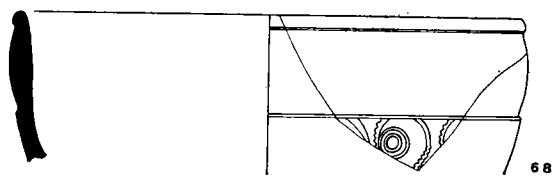
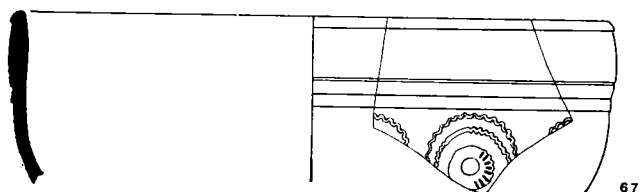
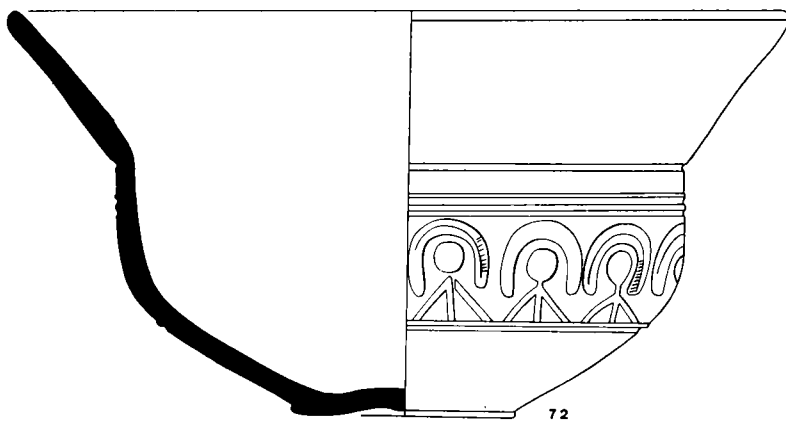
esc. 1 : 2



59



Est. VIII



LUCERNAS ROMANAS NO MUSEU MACHADO DE CASTRO *

A Secção de Arqueologia do Museu Nacional de Machado de Castro possui uma lucerna romana e alguns fragmentos de outras que reunimos aqui em estudo pormenorizado C). Os números 1 e 3 foram achados no Pátio da Universidade de Coimbra. As restantes lucernas não têm indicação de proveniência.

* Ao proceder ao estudo deste material verificámos que dois fragmentos provenientes do pátio da Universidade de Coimbra e ilustrados por Bairrão Oleiro em 1952 (*Novos elementos para a história de «Aeminium»*. «Biblos» 28, 1952, figs. 8 e 9) tinham sido incluídos, em 1962, na colecção do Museu Monográfico de Conimbriga. Embora, nesta data, os façamos regressar à Colecção do Museu Nacional de Machado de Castro, não os consideramos no presente estudo, pois além da publicação atrás citada foram recentemente objecto de classificação minuciosa [Claudette Belchior, *Lucernas romanas de Conimbriga*, 1969, p. 38, n.º 46 (não ilustrada) e p. 54, n.º 111, Est. XIV, 2)].

f¹) Abreviaturas usadas: Balil, 1969 = A. Balil, *Estudios sobre lucernas romanas*. «Studia Archeologica» 2, Santiago de Compostela, 1969; Belchior 1969 = Claudette Belchior, *Lucernas romanas de Conimbriga*, Conimbriga, 1969; Chicarro, 1956 = Concepción Fernández-Chicarro y de Dios, *La collection de lucernas antiguas del Museo Arqueológico de Sevilla*. «Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales», 13-14, 1956, p. 61-124; Deneauve, 1969 = Jean Deneauve, *Lampes de Carthage*, París, 1969; Deringer, 1965 = Hans Deringer, *Römische Lampen aus Lauriacum*, Linz, 1965; Ferreira de Almeida, 1951 = J. A. Ferreira de Almeida, *Introdução ao estudo das lucernas romanas em Portugal*. «O Arqueólogo Português», Nova Série, 2, 1953, p. 5-208; Iványi, 1935 = Dora Iványi, *Die Pannonischen Lampen*, Budapeste, 1935; *Lucernae Singularis* = Alberto Balil, *Lucernae Singularis*, Bruxelas, 1968; *Novaesium II* = Mercedes Vegas, *Die Römischen Lampen von Neuss*, Berlim, 1966; Oleiro, 1952 = J. M. Bairrão Oleiro, *Novos elementos para a história de «Aeminium»*. «Biblos», 28, 1952, p. 75-82; Szentlélek, 1969 = Tihámér Szentlélek, *Ancient lamps*, Amsterdam, 1969.

1 – EST. I

Lucerna apenas fracturada no disco.

Pasta esbranquiçada, grosseira e dura. Engobe alaranjado.

Bico largo e arredondado com volutas duplas. Orla horizontal de largura mediana. Disco côncavo, ornamentado com uma coroa circular de pétalas triangulares, muito finas (cf. Szentlélek, 1969, p. 63, n.º 66; Belchior, 1969, p. 36, Est. VI, 1); de cada lado desta coroa, duas molduras estreitas, bastante afastadas entre si. Orifício de alimentação descentrado. Entre as volutas, um pequeno orifício de arejamento. Base alteada, de fundo plano. Ausência de asa.

Tipologia: Dressel-Lamboglia, 11 B = Loeschcke, IV = Iványi, II = Deneauve, VA.

Cronologia: 2.º quartel do séc. I até ao final da época flaviana.

Proveniência: Universidade, 49.

Bibliografia: Oleiro, 1952, p. 11, fig. 6.

2 – EST. I

Fragmento de lucerna conservando o bico, parte do disco, da orla e do reservatório.

Pasta esbranquiçada, muito dura. Engobe cor de laranja pálido, pouco espesso.

Bico ogival com volutas duplas. Orla horizontal, estreita, separada do disco por uma moldura larga e esbatida. Orifício de alimentação à esquerda. Orifício de arejamento entre as volutas. Disco ornamentado com uma figura com vestes drapeadas, sobre um globo, na qual se reconhece facilmente Selene, apesar do pouco que se conserva (cf. Belchior, 1969, p. 34, Est. III, 2 e Chicarro, 1956, p. 75, Fig. 46, 14).

Tipologia e cronologia: as mesmas que para o número anterior.

3 – EST. I

Lucerna a que falta o bico.

Pasta clara, rosa acinzentado, grosseira e muito dura. Engobe cor de laranja, diluído.

Volutas duplas entre as quais se abre o orifício de arejamento. Orla oblíqua que duas molduras finas separam do disco. Orifício de alimentação na metade inferior do disco. Este é decorado com uma biga a galope para a esquerda, conduzida por uma Vitória com palma na mão direita e as rédeas na esquerda (cf. Ferreira de Almeida, 1951, p. 157, Est. XXXIII, 60) (*). Base de fundo quase plano, delimitado por um sulco. Ausência de asa.

Marca esgrafitada; OPPI [cf. Deneauve, 1969, p. 110, Est. XIV (tipo Loescheke, IC)].

Tipo e cronologia: os mesmos que para os números anteriores.

Proveniência: Universidade, 49.

Bibliografia: Oleiro, 1952, p. 75-76, fig. 7.

4 — EST. II

Fragmento de lucerna conservando parte do disco e da orla.

Pasta rosa amarelado, grosseira e muito dura, incluindo grãos de quartzo e partículas de mica, de calcite e grãos de tijolo. Engobe vermelho alaranjado quase totalmente desaparecido.

Orla arredondada. Disco côncavo, mal delimitado; decora-o uma Vitória voltada à direita, com o braço do mesmo lado erguido, certamente empunhando uma coroa (cf. Belchior, 1969, p. 34-5 Est. III, 3).

Tipologia: provavelmente a mesma que para os números anteriores.

Cronologia: A qualidade do fabrico, o desenho da figura que ornamenta o disco e o formato da orla colocam esta peça no último quartel do séc. i.

(9 A biga a galope, conduzida por uma auriga é frequente nesta forma, sobretudo no Norte de África. Guiada por uma Vitória encontra-se raramente: Corinto, Tarragona (?), Santiago do Cacém, Portalegre (ou Almeirim?), (Ferreira de Almeida, 1951, p. 157).

5 — EST. II

Fragmento do reservatório e do fundo de uma lucerna.

Pasta beije-ocre, medianamente dura, com partículas de mica e grãos de quartzo e de tijolo. Engobe alaranjado, muito manchado e diluído.

Fundo côncavo moldurado.

Trata-se provavelmente de uma lucerna do mesmo tipo que as anteriores.

6 — EST. II

Fragmento de lucerna de tipo indeterminável, conservando parcialmente a base, alteada, de fundo plano e a asa que desce sobre o reservatório como no tipo Ponsich, 8.

Marca cavada: [I]JONI. O nome de Ionus, isolado, é conhecido por um exemplar de Roma [IONI (Lucernae Singularis, p. 49)] e outro de Messina [EX OF IONI (ibid. p. 36)]. Por falta de documentação gráfica não sabemos decidir se se trata de um ou mais fabricantes.

7 — EST. II

Dois fragmentos do fundo de urna lucerna.

Pasta cor de ocre claro com muitos grãos de quartzo, medianamente dura. Engobe amarelado, diluído e manchado.

Marca em relevo: [V]ERECV[N]DI. Situa-se no Vale do Pó o fabricante Verecundus cujos produtos se conhecem especialmente na zona danubiana [cf. Lucernae Singularis, p. 93 (VEREC) e Balil, 1969, p. 24 (VERECVNDI)] e está presente em Pompeia.

Cronologia: 2.^a metade do séc. i. Por enquanto não é possível precisar mais a actividade deste oleiro.

8 — EST. II

Fragmento de lucerna aberta.

Pasta beije, fina mas muito micácea, bastante dura. Ausência total de engobe. Notam-se bem em ambas as faces as estrias deixadas pelo torno.

Base com falso pé e fundo côncavo. Parede curvilínea formando um bordo reentrante. Bocal, para a mecha, de parede rectilínea com fendas oblongas (cf. Belchior, 1969, p. 52, Est. XII, 3).

Tipologia: Iványi, XXI (cf. Loeschcke, XIV).

Cronologia: 2.^a metade do séc. i d.C.

9 — EST. II

Fragmento de lucerna conservando o disco, a orla, a raiz do bico e da asa, o perfil do reservatório e parte da base.

Pasta clara, rosa acinzentado, grosseira e muito dura, incluindo grãos de quartzo e de tijolo e muitas partículas de mica e de calcite. Ausência de engobe.

Orla de largura mediana com duas saliências de forma piramidal. Disco circular prolongado por um canal e decorado com uma máscara cómica [cf. Iványi, 1935, p. 187, Est. LI, 9 (mesmo tipo sem asa) e Novaesium II, p. 122, Est. 2, 269 (fragmento do disco)]. Asa cuja implantação destrói a moldura que contorna o disco e o canal. Base de fundo plano circundada por duas molduras. Orifício de alimentação junto ao canal.

Marca em relevo: S. Trata-se indubitavelmente de um produto da fábrica FORTIS cujo centro de actividade se situava em Modena, no Norte da Itália. Esta marca, conhecida desde 70/80 d.C., cedo conquistou um largo mercado que manteve até ao séc. m (Szentlélek, p. 93) ou mesmo ao séc. iv (cf. Deringer, 1965, p. 40).

Tipologia: Dressel-Lamboglia, 5 C = Loeschcke, X = Iványi, XVII = Deneauve, IX A.

Cronologia: A boa qualidade do desenho desta peça faz-nos pensar numa cronologia alta dentro da evolução do tipo. Cremos que se trata de um produto do último quartel do séc. i ou dos primeiros anos do século seguinte, pelo mais tardar. Os exemplares atrás citados de Szonbathély e de Neuss, com máscaras iguais a esta, confirmam a datação que propomos.

10 – Est. II

Fragmento do tampo de uma lucerna.

Pasta beije claro com bastante mica, mas fina e duríssima. Engobe beije alaranjado, micáceo.

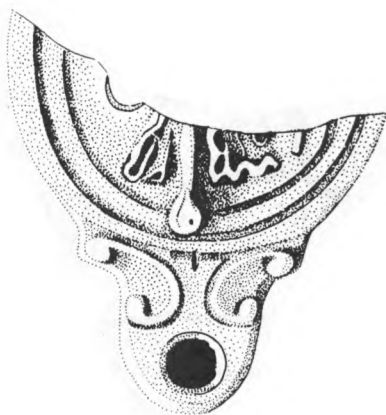
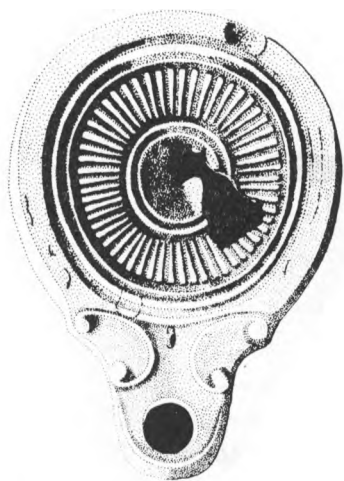
Orla larga e achatada com saliências de forma mal definida. Canal aberto. Moldura espessa contornando o canal, o bico e o disco. Passagem suave da orla ao bico.

Tipologia: a mesma que para o número anterior.

Cronologia: Por falta de elementos não é possível datar este fragmento com precisão. A configuração do canal e do bico acusam uma degenerescência que permite, no entanto, fazer descê-lo até ao séc. ui.

ADÍLIA MOUTINHO ALARCÃO

Est. I



1



2



00 p11



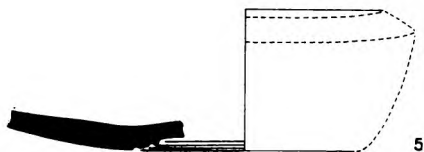
3

esc. 2:3

Est. II



4



5

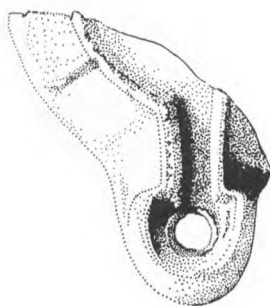
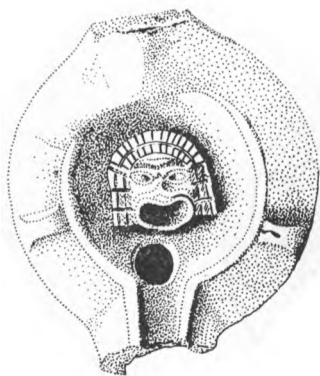


6

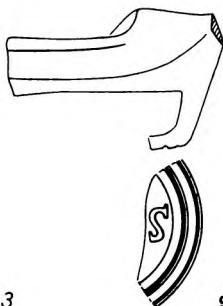
NI)



7

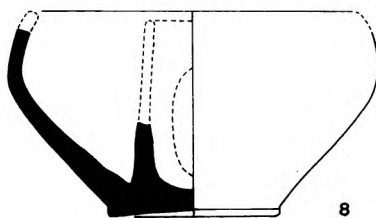


10



esc. 2:3

9



8

EL RECINTO MURAL ROMANO DE ÉVORA LIBERALITAS IVLIA.

El nombre de Ebora aparece varias veces en Hispania. Hay una *Aebura* citada por Livius (* *) al narrarnos la campaña militar de Q. Fulvius Flaccus en el año 181 antes de J. C. Su situación la ignoramos, pero a tenor del contexto cabe situarla en la Celtiberia, sin que sea dable precisar más (2).

Conócese otra *Ebura* que fue mencionada por Strabon (3) y Ptolemaíos (4). El primero — que sigue a Poseidónios — la llama 'Epoupoc y la cita juntamente con *Asta Regia* y *Nabrisa* tras hablar del estuario del Guadalquivir. El segundo, Ptolemaíos, la nombra "Epopoc y la situa entre los Túrdulos, es decir, aproximadamente en la misma comarca, lo que permite identificar a ambas como una sola ciudad. Parece es también idéntica a la que Stéphanos de Byzantion llama "Epopa, diciendo que se halla en la costa de Cádiz mas allá de ella (6) y la que Mela, en el siglo i de la Era, cita como *Castellum* (6), colocándolo también en la costa (*in litore*) de esta región. Poco después de Mela es Plinius quien vuelve a hablarnos de una *Ebura Cerialis* (7) citándola con otras ciudades sitas entre el *Baetis* (Guadalquivir) y el Atlántico. Esta *Ebura* o *Ebora* acuñó moneda con dos peces e inscripción

H 40, 30-33.

(2) Cf. Diod. 29, 42; App. *Iber.* 42; Oros. IV 20, 16.

(>) III 140.

(4) II 4, 9.

(5) "Epopa 7r6Xi<; 7rapioxeavmç ^.exà rà TáSeipa, Stéph. de Byz. s. v.

(•) III 4.

(7) Plin, III 10.

latina AIPORA o quizás AIBORA (x). Es aquí donde se halló, hacia 1958 o 1959, un valioso tesoro púnico-tartessio (2). Cerca de ella hubo un santuario famoso dedicado a Lux Divina (3) que citó Strabon (4). El tesoro fue hallado precisamente en el cortijo que aun sigue llamándose Evora, evidente pervivencia del nombre antiguo conservado, como tantas veces ocurre, en la toponimia menor. Así, pues, el identificar esta *Ebora* con Sanlúcar de Barrameda o situarla en sus más próximas inmediaciones, no es ninguna licencia gratuita.

Otra *Ebora* más se recuerda en Galicia, en la desembocadura del *Tamaris* (Tambre). Es Mela (5) quien la nombra como puerto de mar (*Tamaris secundum Evora portum*). Ignoramos todo otro dato de ella.

Finalmente incluiremos la que Ptolemaíos (6) sitúa entre los sedetanos de la región de Valencia, pero tampoco de ésta tenemos otra noticia que la dicha.

*

* *

Quédanos la *Ebora* de Portugal, la que luego recibió de los romanos el apellido de *Liberalitas Iulia*, la actual Evora objeto de nuestro estudio. Esta es citada ya en autores de época imperial. El primero en hacerlo es Mela (7), el segundo es Plinius (8). Los dos le dan el nombre de *Ebora*. En el siglo n la vuelve a citar Ptolemaíos (9) del mismo modo ("Epoupoc). Uno y otros la sitúan

f1) Ver Hübner, *Monumenta Linguae Ibericae*, n.º 121 b y A. Guadan, *Numismática ibérica e ibero-romana*, Madrid 1969, 215 y fig. 482. Vives no la registra.

(2) Concepción Blanco, *AEspA* 32, 1959, 50 ss.

(3) Vide A. García y Bellido, *Les religions orientales dans VEspagne Romaine*, Leiden 1967, 69 s.

(*) III 1,9 = C. 140.

(6) III 11.

(6) II 6, 62.

(7) III 7.

(8) IV 117.

C) D 5, 6.

vagamente, e incluso con error, en el ángulo S. O. de la Península o en la zona extremeña que se extiende entre *Ammaia* y *Norba* (Ptolemaíos). Luego registran su nombre el Itinerario de Antoninus Caracalla (*) y el Ravennate (^{1 2}), eso aparte de las inscripciones de las que hablaremos luego. Por todo lo dicho no cabe duda alguna sobre la identificación de esta *Ebora* o *Ebura* con la Evora actual de la Lusitania Portuguesa.

No sabemos desde cuándo existe la ciudad, pero su ascendencia ha de ser remota, anterior sin duda a la conquista romana, aunque no nos hayan llegado aun testimonios arqueológicos de ello al menos en lo que yo sé. Su nombre es claramente céltico, como se puede deducir de otros similares, tal como el de *Eburacum*, la actual York, en Inglaterra, los *Eburones*, pueblo de la Gallia Belgica etc., etc. (³). Su situación en un cerro que domina la comarca es también indicio de haber sido un oppidum anterromano pues las fundaciones romanas de ciudades buscaban el llano (*Caesaraugusta*, *Emerita Augusta*, etc.).

Tras la conquista romana es incorporada para los asuntos judiciales al *Conuentus Iuridicus* de su vecina la colonia romana de *Pax Iulia*, actual Beja (⁴). Como la mención de Plinius procede de las *Formulae Prouinciarum* y como en dicha cita aparece ya disfrutando el *Latius vetus* es de suponer que este beneficio lo recibiera de Augustus o tal vez de Caesar. Por la misma razón sería también angústeo o cesáreo el título o apellido de *Liberalitas Iulia*. Por otra parte si hemos de aceptar que el epíteto *Iulius* implica por lo menos una data anterior al año 27 antes de J. C., fecha en que Octavianus es proclamado Augustus, tendríamos que todo lo dicho (*Latius vetus* y epíteto de *Liberalitas Iulia*) los hubo de tener *Ebora* antes del año 27 a. J. C. Fue, pues, una de las ciudades lusitanas más pronto y más rápidamente romanizadas.

Sin embargo, su incorporación definitiva a la romanidad vino algo después, cuando fue elevada a la dignidad de *Municipium*

I¹) 418, 1; 426, 5.

(²) 306, 15.

(³) Vide Holder, *Alte. Sprachschatz* s. v.

(⁴) Vide A. García y Bellido, *Las colonias romanas de España*, «Anuario de Historia del Derecho Español», 29, 1959, 495 s.

Romanum. ¿ Cuándo acaeció esta total y definitiva incorporación a la romanidad ?. Probablemente con Vespasianus, cuando éste otorgó el derecho latino maior a todos los españoles que no tuvieran la ciudadanía romana en este o en superior grado. Es decir el año 74 de la Era. Fue entonces cuando muchas ciudades peregrinas o stipendiarias o disfrutando ya del *Ius Latii vetus* fueron convertidas en *Municipia Romana*. Es opinión mía que este beneficio que, en principio, no debió de afectar más que a los peregrinos, se extendió en un grado más a aquéllos que gozando ya del derecho latino, viejo o nuevo, estaban en situación óptima para recibir la ciudadanía romana plena y convertirse en munícipes caso que creo fue el de *Ebora*. Desgraciadamente las lápidas conocidas (*) no citan a Evora como *Municipium Eborense* sino en época ya tardía, en tiempos de Gordianus (2), figurando en otra inscripción (3) de fecha desconocida un *decemvir stlitibus iudicando*. Pero no desecho la esperanza de que cualquier día nos salga al paso una inscripción que demuestre su carácter de *Municipium* en época mucho más reciente, quiero decir del último cuarto del siglo i.

Muy interesante es también la pervivencia de nombres indígenas peregrinos. Se citan una Boutia (4) y un Tancinus (5), ambos muy típicos de la Lusitania.

*

* *

Evora tuvo sus murallas romanas y tuvo su acueducto y sus templos. De uno de ellos se han conservado restos monumentales, hoy gala de la ciudad lusitana y de toda la Península Hispana. Adelantamos aquí en las figs. 1 y 2 su planta y modulación remitiendo al estudio más circunstanciado que sobre él publicaremos en el *Archivo de Reja*, en breve. Del acueducto quedan pocos

(M Descartadas las falsas: *CIL* II 114 y 115 = *Suppl.* p. 805.

(2) *CIL* II 110.

(3) *CIL* II 113.

(4) *CIL* II 123.

(5) *CIL* II 119.

testimonios. En cambio de las murallas se ha conservado virtualmente el recinto casi por entero (fig. 3). Es de ellas de lo que vamos a tratar preferentemente en este trabajo.

Naturalmente el tema no es nuevo. Todos los evorenses han tenido siempre consciencia de su existencia entre otras razones porque han estado en parte a la vista. Pero fue el erudito local de fines del siglo xix y comienzos del xx, Gabriel Pereira, quien mejor las conocía y más veces aludió a ellas en sus escritos. Digo «aludió» y no «trató» de ellas porque, en verdad, no hay un estudio detenido de las mismas sino mas bien alusiones de pasada. Así, al hablar del antiguo monasterio de Loios, se limita a decir sólo esto: ...«a muralha, com seus cúbelos, do lado nascente, é mais que medieval, é romana, em certos pontos completa, perfeitamente conservada» G). Tratando del templo dice, igualmente al paso, «o céreo de valentes muralhas de grossos silhares faciados de que nos restam ainda belos fragmentos» (2). Más adelante, en 1900, Pereira publica un corto artículo (3) que, aunque posterior al que servio de informe a Ayres, del que hablaremos al punto, es menos enjudioso que aquél. Pero en él manifiesta una opinión que para mi es tan cierta que hágola mía: «Da muralha romana — dice — ha restos sufficientes para se lhe marcar rigorosamente todo o circuito» y añade «existem grandes trechos magnificamente conservados».

En todo caso Pereira había estudiado el recinto romano de *Ebora* mucho mejor y más detenidamente que en este artículo de *O Archeólogo Português*, antes aludido. Pero — cosa extremadamente curiosa — en una gran obra que no es suya, en la de Ghristováo Ayres (4). En ella hay varias páginas dedicadas a la muralla romana de Evora que, como el mismo Ayres dice, se redactaron siguiendo las escritas expresamente por Pereira. En

(9) G. Pereira, *Estudos Eboreuses* I. Evora romana. I parte. Evora 1885. Utilizo la segunda edición, Evora 1947, 99. Todas las citas venideras se referirán a esta segunda edición.

(2) L. c. 43.

(8) *Antigüedades romanas de Evora*. «O Archeólogo Português», 5, 1900, p. 110 ss.

(4) *Historia orgánica e politica do exercito portuguez*, I, Lisboa, 1896, p. 434 ss. y un mapa de Evora con el trazado del recinto.

cuanto al mapa siguió a otro «inedito» (dice), de 1879, obra de Joaquim de Mattos, que utiliza Ayres con algunas indicaciones y añadidos de Pereira. No conozco el plano original de Mattos, que sospecho estará en el Ayuntamiento de Evora, pero si el de Ayres por haber tenido su obra en mis manos. Este plano es muy esquemático y hasta poco exacto, pero es lo suficientemente expresivo para seguir el trazado de la muralla romana según la podía ver o intuir entonces Pereira.

Tanto Pereira como Ayres tuvieron una ventaja y una desventaja con respecto a nosotros. La ventaja es que pudieron ver la muralla romana en sitios algunos de los cuales hoy son imposibles de ver. La desventaja consiste en el hecho de que hoy, en cambio, podemos ver perfectamente claro y despejado todo el lienzo oriental y septentrional por haberse limpiado y urbanizado recientemente estas zonas dejando a la vista los trechos romanos (figs. 4 a 13). En lo tocante al resto del perímetro (lados meridional y poniente) están, poco más o menos, como hace 80 o 90 años, según creo.

El plano por mi trazado (fig. 3) viene a coincidir, en líneas generales, con el de Pereira-Ayres, salvo acaso en los ángulos NO. y SO. En el primero, correspondiente a la Rúa do Salvador, Pereira-Ayres dudan y marcan en su plano dos posibles trazados. Uno de ellos cruza a levante de la Praça de Sertorio y otro a poniente de la misma. Yo creo que es este último a juzgar por las recias construcciones embebidas en el bloque de viviendas que limitan la Praça de Sertorio al E. y la Rua de João de Deus al O., en el lugar donde antes estuvo el Convento de San Pablo. Sigue después la torre de entrada a la Rúa Nova (Casa Villas Boas) y la muralla claramente visible tras las tiendas y casas de la acera oriental de Alarcova de Cima, entre la Rúa Nova (fig. 14) y la Rúa do 5 d'Outubro (antes Rúa da Sillaria). Aquí, y especialmente en la parte ocupada hoy por el restaurante Arcada, se ve perfectamente el lienzo de muralla, un cubo y una poterna (fig. 15) P). Luego, a lo largo de Alarcova de Cima, asoman al ras del suelo dos cubos más. Cruzada la Rúa do 5 d'Outubro

p) Creo que esta parte se corresponde con los hallazgos de fines del siglo xix de que se hace eco Pereira al decir: «hace 8 años en el palacio de Villas Boas se halló un pasaje muy estrecho y anguloso, todo de formidables y bien asentados sillares que iban a salir a Alarcova junto y al Sur de la gran torre llamada de Sisebuto».

hay, al comienzo de Alarcova de Baixo otra torre y tras las tiendas y viviendas sigue la muralla romana perfectamente visible hasta llegar a las Escadinhas de San Vicente, donde se pierden a nuestra vista aunque estoy convencido podrían aparecer haciendo una pequeña cata de comprobación. La Rúa do 5 d'Outubro (antes da Sillaria) marca a mi juicio el decumanus maximus de la ciudad romana y nada tendría de particular que el arco que por allí estuvo (en la Praça de Giraldo) hasta su derribo en el siglo xvi, fuera el de la puerta de la muralla que dió salida a la Via Decumana.

Sigamos ahora el sector meridional. Iba desde las Escadinhas de San Vicente hasta el final de la Rúa do Conde da Serra da Tourega y está hoy oculto en su mayor parte viéndose o adivinándose algo en el Largo da Misericórdia y en el lugar llamado Porta de Moura, donde hay dos torres (quizás de puerta de la muralla correspondiente a la salida del Cardo Maximus) y un lienzo grande que acoda hacia el Norte buscando la salida de la Rúa da Freiría de Baixo que va a unirse con la Freiria de Cima justamente en San Miguel (figs. 4 a 6). En la ya citada Porta de Moura se dice haber grandes subterráneos.

En San Miguel comienza el lienzo oriental, hoy el más visible y espectacular gracias a la limpieza que en él se ha hecho y al ajardinado en pendiente de la parte delantera de la muralla. Esta sirve en buen trecho de apoyo al magnífico Palacio de los Condes de Basto (figs. 7 a 12). Gracias a ello todo este lienzo de levante ha podido conservar en algunos sectores varias hiladas del muro romano en muy buen estado de conservación (figs. 8 a 10 y 13) mostrando el aparejo de sogá y tizón tan característico de los muros romanos, compuestos de sillares de granito por lo general de 1x0,60x0,30 m. (=3 x 2 x 1 pies romanos).

El lienzo septentrional comienza con el testimonio importante del ángulo del Palacio de Cadaval con el que comienza la Rúa Oriental de Diana. Toda su parte inferior es típicamente romana. El lienzo romano sigue casi recto hacia el poniente hasta la Torre do Salvador y más allá de la Rúa del mismo nombre hasta los potentes restos sitos en el lugar donde antes se alzó el hoy extinto Convento de S. Pablo, del que ya hablamos al comienzo de esta descripción itinerante. En la parte media de este lienzo septentrional se abre la puerta que da entrada a la Rua de D. Isabel.

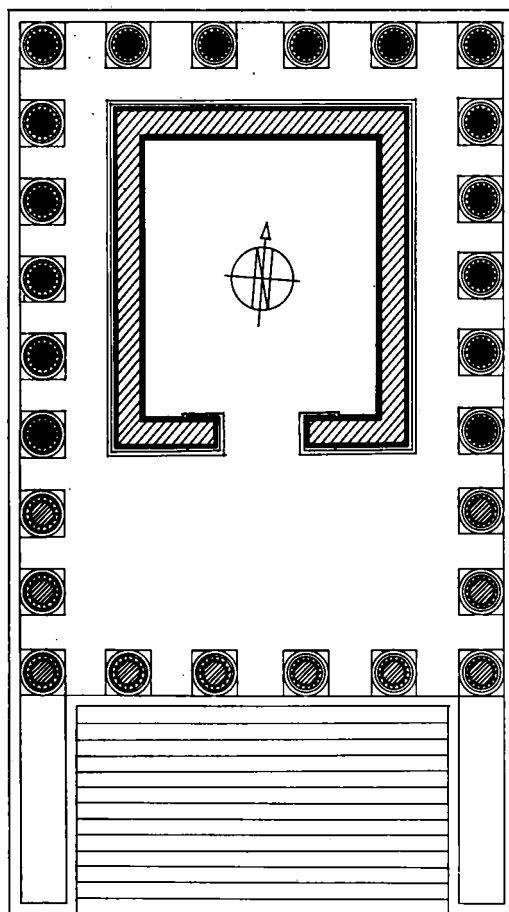
Esta puerta es antigua, romana, aunque ya muy alterada. Por ella desembocaba una via cardinal pues el *Cardo Maximus* creo más bien estaría a la altura de la Rua de Soares Lusitano, siguiendo luego el Largo Marquês de Marialva y D. Miguel de Portugal para salir, probablemente, algo más al E. del Largo da Misericórdia. En este caso el Forum de Evora lo ocuparía la zona del templo romano (mal llamado de Diana) y el área hoy ocupada por el Museo y el Largo del Marquês de Marialva.

Esto es cuanto yo he podido averiguar en poco tiempo y con escasos medios acerca del recinto murado romano de la ciudad de Evora ¹⁾. Mi impresión es que este recinto se halla casi intacto y que ofrece al arqueólogo frutos seguros si con más tiempo y medios puede penetrar en todas y cada una de las casas edificadas sobre la muralla romana y certificar sus restos metro a metro, medir sus grosores, averiguar sus torres, puertas y poternas y trazar, como colofón, un plano más completo y pormenorizado que el que hizo hacia 1900 Pereira y setenta años después quien ésto escribe. Quedan aun muchas incógnitas que hoy podemos resolver sólo conjeturalmente en espera de que una investigación detenida y paciente dé su respuesta definitiva. La tarea merece la pena y si la bellísima ciudad de Evora pudiese mostrar un día el perímetro completo de la muralla romana, cosa que juzgo factible y hasta relativamente fácil, tendría un mérito más que añadir a los muchos que ya posee.

La muralla romana de Evora, que Pereira juzgó como «única no seu género em todo o Occidente hispánico» va acompañada, no obstante, de las de Coria e Idanha-a-Velha, con las que habría que estudiarlas.

A. GARCÍA Y BELLIDO ¹

¹⁾ Sería ingratitud no recordar aquí los eficaces informes gráficos que me ha proporcionado Dn. Alexandre de Lancastre, Presidente de la Comisión Municipal de Turismo de Evora. Reciba desde aquí mi cálido homenaje.



ESCALA 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 M AG.B 1965

FIG. 1 — Planta del templo romano de Évora
(según A. García y Bellido)

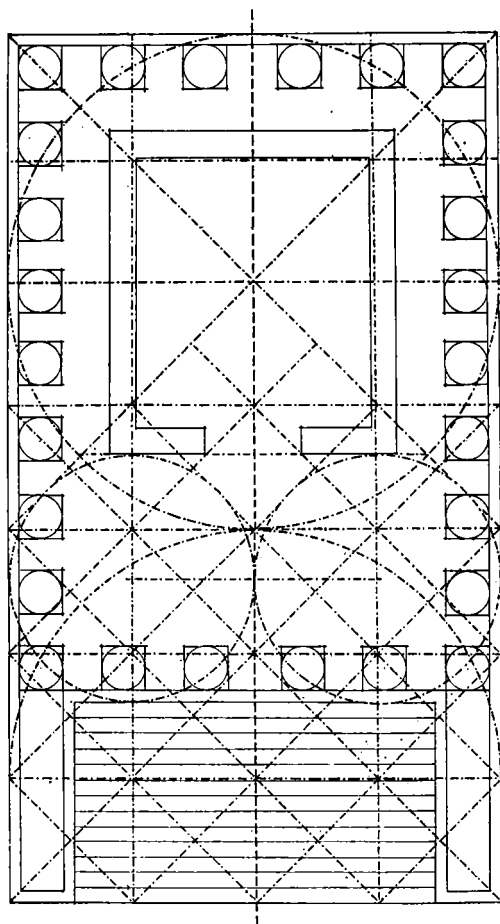


FIG. 2 — Planta del templo romano de Évora con su modulación
(según A. García y Bellido)

(Página deixada propositadamente em branco)



FIG. 4 — Murallas romanas de Évora. Angulo oriental de San Miguel.
(Foto A. G. y B.)

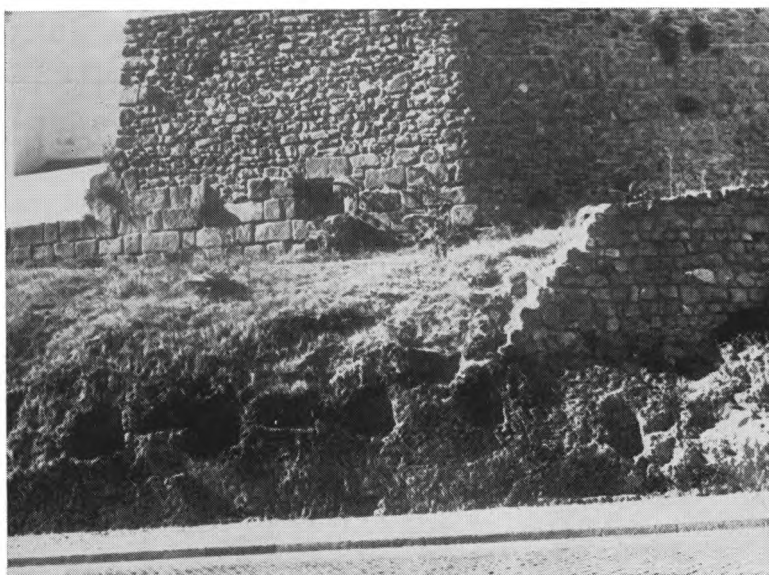


FIG. 5 — Particular de la figura anterior. (Foto A. G. y B.)



FIG. 6 — Murallas romanas de Evora. Sector de San Miguel
(Foto A. G. y B.)

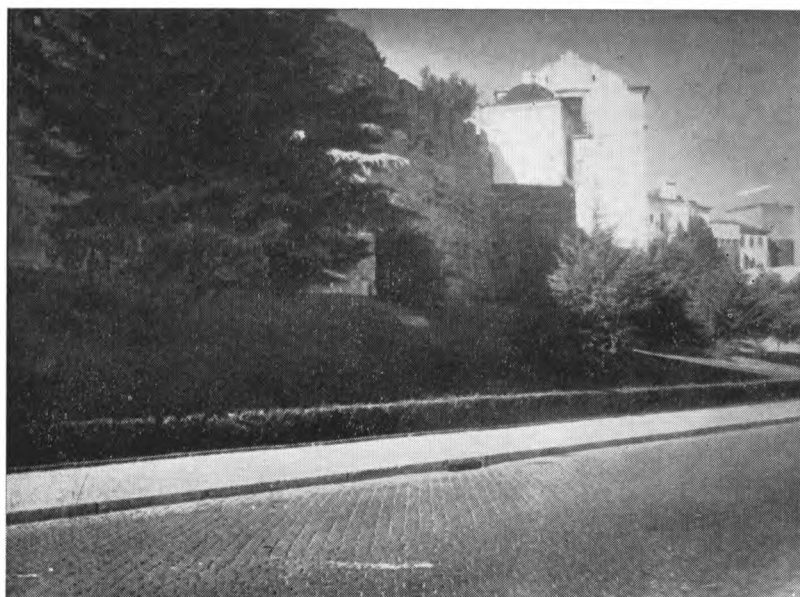


FIG. 7 — Murallas romanas de Evora. Sector del Palacio de los condes de Basto
(Foto A. G. y B.)



FIG. 8 — Murallas romanas de Evora. Sector del Palacio de los condes de Basto
(Foto A. G. y B.)

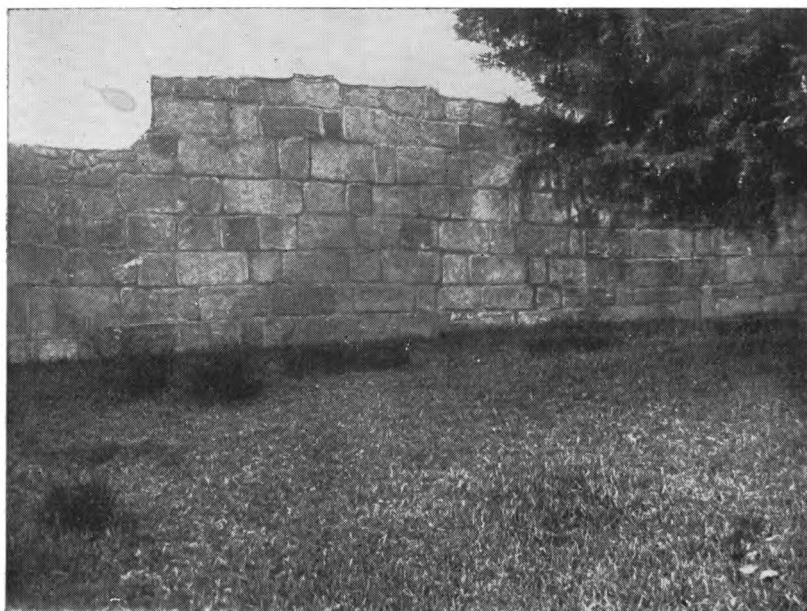


FIG. 9 — Muralhas romanas de Évora. Lienzo del Palacio de los Condes
de Basto. (Foto A. G. y B.)



FIG. 10 — Murallas romanas de Evora. Particular de la vista anterior.
(Foto A. G. y B.)

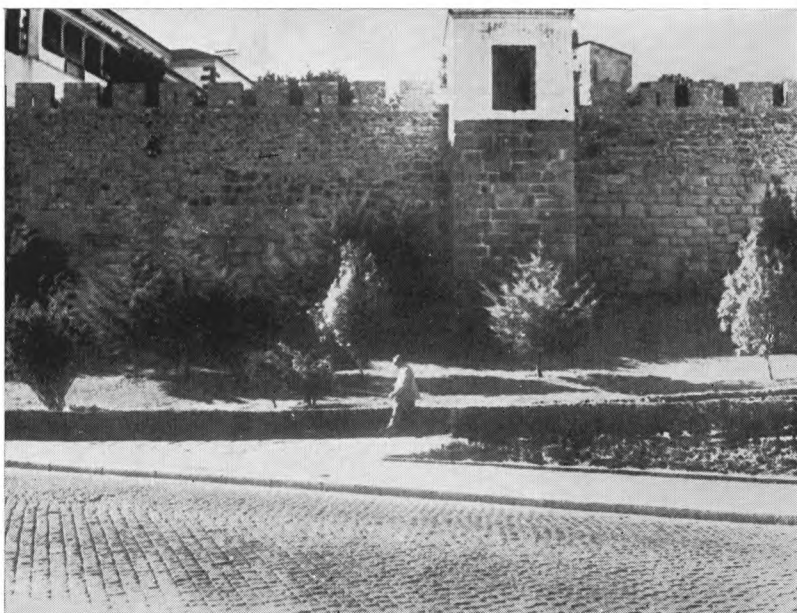


FIG. 11 — Murallas romanas de Evora. Sector del Palacio de los Condes de Basto. (A. G. y B.)

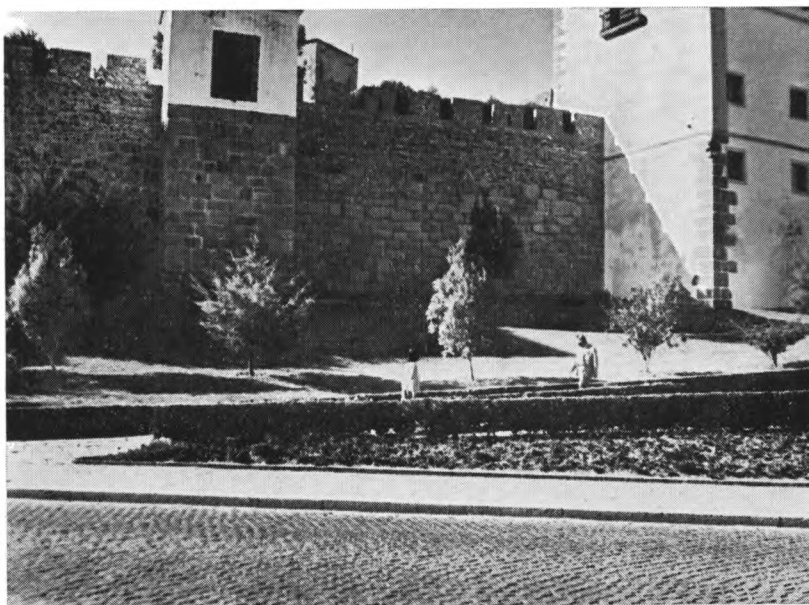


FIG. 12 — Lienzo norte del recinto romano correspondiente à la zona del Palacio de los Condes de Basto. (Foto A. G. y B.)

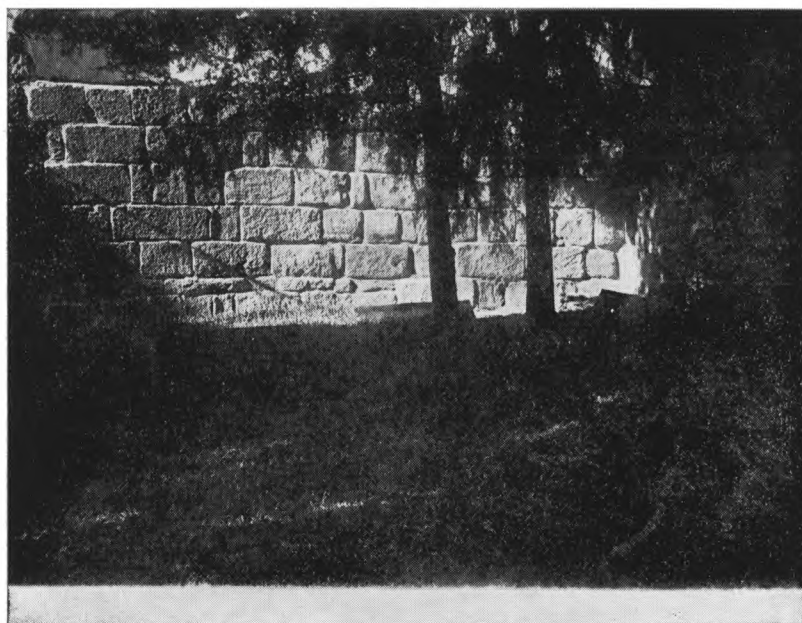


FIG. 13 — Murallas romanas de Évora. Sector del Palácio Cadaval (Foto A. G. y B.)



FIG. 14 — Base de la Torre que da acceso a Arcacova de Cima (Foto A. G. y B.)

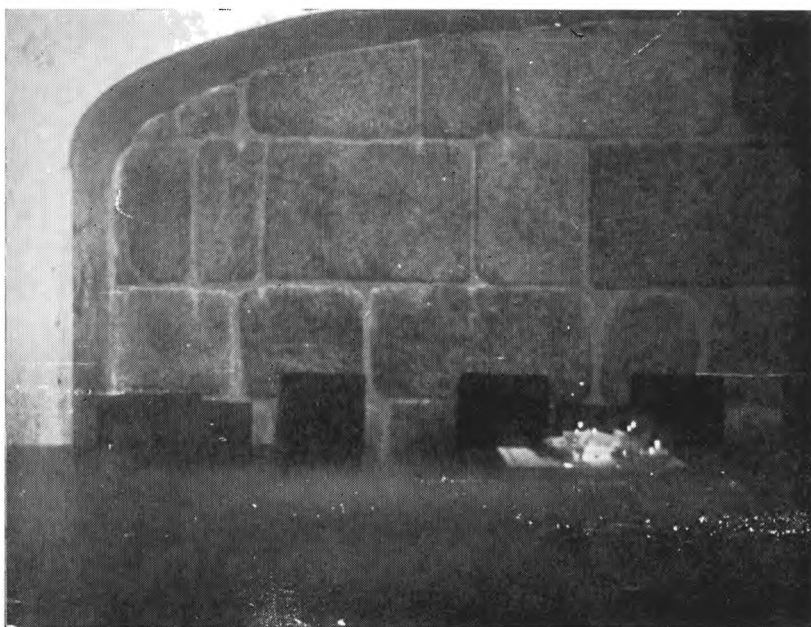


FIG. 15 — Interior del Restaurante Arcada, en Arcacova de Cima (Foto A. G. y B.)

COCHLEARES ROMANO-VISIGODOS DE LA PENINSULA HISPÁNICA

En Portugal han salido a luz en distintas ocasiones varias cucharillas de plata litúrgicas, cristianas primitivas o visigóticas, de las cuales se ha hecho poco caso entre otras razones por no haberse reunido en un estudio y no estar claro su uso o destino. Lo curioso es que, hasta donde mis conocimientos alcanzan, estos ejemplares portugueses son los únicos de toda la Península Hispánica conocidos hasta hoy.

La más importante de estas piezas es la que guarda el Museo Municipal de Elvas (fig. 1) ^(*). Fue hallada por Dn. Antonio Dias de Deus en 1946 en Terrugem, lugar inmediato a Elvas rico en hallazgos visigóticos ⁽²⁾. Estaba en una sepultura de las varias puestas al descubierto al hacer una zanja para el tendido de una conducción de agua. La sepultura dió — aparte la cucharilla — un vaso de vidrio que desgraciadamente se deshizo al sacarlo. Todas las sepulturas de este cementerio eran trapeciales, pero ésta que ahora nos interesa era la menor en dimensiones de todas y tenía ambos extremos y todo el lecho o suelo de la fosa de tejas. No sé si se ha publicado relación pormenorizada de estos hallazgos ni conozco el número de sepulturas descubiertas ni si se agotó o no el yacimiento. Las únicas noticias que tengo son las que dio primero el Padre Henrique da Silva Louro ⁽³⁾, luego el benemé-

f¹) Doy aquí las gracias a su director el Sr. Eurico Gama por las facilidades que me dió para su estudio.

(²) Vide el libro de F. de Almeida que luego se cita.

(³) *Inscrição cristã de há 1600 anos*, «Ethnos», 3, 1948, 347 s. con un dibujo a pluma.

rito A. Viana (*) y, finalmente, el Professor F. de Almeida (2) Añádanse unas notas muy oportunas del Profesor Heleno al artículo del P. Louro (3).

La cucharilla de Terrugem es de plata y de ella se ha perdido recientemente el extremo del mango que alcanzaba en lo conservado los 18,6 cm de longitud, cuando hoy mide sólo 12. Ello aparte de que el estuchito que se hizo para exhibir la pieza muestra una huella para un mango mayor. La cucharilla, en junto, debió medir unos 20 cm o poco más. No sabemos cómo terminaba. La sección del mango es exagonal pero en su unión con la concha es un prisma cuadrado en su sección. Una banda recuadrada dice en el cuenco de la concha: AELIAS VIVAS IN CHRISTO. La voz Christo en la forma del anagrama habitual (chrismón o christogramma). En el arranque del mango, y en mayúsculas griegas, ΑΕ2.

Otra cucharilla (cochlearis) muy semejante, también de plata, guarda el Museo de Lagos como procedente de Nossa Senhora da Luz (fig. 2). Carece de inscripción, pero en la concha lleva una decoración como los nervios de una hoja. La cucharilla tiene una longitud de 28 cm. (4).

De bronce es la aparecida en la catedral vieja de Idanha-a-Velha. Mide 13,7 cm y termina en un botoncillo. Carece también de inscripción (5).

Igualmente de bronce fue el cochlearis del Museo de Elvas. Pero de él sólo se conserva la concha o pala. Procede también de Terrugem y carece de inscripción. La vi y tengo nota de ella. Fue publicada por A. Viana (6)

Finalmente el profesor Heleno citó otra procedente de Troia de Setúbal que no describe ni reproduce pero de la que dice que *IV

(*) *Contribuição para a arqueologia dos arredores de Elvas*, Porto, 1950, 16 ss., ñg. 19e.

(2) En su libro *Arte visigótica em Portugal*, Lisboa, 1962, 235, fig. 322. T. a. de «O Arqueólogo Português», N. S. 4, 1962.

(8) En el mismo número de «Ethnos» antes dicho, p. 494 s.

(4) A. Viana, «Archivo Español de Arqueología», 26, 1953, 128 lám. IV n.os 54-55 y fig. 7; F. de Almeida, 1. c. 255 figs. 323 y 324.

(5) F. de Almeida 1. c., 236 figs. 325 y 326.

(f1) *Contribuição*, etc. ya citada, fig. 19.

apareció en una sepultura que él fecha a fines del siglo m (1). La fecha, de ser cierta, es interesante y va paralela con otras muy tempranas, como la de Autun, con inscripción griega, datable a comienzos del siglo m (2).

Hasta donde yo sé estos cochleares son los únicos registrados en toda la Península Hispánica y todos caen, por ahora, dentro del área de la Lusitania portuguesa lo que explica que en España hayan pasado inadvertidos. Es esta una de las razones por las que los reúno aquí subrayando su importancia. Pero es que, además, pretendo con ello sumarlos al estudio que casi con carácter de corpus, han hecho recientemente V. Milicic y H. Vettters (3) con varios mapas de distribución y un catálogo de hallazgos donde se recogen más de 400 ejemplares de casi unas 150 localidades, en su mayoría del Centro de Europa, no figurando ninguna de las hispanas a pesar de haberse ya publicado todas o casi todas las conocidas, como hemos visto.

No falta bibliografía acerca de este género de piezas. Pero ha sido y sigue siendo un problema el del destino y el uso de estos objetos a los que se les apellida litúrgicos aunque en muchos casos no lo fueron, al menos en el sentido extricto de la palabra.

Hoy está, a mi juicio, suficientemente esclarecido que uno de los destinos de esta especie de cucharillas era dar la Eucaristía a los comulgantes. La costumbre data ya de los primeros tiempos del cristianismo oriental y sigue en uso ahora mismo en la Iglesia ortodoxa. De su empleo en Occidente hay testimonios gráficos en manuscritos medievales pintados y fuentes literarias que lo demuestran textualmente. Ello, empero, no excluye que cochleares idénticos o similares se empleasen también en actos profanos o civiles o en ceremonias mixtas. En casos parece que sirvieron para derramar el agua bautismal en la cabeza de los niños guardándose luego como recuerdo con el nombre del neófito grabado en la concha

f1) «Ethnos» 3, 1948, 495 no dice dónde se conserva pero sospechamos ha de estar en el Museo de Belem si, como parece, procede de una excavación de las que allí llevó el Sr. Heleno.

(a) J. Werner, *Das Alamanische Fürstengrab von Wittislingen*, «Münchener Beiträge z. Vor- u. Frühgesch.», 2, 1950, 38 ss.

(8) *Zu den spatkaiserzeitlichen und merowingischen Silberloffeln*. (49 Bericht der Römisch-Germanischen Kommission 1968), Berlin 1970, 111 ss.

de la cucharilla y la acclamatio «vivas in Deo» o «vivas in Christo», tal como lo vemos en nuestro caso más elocuente, en la cucharilla de plata de Terrugem (fig. 1), pero que, además, se repite idénticamente en otros muchos de fuera de la Península donde leemos, por ejemplo: Pascasia bibat (*sic*) in Deo, Quintilla vivas in Deo etc., o simplemente, Posenna vivas, Luciliane vivas, Veneria vivas etc., etc. Estas saluciones o aclamaciones eran muy frecuentes y venían a ser hasta cierto punto frases o signos apotropaicos así como las cucharillas se convertían, además, en objetos profilácticos con sentido similar al que aún conservan las medallas o escapularios. Pero junto a todos estos usos y destinos debieron de haber otros, como el de los ágapes sagrados, para atestiguar los cuales hay pruebas de todo orden. Muy corriente fue también su uso en las comuniones sub utraque specie en las que el pan en trozos o desmigajado se mezclaba con vino (intincto pane) forma a la que alude precisamente el Synodo de Braga del año 675 (*). En estos casos las cucharillas eran especiales. Aunque idénticas a las otras éstas iban perforadas por varios agujerillos para dejar caer el líquido. Eran las llamadas «colatoria» o coladores, por decirlo en castellano.

Que yo sepa estos colatoria no han aparecido aún en nuestra Península. Y ya que hablamos de hallazgos digamos — y terminemos con ello esta breve exposición — que lo más corriente es que cochleares o colatoria procedan de tumbas indistintamente de hombres y mujeres. En el caso de Terrugem parece que estamos ante un enterramiento de niño a juzgar al menos por el tamaño de la sepultura lo que aboga por creer que en este caso Aelias (= Elias) conservaba el objeto probablemente como recuerdo de su bautismo o tal vez de su primera comunión, aportando un dato más en favor de la suposición, ya expuesta, a propósito del probable empleo de tales objetos como recuerdo de un hito importante en la vida cristiana de un fiel cualquiera. No son raros, también, los casos en que, junto a tales cucharas, aparece la de cedazo o colador dentro de una misma sepultura. Por otra parte han surgido igualmente cucharillas de ambos géneros en tesoros o (*)

(*) Cabrol-Leclercq, *Dictionnaire*, 3174 s. 3465.

conjuntos descubiertos en iglesias. Desde este punto de vista es sumamente interesante el hallazgo de Idanha-a-Velha acaecido, precisamente, en la misma catedral antigua. Por sus fechas digamos únicamente que en su mayoría parecen, por las letras, de época visigoda, como sin duda lo es la argentea de Elvas, pero que también las hay de los siglos m y iv. Una de las más primitivas sería la de Troia de Setúbal.

Creo poder vaticinar que si se pone más cuidado en estos objetos no tardará mucho en que la pequeña colección que ahora señalamos en Portugal se enriquezca notablemente con hallazgos similares de todos los demás lugares de nuestra Península.

Al corregir pruebas puedo añadir un ejemplar español hallado en Bruñel (Jaén) recientemente. No lleva inscripción pero es de plata, como los portugueses, y aproximadamente del mismo tamaño.

A. GARCÍA Y BELLIDO

(Página deixada propositadamente em branco)

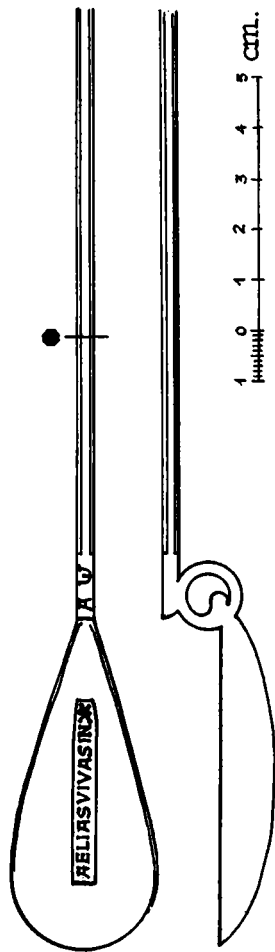


FIG. 1 — Cochlearis de plata hallada en Terrugem, Museo Municipal de Elvas (según A. G. y B.).

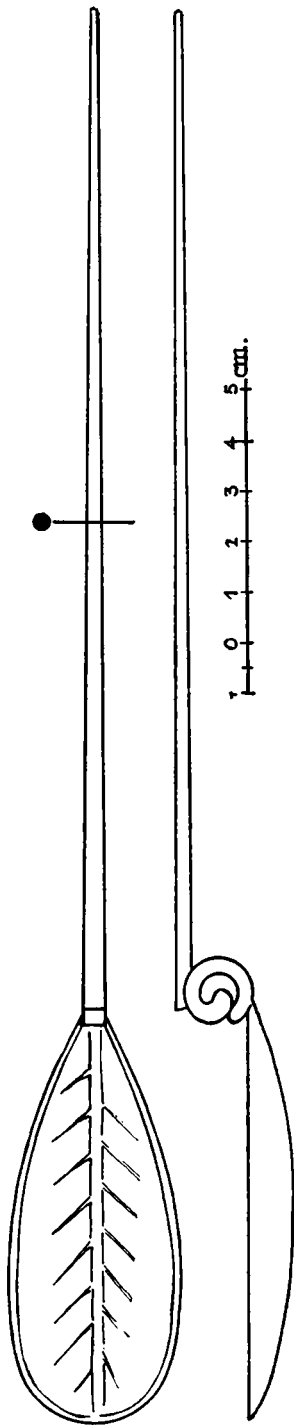


FIG. 2 — Cochlearis de plata de Nossa Senhora da Luz, Museo Municipal de Lagos. (Según A. G. y B.).

(Página deixada propositadamente em branco)

SONDAGES 1967 ET 1969 À ALJUSTREL (PORTUGAL). NOTE PRÉLIMINAIRE

Les mines d'Aljustrel (Alentejo, Portugal) (fig. 1) sont devenues célèbres dans le monde de l'archéologie lorsque furent découvertes à trente ans de distance — la première en 1876, la seconde en 1907 — les deux tables de bronze sur lesquelles sont gravées les lois qui régissaient, au ^{ne} siècle de notre ère, le *metallum Vipascense* (x).

Aujourd'hui on exploite à Aljustrel (fig. 2) la pyrite de fer cuivreuse des trois gisements (Algares, Moinho et S. João do Deserto) qui constituent la concession moderne. Dans l'antiquité seul le gisement des Algares, dont le chapeau de fer affleurait sur une longueur de neuf cents mètres a fait l'objet d'une exploitation: à l'époque romaine on en tirait du cuivre et de l'argent; il est fort probable qu'on y a aussi trouvé de l'or (2). Le gisement de Moinho n'affleure pas, aussi est-il resté inconnu des anciens. Celui de S. João do Deserto a un chapeau de fer de peu d'importance; il ne présentait donc pas d'enrichissement secondaire compensateur,

(9) La bibliographie concernant ces deux tables est considérable. On trouvera citées les publications les plus importantes dans E. Schonbauer, *Beiträge zur Geschichte des Bergbaurechts*, Munich, 1929, et dans A. d'Ors, *Epigrafía jurídica de la Espana Romana*, Madrid, 1953, p. 74-75.

(2) Sur la géologie de la zone et la situation des différents gisements, on pourra consulter en dernier lieu R. Freire d'Andrade, *As minas de Aljustrel*, «Boletim de Minas», 4(2), 1967, p. 5-8 du tiré-à-part. Une analyse de deux échantillons de minerai recueillis à la base du chapeau de fer du gisement do Moinho a donné les résultats suivants:

n.º 1: 329 g d'argent et 5,2 g d'or par tonne de minerai

n.º 2: 364 g d'argent et 3,7 g d'or par tonne de minerai

(analyses effectuées par le laboratoire des Mines d'Aljustrel).

ce qui explique qu'il ait fait l'objet d'une simple prospection qui n'a pas été suivie de grands travaux d'exploitation.

A la mine des Algares, les travaux antiques ne se sont développés que dans le chapeau de fer et à la partie supérieure du gisement. On sait en effet que, dans les gisements de minerais sulfurés — comme c'est le cas à Aljustrel ainsi que dans les mines analogues du sud du Portugal (Caveira, São Domingos) et de la province de Huelva (Espagne) — des concentrations de minerais se produisent de façon assez capricieuse à la base de la zone d'oxydation sous l'effet de l'oxygène de l'air véhiculé par les eaux de ruissellement: ces minerais sont ici ceux de cuivre bien entendu mais aussi l'or et l'argent, métaux qui, dans la masse pyriteuse, n'existent qu'en quantité infinitésimale par rapport à cette masse elle-même. Ce phénomène de concentration est connu sous le terme d'«enrichissement secondaire» et ce sont ces minerais concentrés qu'ont recherchés les anciens: ainsi s'expliquent le nombre de puits antiques et le réseau serré de galeries qui ont percé le chapeau de fer de tous les gisements de pyrite du sud-ouest de la Péninsule.

Des vestiges des anciennes exploitations ont été maintes fois découverts au cours des travaux modernes, mais surtout aux premières époques, quand on n'en était qu'aux niveaux supérieurs du gisement. Récemment encore, au cours du creusement d'un tunnel, on a recoupé des galeries et des puits romains (fig. 3 et 4).

Parallèlement, en surface, existent les vestiges laissés par les exploitants d'autrefois; ce sont d'abord les immenses dépôts de scories dont l'importance — plusieurs millions de mètres cubes — surprend toujours le visiteur; ce sont aussi les restes de constructions («Maison du Procureur» par exemple) et la nécropole de Valdoca qu'ont explorée, au cours des dernières années, R. Freire d'Andrade, O. da Veiga Ferreira et A. Viana C). Ce dernier site surtout a fourni un matériel considérable dont l'étude systématique, menée avec rigueur par J. et A. de Alarcão ⁽²⁾, a abouti à des

^{f1)} R. Freire d'Andrade, O. da Veiga Ferreira et A. Viana, *Nécropole celtico-romana de Aljustrel*, «Publicações do 23.º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências», (Coimbra, 1956), 8, Coimbra, 1957.

⁽²⁾ J. et A. de Alarcão, *O espólio da necrópole luso-romana de Valdoca (Aljustrel)*, «Conimbriga», 5, 1966, p. 7-104.

conclusions d'une grande importance quand il s'agit de fixer la durée de la présence romaine à Vipasca et, par voie de conséquence, de l'exploitation de la mine par les Romains: les premières tombes sont de l'époque d'Auguste, les dernières du milieu du ^{me} siècle.

Cette dernière date correspond peut-être à l'invasion de 260, comme le suggèrent J. et A. de Alarcão C): elle marque l'abandon de la nécropole, mais sans doute pas celui du site ni des mines: de la «Maison du Procureur», groupe de bâtiments situés entre le chapeau de fer du gisement des Algares et les dépôts de scories, proviennent des tessons de sigillée claire D ⁽²⁾ et des monnaies du ^{ive} siècle ⁽³⁾. Il est donc vraisemblable qu'au ^{me} siècle et pendant une partie du ^{ive} la mine a continué à être exploitée mais nous ignorons à quelle échelle.

En revanche, la première date s'accorde avec la découverte, au voisinage de la «Maison du Procureur» et à Valdoca, de plusieurs plats de céramique arétine ⁽⁴⁾, et je crois aussi que l'on peut l'accepter comme étant celle où Rome commence l'exploitation rationnelle du gisement, car c'est précisément le moment où ont été jetées les premières bases de l'organisation économique de l'Empire ⁽⁵⁾ et où la tranquillité amenée par la *Pax Romana* s'installe dans la Péninsule. N'oublions pas en effet qu'à la fin de la République, cette région occidentale de l'Ulérieure n'était toujours pas sûre: la guerre de Viriathe (147-139), celle de Sertorius (78-72), les contre-coups de la guerre

(*) J. et A. de Alarcão, *ibid.*, p. 8.

(2) Musée d'Aljustrel.

(3) Musée Leite de Vasconcelos, Belem. Vitrine 157, lot n.º 15787: monnaies de Constance Chlore datant de 305-306, de Valentinien I (364-375) ou II (375-392). Citons encore une monnaie de Maxence (306-312), trouvée non loin de la mine du Moinho (Musée d'Aljustrel). A voir les tessons que Ton peut recueillir en surface, il est vraisemblable qu'une fouille systématique de la «Maison du Procureur» fournirait un matériel du ^{IVe} siècle assez considérable.

(4) Actuellement déposés au Musée dos Serviços Geológicos de Portugal, à Lisbonne. Quelques marques ont été publiées par O. da Veiga Verreira et R. Freire d'Andrade, *Algumas marcas de oleiro em terra sigillata, de Vipasca (Aljustrel)*, tiré-à-part de la «Revista de Guimarães», 74, 1964, p. 317-322.

(5) Dion Cassius, 52, 28.

civile enfin l'ont agitée sans cesse au 11^e et au I^{er} siècle av. J. C. Dans ces conditions, comment entreprendre une oeuvre de longue haleine comme l'exploitation d'une mine ?

L'emprise de l'administration romaine ne s'est fait vraiment sentir dans cette zone qu'après les guerres cantabres (25 av. J. C.) et la création de la province de Lusitanie en 27 av. J.-C. C). Les dates que fournit l'histoire et celles proposées par l'archéologie concordent donc: c'est à l'époque augustéenne que Rome entreprend l'exploitation des mines de Vipasca: alors l'agglomération s'installe dans la plaine de Valdoca, à l'est et à l'ouest du chapeau de fer de la mine des Algarès.

Mais que s'est-il passé auparavant ? Que savons-nous de l'occupation antérieure, qui puisse nous donner des jalons pour la chronologie de l'exploitation de la mine ? Aljustrel est en effet une mine importante — l'intérêt que les Romains lui ont porté le prouve — parmi toutes celles du sud du Portugal et peut jouer le rôle de site-témoin dans l'histoire des mines de cette région.

D'autre part, comme Caveira et São Domingos, c'est un gisement géologiquement semblable à ceux de la province de Huelva (Espagne) situés à 150 km à l'est: or, sachant que dans les mines de Huelva, et en particulier à Riotinto (2), existaient les vestiges d'une industrie minière et métallurgique remontant au vii^e siècle avant notre ère, nous désirions savoir si l'éloignement avait empêché les gisements portugais d'être repérés par les populations tartessiennes à la recherche de cuivre, d'argent et d'or, ou bien si, au contraire, celles-ci avaient pénétré dans cet *Hinterland* et en avaient tiré ses richesses.

En fait, au voisinage de la mine des Algarès, on n'avait jusqu'ici trouvé aucun vestige d'habitat qui fût antérieur à notre ère (3). Ce n'est que sur une hauteur voisine du gisement de São João,

0) E. Albertini, *Les divisions administratives de l'Espagne romaine*, Paris, 1923, p. 25-33.

(2) A. Blanco et J.-M. Luzôn, *Pre-roman Silver Mines at Riotinto*, «Antiquity», 43, 1969, p. 124-131.

(3) Sans doute la pointe en cuivre du type Palmeia qui, selon E. Cartailhac, *Les tiges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, Paris, 1886, p. 220 et fig. 299, provient d'Aljustrel était-elle une première indication. Mais la localisation de la découverte manque de précision.

à Mangancha, que de rapides sondages effectués naguère par R. Freire d'Andrade avaient produit un matériel plus ancien: en particulier de la céramique campanienne voisine du type B, datant du I^{er} siècle avant notre ère (*), ainsi qu'un tesson, apparemment plus vieux encore, de céramique à décor géométrique tracé au brunissoir, alors attribué à l'Âge du cuivre (2).

Mais rien n'indiquait que cet habitat fût lié à l'exploitation des mines: Mangancha est situé à deux kilomètres au nord du gisement des Algarès, et s'il domine la mine de São João do Deserto, il semble bien que ce gisement, quoique tout proche, n'ait pas été touché dans l'antiquité, étant donné la raison mentionnée plus haut.

A nous qui cherchions à préciser la chronologie d'Aljustrel et de ses exploitations minières, s'offraient donc deux sites susceptibles de renfermer quelques vestiges des habitats miniers préromains. Tout d'abord, nous savions que dans les mines de pyrite du sud-ouest de la Péninsule, à Riotinto par exemple, les mineurs du vn-vi^e siècle aimaient s'installer sur le chapeau de fer lui-même ou dans son voisinage immédiat: c'est donc là qu'à Aljustrel aussi il fallait faire des recherches: étant donné qu'à l'est du *gossan*, tout le terrain a été creusé, bouleversé puis aplani pour la construction des bureaux et des ateliers de l'exploitation moderne, et qu'à l'ouest, le schiste encaissant qui descend en pente douce vers Valdoca a été dénudé par l'érosion, il ne restait que le chapeau de fer lui-même, du moins aux endroits où quelques tessons apparaissaient en surface, témoignages d'un habitat ancien. En cet endroit furent creusés deux sondages.

Enfin il y avait Mangancha, cette colline sur laquelle il fallait poursuivre et éclairer, dans la mesure du possible, les premières recherches de R. Freire d'Andrade: ce fut la raison de deux autres sondages que nous implantâmes sur ce site. L'autorisation de fouilles

I* 1) Musée d* Aljustrel: 4 fonds de patères dont un orné, sur sa face interne, d'un décor de 4 «palmettes rudimentaires, reliées par de véritables quarts de cercle», daté par J.-P. Morel, *Céramique à vernis noir du Forum romain et du Palatin*, Paris, 1965, p. 146-147, de la fin du II^e au milieu du I^{er} siècle av. J.-C.

(2) V. Leisner, *Innenverzierte Schalen der Kupferzeit auf der Iberischen Halbinsel*, «Madrider Mitteilungen», 2, 1961, p. 25.

nous a été accordée par la Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes que nous remercions vivement. Notre gratitude va également à D. Fernando de Almeida, Directeur du Musée Leite de Vasconcelos, qui ne nous a pas ménagé son aide, et à M. Jacques Louis, Directeur des Mines d'Aljustrel, dont nous n'oublierons ni l'hospitalité ni le concours efficace.

*
* *

Nous ne donnerons pas dans cette *Note* un compte-rendu détaillé des quatre sondages G). Nous exposerons seulement les résultats auxquels nous sommes parvenus pour chacun des deux sites.

1 – *Chapeau de fer du gisement des Algares*

Sur le chapeau de fer du gisement des Algares (fig. 5), les deux sondages ont été installés de part et d'autre du château d'eau (altitude: 215 m): au sud, un carré de 3 m x 3 m (Al. 67); au nord, une tranchée de 13 m x 2 m (Al. 69), à cheval sur le chapeau de fer qu'elle a mis entièrement à découvert.

En ces deux endroits, la stratigraphie est la suivante:

— au-dessus d'une couche de décomposition du chapeau de fer de couleur rouge, strate du I^{er} siècle ap. J.-C. (milieu et deuxième moitié) dont l'importance varie selon les endroits: presque inexistante dans Al. 69 où on ne la trouve qu'au pied du chapeau de fer (côté ouest) sur 0,20 m de hauteur, elle est au contraire constituée de deux couches d'une épaisseur totale de 0,50 m dans Al. 67 (fig. 7) où le sondage a perforé l'intérieur d'une maison dont un mur était conservé sur une hauteur de 1,20 m. Le matériel est caractéristique: *terra sigillata* italique et gallo-romaine; paroi mince sablée et lisse; fragments de lampes; *terra sigillata* Hispanique A décorée; enfin du minerai de cuivre;

0) Nous réservons ce compte-rendu détaillé pour la publication complète.

— dans Al. 69, la strate supérieure est du ^{me} siècle; elle renferme deux murs parallèles de direction N 20° W, suivant l'orientation du chapeau de fer. Elle a livré deux antoniniens, l'un de Victorinus, l'autre de Claude II le Gothique, datés tous deux entre 268 et 270, de la *terra sigillata* Hispanique A (Drag. 37), de la sigillée claire de type D, enfin du minerai de cuivre.

Cette strate n'existe pas dans Al. 67 où celle de la deuxième moitié du I^{er} siècle est surmontée d'une couche non homogène résultant des effets de l'érosion ou de travaux de terrassement d'époque imprécise. Il y a là du matériel appartenant surtout au I^{er} siècle de notre ère, mais aussi une lampe à têtes d'oiseaux du I^{er} siècle av. J.-C. et un tesson de vase campaniforme.

Ces deux sondages nous ont donc permis de mettre au jour sur le chapeau de fer du gisement des Algarès des traces d'habitats romains datant l'un de la deuxième moitié du ^{me} siècle, l'autre du milieu de la deuxième moitié du I^{er}. Comme le montre l'hiatus qui sépare les deux époques, il n'y a vraisemblablement pas eu là un habitat continu: ce n'est pas étonnant vu la configuration du terrain. Mais d'autre part ces constructions n'ont rien qui surprenne: comme nous le disions plus haut, l'exploitation de la mine durait peut-être encore au ^{ive} siècle. Mais ce qui est plus intéressant, c'est la découverte d'un tesson de vase campaniforme; nous y reviendrons tout à l'heure.

Al. 67	Al. 69
Couche superficielle	
Couche de dépôts non homogène	
	III ^e siècle (2 ^e moitié)
I ^{er} siècle (milieu et 2 ^e moitié)	I ^{er} siècle (milieu et 2 ^e moitié)
Couche de décomposition	
Chapeau de fer	

Sondages du chapeau de fer du gisement des Algarès. Tableau résumé.

2 – *Mangancha*

Mangancha (fig. 6) est une croupe formée par un affleurement de jasper de direction sensiblement E-W; son altitude est de 211 m. Elle domine au nord la mine de São João do Deserto, à 2 km environ de la mine des Algarès. Les versants sont abrupts, mais le sommet est plat: son étroitesse est compensée par l'existence de deux ou trois terrasses artificiellement ménagées sur les pentes nord et sud. Les eucalyptus rendant difficiles les recherches sur le côté sud, nous avons choisi, pour l'emplacement des deux sondages, la terrasse supérieure sur le côté nord, Man. 67 (3 m x 3 m) étant situé sur le bord de la terrasse, à une cinquantaine de mètres de Man. 69 (4 m x 4 m) en retrait vers l'intérieur.

Les données stratigraphiques sont les suivantes:

- sur la roche même, repose une importante couche qui renferme, en même temps que de nombreux vestiges de constructions (murs de pierres sèches) (fig.8), un abondant matériel dont le plus caractéristique est constitué par de la céramique à décor géométrique effectué au brunissoir; il n'y a là aucun fragment de minerai. Nous reviendrons sur la datation de cette couche à propos de ce type particulier de céramique, que l'on peut situer entre le ^x^e-^{ix}^e et le ^{vn}^e-^{vi}^e siècle avant notre ère;

- dans Man. 67, la couche supérieure est vierge; en revanche, dans Man. 69, elle a livré un matériel céramique peu abondant et grossier, mais aussi une fibule appartenant à un type d'où paraît dériver celui d'Aucissa et que nous daterions volontiers du ⁿ^e siècle avant notre ère. Ici non plus, pas de minerai;

- enfin une couche homogène datant de la fin du I^{er} siècle av. J.-C. recouvre l'ensemble du site: une Campanienne de mauvaise qualité s'y mêle à de la *terra sigillata* arétine. Une scorie a été recueillie ainsi que des fragments de malachite qui ne se trouvent naturellement pas à Mangancha alors qu'ils abondent près du chapeau de fer des Algarès.

Le premier habitat existant sur ce site facile à défendre date de l'Âge du Fer, entre le ^x^e-^{ix}^e et le ^{vn}^e-^{vi}^e siècle. Il y a ensuite un hiatus de quatre siècles au moins qu'il est difficile d'expliquer: abandon du site ? ou bien y a-t-il des vestiges de ces époques intermédiaires ailleurs sur les terrasses, en des points que nous n'avons pas reconnus ?

Man. 67	Man. 69
Couche superficielle	
fin I ^{er} s. av. J.-C.	fin I ^{er} s. av. J.-C.
	II ^e s. av. J. C. (2 ^e moitié)
vierge	
X ^e /IX ^e -VII ^e /VI ^e s. av. J.-C.	X ^e /IX ^e -VII ^e /VI ^e s. av. J.-C.
Jaspe	

Sondages de Mangancha. Tableau résumé de la stratigraphie.

Le II^e siècle av. J.-C. a laissé des traces, assez rares, mais qui, vu l'absence apparente de minerai, semblent montrer que la vie des hommes alors installés sur le «castro» de Mangancha n'est pas tournée vers la mine; en revanche, la découverte d'un galet de roche verte ayant servi de broyeur ou de marteau pourrait être le témoin d'une activité minière.

Cette activité est certaine au I^{er} siècle avant notre ère où la présence de minerai en fragments indique que, quoique vivant à Mangancha, les habitants du «castro» s'intéressent au gisement des Algarès; d'autre part le matériel romain suggère l'existence de contacts avec les Romains.

Puis, c'est l'abandon définitif du site. Avec la *Pax Romana*, les indigènes quittent le site fortifié pour aller s'installer à Valdoca, fournissant ainsi aux Romains la main-d'oeuvre nécessaire à l'exploitation du cuivre et des métaux précieux du gisement des Algarès.

*

**

Au cours de ces sondages, deux faits ont plus particulièrement attiré notre attention: la découverte d'un tesson de vase campaniforme sur le chapeau de fer du gisement des Algarès; ensuite,

étant donné l'intérêt qu'elle éveille depuis quelques années parmi les spécialistes de l'archéologie ibérique, la présence de céramique à décor géométrique bruni à Mangancha.

1) *Tesson de vase campaniforme* (fig. 9 et 10)

Bord de coupe semisphérique («cuenco») du type Palmeia ⁽¹⁾. Pâte rêche, fortement dégraissée, grisâtre à l'intérieur, brun-orangé à l'extérieur. A la surface externe du vase, au-dessous de la lèvre, décor fait de deux galons parallèles lisses en zig-zag, entourés de hachures en pointillé obliques et parallèles. Le dessus de la lèvre, élargi et plat, est lui-même décoré d'un réseau de losanges tracés eux aussi en pointillé; ce décor est quelque peu effacé.

Parallèles: «cuencos» trouvés à Palmeia et à Zambujal ⁽²⁾.

Nous attachons à la découverte de ce tesson une grande importance malgré les conditions dans lesquelles il a été trouvé : en effet il n'en est pas apparu d'autre et lui-même n'a pas été recueilli dans une couche de son époque.

Mais, quand on sait le lien étroit qui unit la culture du vase campaniforme à la métallurgie du cuivre, la présence de ce tesson à Aljustrel, sur le chapeau de fer même du gisement de cuivre des Algares, prend une signification toute particulière: ce ne peut être là une simple coïncidence. D'autant que ce tesson est apparu à une profondeur d'environ 0,40 m, donc qu'il n'a pu être apporté là récemment: sa présence dans cette couche non homogène, mais qui n'est pas la couche superficielle, est due soit à l'érosion (les dépôts semblent s'être faits horizontalement), soit à des travaux de terrassement de date imprécise mais qui en tout cas ne sont pas récents.

0) Nous remercions H. Schubart, de l'Institut Allemand de Madrid, de nous avoir confirmé l'identification de ce tesson.

(2) Coupes provenant des grottes de Palmeia: N. Åberg, *La civilisation néolithique de la péninsule ibérique*, Paris, 1921, fig. 56, n.º 1 et fig. 255 (décor externe), fig. 58 (dessus de la lèvre); E. Sangmeister et H. Schubart, *Grabungen in der Kupferzeitlichen Befestigung von Zambujal, Portugal 1968*, «Madrider Mitteilungen», 10, 1969, p. 36, fig. la (dessus de la lèvre).

Ce tesson constitue donc l'unique vestige d'un habitat campaniforme qui s'était installé sur le chapeau de fer même du gisement de cuivre. En 1969, nous en avons cherché vainement d'autres restes en implantant un nouveau sondage (Al. 69), toujours sur le chapeau de fer, 20 m au nord de Al. 67 et au point culminant de l'arête, soit à un niveau supérieur de 2 m à celui de Al.67^(x). Ce fut en vain: l'érosion et les constructions romaines du I^{er}-me siècle ont apparemment suffi à faire disparaître les traces d'habitats antérieurs.

Comme nous l'a confirmé H. Schubart, ce tesson de vase campaniforme est le seul connu dans tout l'Alentejo et l'Algarve où fleurit, à cette même époque de l'Enéolithique, une riche culture mégalithique⁽²⁾. Et il ne fait pas de doute que l'existence d'un habitat campaniforme sur l'affleurement le plus important du gisement de cuivre d'Aljustrel est lié à l'exploitation des minerais de cuivre de métallurgie assez simple qui ont pu exister en cet endroit.

Nous faisons allusion plus haut aux phénomènes d'oxydation et d'enrichissement secondaire qui se produisent dans la partie supérieure des gisements sulfurés et qui donnent naissance à des concentrations de minerais. Pour le cuivre, elles se présentent sous la forme de cuivre natif et d'oxydes de cuivre de métallurgie facile; ainsi l'on sait que le chapeau de fer de la mine des Algarves a contenu des rognons de cuivre natif: on envoyait encore en 1889⁽³⁾.

(^x) La plateforme intermédiaire est occupée par un château d'eau dont la construction a bouleversé le site.

(²) G. et V. Leisner, *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*, I et II, Berlin, 1956-1959. Voir d'autre part la carte de distribution des différents groupes de la culture du vase campaniforme dans la Péninsule Ibérique dans O. da Veiga Ferreira, *La culture du vase campaniforme au Portugal*, Lisbonne, 1966, hors-texte de la p. 12, et celle de la distribution du vase campaniforme au Portugal, *ibid.*, hors-texte de la p. 14.

(³) A. Bensaude, *Notice sur quelques objets préhistoriques du Portugal fabriqués en cuivre*, «Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal», 2, 1892, p. 123 (cité par A. do Paço, *Castro de Vila Nova de São Pedro*, VII. *Considerações sobre o problema da metalurgia*, «Zephyrus», 6, 1955, p. 35).

Selon toute vraisemblance, c'est l'existence de ce cuivre natif et d'oxydes de cuivre dans le chapeau de fer des Algarès qui a motivé l'arrivée à Aljustrel de populations campaniformes en quête de ce métal. De plus ces dernières n'ont pas dû rester insensibles devant la présence de métaux précieux, — l'or natif en particulier — qui devaient aussi se trouver dans la zone de cémentation.

Dans ses études sur la métallurgie du cuivre à Vila Nova de São Pedro, A. do Paço posait le problème de l'origine du minerai traité dans ce «castro»: entre de petits gisements proches de Vila Nova de São Pedro — par exemple celui d'Ôbidos — et qui épuisés pourraient être aujourd'hui inconnus et les énormes dépôts de pyrite de l'Alentejo, ses préférences allaient, en toute hypothèse, aux premiers nommés, pour des raisons de proximité P).

Aujourd'hui, il est prouvé que des populations de culture campaniforme appartenant au groupe maritime Tage-Sado sont allées explorer les gisements cuivreux de l'Alentejo ⁽²⁾. Et il n'est pas impossible que les minerais qui ont servi à fabriquer les outils en cuivre de Vila Nova de São Pedro proviennent du gisement d'Aljustrel ou d'autres analogues (Caveira, São Domingos); en tout cas une impureté aussi caractéristique que l'arsenic

p) A. do Paço, *ibid.*, p. 36. Le même auteur, dans *Castro de Vila Nova de São Pedro*, XVI. *Metalurgia e análises espectrográficas*, «Anais da Academia Portuguesa de História», 2.^e s., 14, 1964, p. 165, pose un simple point d'interrogation à propos de ce problème qui est repris par O. da Veiga Ferreira, *op. cit.*, p. 86-89 et dans *La métallurgie primitive au Portugal pendant Vépoque chalcolithique*, «VI Congreso Internacional de Minería. La minería hispana e ibero-americana: contribución a su investigación histórica», León, 1970, p. 100.

⁽²⁾ O. da Veiga Ferreira, *La culture du vase campaniforme...*, p. 11, fait remarquer l'existence, entre l'embouchure du Mondego et celle du Sado, d'une culture littorale où se mêlent «les cultures du Haut-Alentejo, du vase campaniforme et d'Almeria» (cette dernière par l'intermédiaire du Bas-Alentejo et de l'Algarve). Nous avons donc là d'autres aspects des relations qui existent entre la culture mégalithique du sud du Portugal et la culture du vase campaniforme aux embouchures du Tage et du Sado.

se retrouve à la fois dans des objets en cuivre de Vila Nova de São Pedro et dans des minerais de cuivre d'Aljustrel: malachite, chalcopryrite, pyrite ⁽¹⁾.

2) Céramique décorée au brunissoir (fig. 11 et 12)

Les deux sondages de Mangancha ont livré une soixantaine de tessons appartenant à ce type de céramique ⁽²⁾: 45 d'entre eux portent un décor ⁽³⁾; le reste est constitué par des fragments de lèvres polies horizontalement au brunissoir, mais sans décor et appartenant pour la plupart à des coupes carénées. Il s'agit d'une céramique modelée ⁽⁴⁾.

¹⁾ Teneurs moyennes données par R. Freire d'Andrade, *art. cit.*, p. 6, pour la pyrite:

Fe	39 à 40%
Cu	0,55 à 1,7%
Zn	3,25 à 3,75%
Pb	1,00 à 1,25%
As	0,5 à 0,6%

Voici d'autre part les résultats de l'analyse de deux échantillons de minerais trouvés au cours des sondages (Analyses du Laboratoire d'Anthropologie Préhistorique de Rennes, Ingénieur J. Bourhis):

	Pb	Ag	Bi	Sn	As	Sb	Cu	Zn	Fe	Ni	Mn
Chalcopryrite (+ I° s)	0,08	0,008	0,05	0,05	1 à 3	0,15	+++	0,50	+	0,005	0,008
Malachite (— I° s)	0,001	0,001		0,003	0,005		65,5	1	4	0,06	0,01

Les résultats sont exprimés en pourcentage.

⁽²⁾ C'est à ce genre de céramique qu'appartient aussi le tesson déjà connu (cf. p. 103) trouvé à Mangancha par R. Freire d'Andrade.

⁽³⁾ Sur ces 45, 38 proviennent de Man. 67, 7 seulement de Man. 69, bien moins riche en matériel. Par rapport aux quelque 400 tessons recueillis dans la couche la plus ancienne de Mangancha, les soixante fragments de céramique décorée au brunissoir constituent une proportion d'environ 1/7. Il s'agit donc d'une céramique d'usage courant, mais qui s'était pas la seule utilisée.

⁽⁴⁾ Selon J. Maluquer de Motes, *Sobre la ceràmica tartésica con decoración de retícula brunida*, «Homenaje a P. Bosch Gimpera», México, 1963,

La pâte, de couleur variable, souvent noire mais pouvant passer du gris ou du noir (à l'intérieur) au brun (à l'extérieur), est grossière, mal élaborée; elle contient souvent d'énormes fragments de dégraissant fait de quartz et de schiste; certains tessons renferment même des fragments d'une tuffite rose fréquente dans le voisinage du gisement (^x); un engobe, souvent de même couleur que la pâte, recouvre parfois la surface externe des vases dont la couleur varie du marron au noir. Pour la plupart, ces tessons sont fort épais, de 7 à 17 mm, avec une moyenne de 12 mm; rares sont ceux dont l'épaisseur est inférieure à 7 mm.

Certains de ces tessons appartiennent à des coupes carénées sans pied, mais, bien que souvent l'épaisseur des parois de ces coupes s'accroisse considérablement du haut vers le bas, la plupart des tessons de Mangancha sont si épais et leur forme est telle qu'ils ne peuvent appartenir qu'à des vases d'un type tout à fait différent: grosses marmites, vases à large col; le fragment le plus important, par son profil galbé et par sa forme même, fait penser à un grand vase à large col. (fig. 11).

Le décor, de caractère géométrique, est à base de lignes et de bandes tracées au brunissoir. Sauf une exception (²), il n'est qu'extérieur; le motif le plus courant est celui du réseau plus ou moins serré de losanges formés par l'entrecroisement de lignes plus ou moins épaisses; les traits sont parfois fins, mais il ne manque pas d'exemples où, à la place des minces traits, nous avons de larges bandes horizontales verticales ou obliques qui composent un décor moins soigné (fig. 11 et 12).

Par bien des points, cette céramique rappelle celle de même type trouvée en maint endroit du sud de la Péninsule (³). Certaines

p. 302, les vases à décor bruni de El Carambolo, bien qu'apparemment modelés, auraient été faits au tour (*a torno lento>>). Les vases de Mangancha, eux, donnent bien l'impression d'avoir été modelés à la main.

t¹) Pas à Mangancha même, mais il y en a au voisinage du chapeau de fer des Algarès et au pied de l'oppidum même, près du gisement de São João do Deserto. Il est vraisemblable que les eaux de ruissellement en charriaient.

(²) Fragment de coupe carénée apode décorée intérieurement et extérieurement.

(⁸) Voir la carte de distribution dans le sud de l'Espagne et du Portugal dans H. Schubart et J. P. Garrido, «*Probegrabung auf dem Cabezo de la*

particularités en font cependant une céramique qui se rapproche davantage de celle du sud du Portugal que de celle du Bas-Guadalquivir, ce qui est normal¹⁾:

a) si les coupes carénées apodes du type Huelva ou El Carambolo (2) sont représentées à quelques exemplaires, il semble que la majorité des tessons appartiennent à une vaisselle moins fine, moins bien soignée et surtout de plus grand format; ce dernier caractère apparaît aussi à Lapa do Fumo et au Castro de Ratinho (3);

b) ces tessons, dans leur quasi totalité, sont décorés extérieurement; de ce fait ils diffèrent de la céramique du Bas-Guadalquivir qui dans l'ensemble porte seulement un décor intérieur (4), pour se rapprocher plutôt de la céramique de Lapa do Fumo (5);

Esperanza in Huelva, 1967», «Madrider Mitteilungen», 8, 1967, pl. 18. A la bibliographie réunie dans cet article, en particulier p. 151-155 (notes) et p. 156-7 (publications se rapportant à chacun des 19 sites catalogués), il faut ajouter les articles récemment parus de J. de Mata Carriazo, *El Cerro del Carambolo*, «Tartessos y sus problemas. V Symposium de Prehistoria peninsular», Barcelona, 1969, p. 311-340 (plus spécialement les pages 326-330), de J.-P. Garrido Ruiz et E. M. Orta, *Cerâmicas prerromanas de Huelva*, «Trabajos de Prehistoria», n. s., 26, 1969, p. 338-341 et 344, et de J.-M. Blázquez, J.-M. Luzón, F. Gómez et K. Clauss, *Huelva arqueológica. Las cerâmicas del Cerro de San Pedro*, Huelva, 1970, p. 13-14.

¹⁾ Le tesson publié par V. Leisner (cf. n. 2, p. 103) n'échappe pas à ces commentaires.

(2) Par exemple J.-M. Blázquez, J.-M. Luzón, F. Gómez et K. Clauss, *op. cit.*, pl. 51; J. de Mata Carriazo, *art. cit.*, pl. 12.

(3) Par exemple E. da Cunha Serrão, *Cerâmica protohistórica da Lapa do Fumo (Sesimbra) con ornatos coloridos y brunidos*, «Zephyrus», fig. 5 (en haut, à gauche; en bas à gauche); J. Fragoso de Lima, *Castro de Ratinho (Moura, Baixo Alentejo)*, «Zephyrus», 11, 1960, pl. 1.

(4) J. de Mata Carriazo, *art. cit.*, p. 327; J.-M. Blázquez, J.-M. Luzón, F. Gómez et K. Clauss, *op. cit.*, p. 13; H. Schubart et J.-P. Garrido, *art. cit.*, p. 129-130.

(5) E. de Cunha Serrão, *Cerâmica com ornatos a cores da Lapa do Fumo (Sesimbra)*, «I Congresso Nacional de Arqueologia», Lisboa, 1958, p. 349. La céramique à décor bruni du Castro de Ratinho est décorée indifféremment intérieurement ou extérieurement: cf. J. Fragoso de Lima, *art. cit.*, p. 235. Il est donc quelque peu inexact de caractériser toute la céramique à décor bruni du Portugal par son seul décor externe: cf. H. Schubart et J.-P. Garrido, *art. cit.*, p. 155.

c) le décor est rarement d'une grande finesse et, de ce point de vue, on comparera la céramique d'Aljustrel à celle du castro de Ratinho, caractérisée elle aussi par l'emploi de bandes de largeurs diverses P), ainsi qu'à certains tessons de Lapa do Fumo⁽²⁾.

Ainsi, il semble qu'au Portugal, cette céramique à décor bruni forme un groupe différent de celui du Bas-Guadalquivir et moins nettement individualisé que lui. S'agit-il d'une particularité locale ou bien est-ce une question de dates ? ⁽³⁾. Il est difficile de répondre dans l'état actuel de notre documentation. On date d'une manière générale la céramique à décor bruni du sud-ouest de la Péninsule entre le v^e et le vi^e siècle ⁽⁴⁾; pour celle de Huelva au décor si caractéristique, on est remonté au ix^e et même jusqu'au x^e siècle avant notre ère ⁽⁵⁾. Pourtant, une céramique de même type mais moins soignée apparaît à Huelva, à Riotinto ⁽⁶⁾ et à Mogador ⁽⁷⁾ dans les niveaux «phéniciens» du vn^e-vi^e siècle.

A Mangancha, nous avons bien dans la même couche que les tessons à décor bruni une anse en boudin demi-circulaire de type phénicien, appartenant vraisemblablement à une amphore, ainsi qu'un fragment de marmite décorée d'impressions digitales, céramique fréquente dans ces mêmes niveaux dits «phéniciens» ⁽⁸⁾ d'Espagne méridionale et du Maroc. Mais ces deux seuls fragments ne sauraient assurer en toute certitude une date—vn^e-vi^e siècle — pour notre céramique à décor bruni, surtout quand fait défaut le matériel courant dans les strates de cette époque, en particulier la céramique à vernis rouge. Il faudra attendre la suite des fouilles pour reprendre cette question.

p) J. Fragoso de Lima, *art. cit.*, pl. 1.

^(a) E. da Cunha Serrão, «Cerâmica protohistórica...», fig. 5.

⁽⁸⁾ H. Schubart et J.-P. Garrido, *art. cit.*, p. 155, ont, déjà posé ces deux questions sans pouvoir apporter de réponse.

⁽⁴⁾ J. Maluquer de Motes, *art. cit.*, p. 305.

⁽⁵⁾ H. Schubart et J.-P. Garrido, *art. cit.*, p. 155: VIII^e sinon IX^e s.; J.-M. Blázquez, J.-M. Luzón, F. Gómez et K. Clauss, *op. cit.*, p. 13: VIII^e, IX^e et peut-être X^e siècle avant notre ère.

⁽¹¹⁾ J.-M. Blázquez, J.-M. Luzón, etc., *op. cit.*, p. 13-14.

⁽⁷⁾ A. Jodin, *Mogador, comptoir phénicien du Maroc atlantique*, Rabat, 1966, pl. 46.

⁽⁸⁾ J.-M. Blázquez, J.-M. Luzón, etc., *op. cit.*, p. 12-13.

Après s'être un temps posé le problème de l'origine de cette céramique, on admet maintenant qu'il s'agit d'un produit indigène (1). Je n'ajouterai à ce sujet qu'une remarque qui ne fera que confirmer cette position: la nature du dégraissant présent dans certains tessons de Mangancha indique, sans erreur possible, que cette céramique était fabriquée sur place.

* *

Ces deux campagnes de sondages 1967 et 1969 ont donc eu un triple résultat:

- elles ont permis d'apporter une contribution à l'étude d'un matériel — la céramique à décor géométrique tracé au brunissoir — connu dans le sud-ouest de la Péninsule entre le x^e-ix^e et le vii^e-vi^e siècle;

- elles nous ont renseignés sur certains moments de l'occupation du site et permis d'en faire remonter les débuts haut dans le temps: à l'époque du vase campaniforme;

- enfin, du même coup, cette culture étant liée à la métallurgie du cuivre, nous avons pour la première fois un jalon qui permet de dater les premières exploitations d'Aljustrel *grosso modo* de la deuxième moitié du m^e millénaire avant notre ère ou du début du ii^e.

Sans doute, dans la suite chronologique qui nous conduit de cette date reculée jusqu'à la fin du iv^e siècle de notre ère, y a-t-il de profonds hiatus: que sont devenues les mines à l'Age du Bronze? puis à l'Age du Fer, à l'époque «tartessienne», quand, sous des influences orientales, les gisements analogues de la province de Huelva sont travaillés avec acharnement? La découverte des bijoux en or d'inspiration orientale à Sines (2) montre que ces influences se sont aussi propagées à travers ces régions de l'Alentejo. Il serait étonnant que des gisements comme ceux d'Aljustrel,

(9) J. de Mata Carriazo, *art. cit.*, p. 329.

(2) J. Miguel da Gosta, *O tesouro fenício ou cartaginês do Gaio (Sines)*, «Ethnos», 5, 1966, p. 529-531.

Caveira et même, quoique situé bien davantage à l'intérieur des terres, São Domingos aient échappé à l'attention des populations porteuses de cette culture: mais la datation des couches les plus anciennes de Mangancha est encore incertaine et leur rapport avec l'exploitation de la mine n'a pas été établi. Aussi de nouvelles recherches seront-elles nécessaires pour apporter une solution à tous ces problèmes.

CLAUDE DOMERGUE

Université de Toulouse—Le Mirail

RUY FREIRE D'ANDRADE

**Membre Correspondant de l'Association
des Archéologues Portugais**

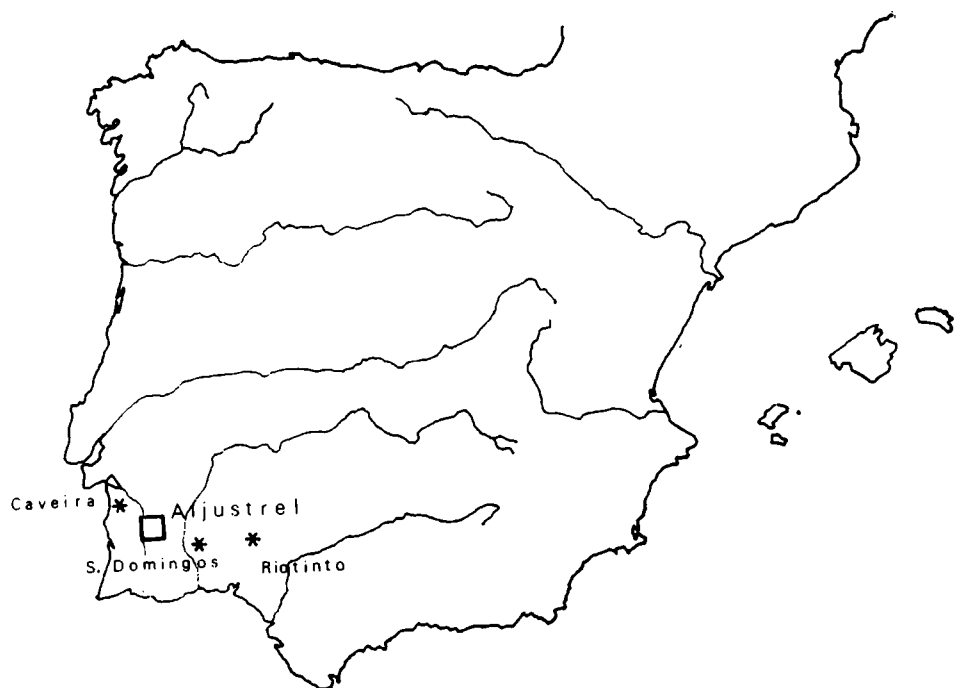


FIG. 1 — Situation de la mine d'Aljustrel.

(Página deixada propositadamente em branco)

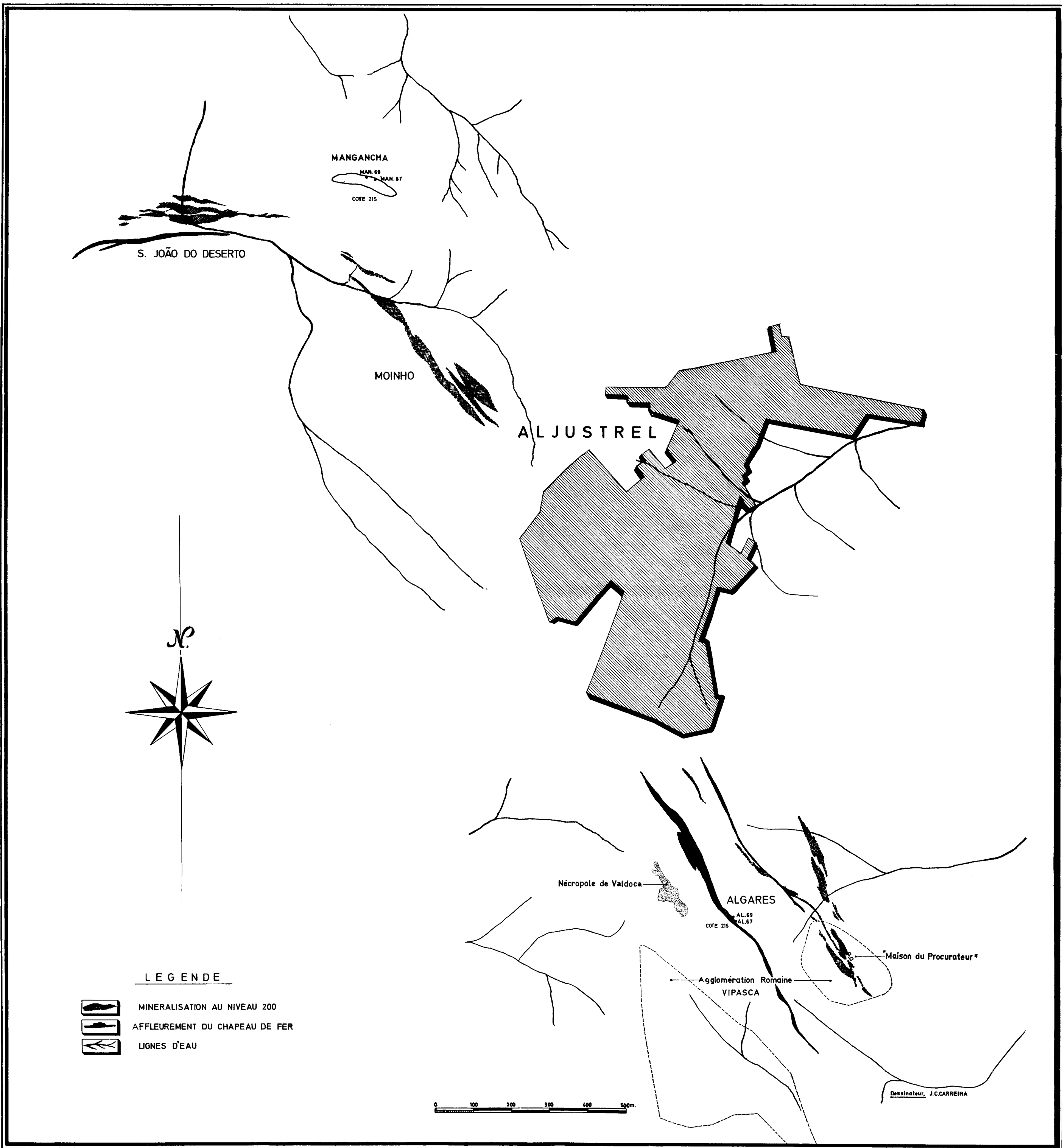


FIG. 2 — Mine d'Aljustrel: plan de surface (exécuté gracieusement par J. C. Carreira)

(Página deixada propositadamente em branco)

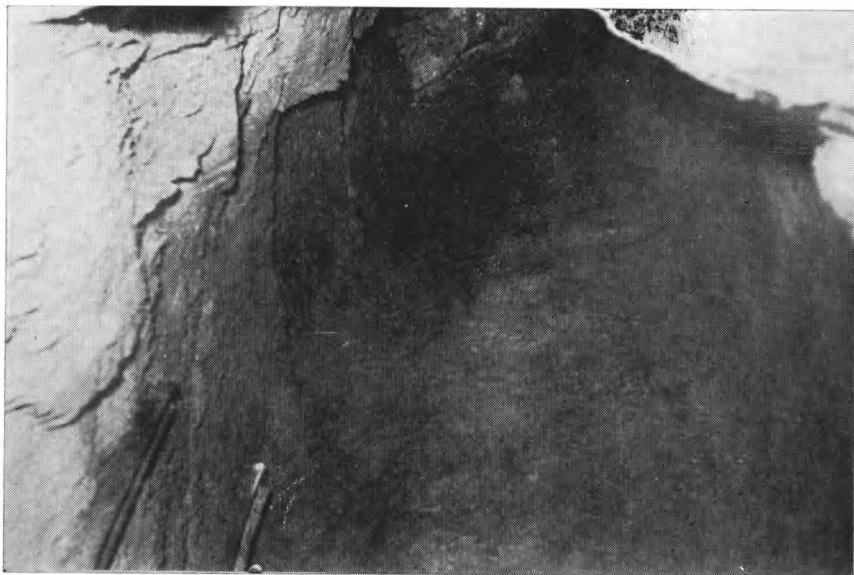


FIG. 3 — Mine d'Aljustrel. Puits romain de section rectangulaire ($1,20 \times 0,90$ m), vu vers le haut. On aperçoit sur l'une des parois des encoches distantes l'une de l'autre de $0,30/0,40$ m : elles permettaient aux mineurs de descendre et de monter; ceux-ci devaient également prendre appui avec le dos contre la paroi opposée distante de $0,90$ m. On peut aussi penser qu'ils s'aidaient d'une corde qui pendait depuis le haut du puits.



FIG. 4 — Galerie romaine (h.: $0,90$ m; l.: $0,80$ m) creusée à partir d'un puits en direction du chapeau de fer. A intervalles irréguliers, de petites niches ménagées dans la paroi abritaient des lampes de terre cuite.



FIG. 5 — Aljustrel: le chapeau de fer du gisement des Algarès est particulièrement visible au centre du cliché. Deux étoiles indiquent l'emplacement des sondages, de part et d'autre du château d'eau, sur le versant opposé du «gossan».

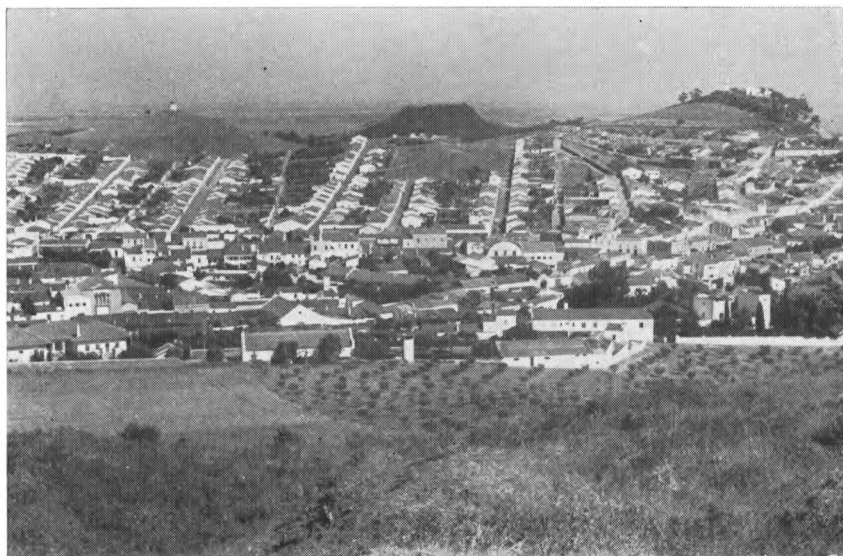


FIG. 6 — Aljustrel: l'agglomération moderne. Au second plan, au centre, l'oppidum de Mangancha.

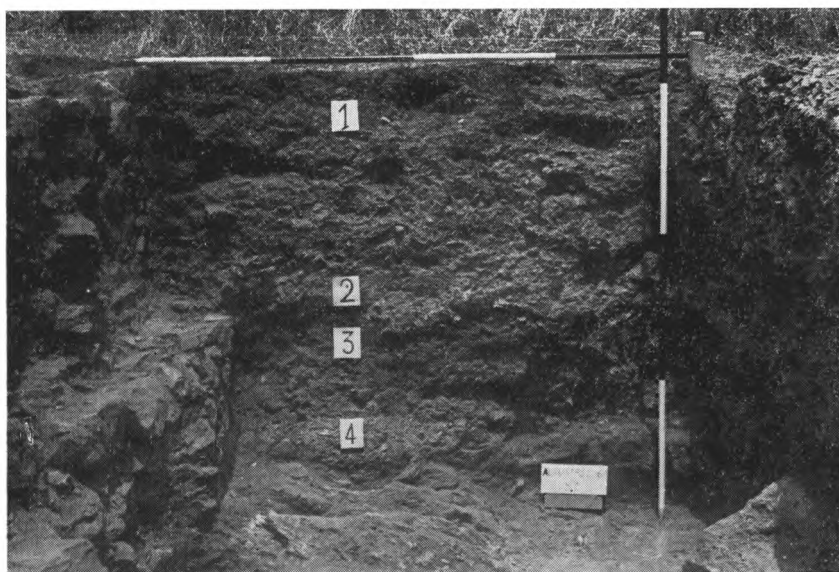


FIG. 7 — Aljustrel, chapeau de fer du gisement des Algares: sondage Al. 67, face est. Couche 1 non homogène (matériel du 1^{er} s. ap. J.-C.; lampe à têtes d'oiseaux; campaniforme); couches 2 et 3: 1^{er} s. ap. J.-C.; couche 4: roche décomposée.



FIG. 8 — Mangancha. Vue d'ensemble sur les murs mis au jour par le sondage Man. 69.

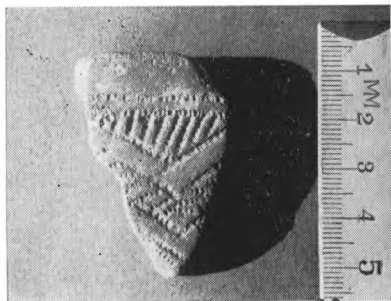


FIG. 9 — Tesson de vase campani-
forme provenant du son-
dage Al. 67.

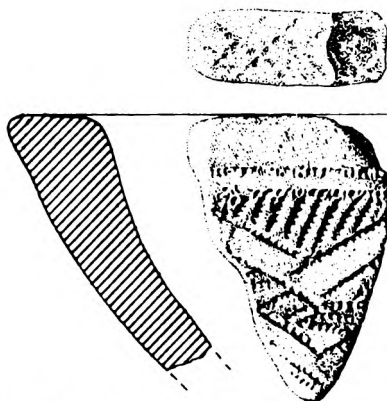


FIG. 10 — Tesson de vase campani-
forme (Al. 67) : profil, bord et
lèvre plate (dessin Deutsches
Archaeologisches Institut
Madrid). Ech. 1:1.

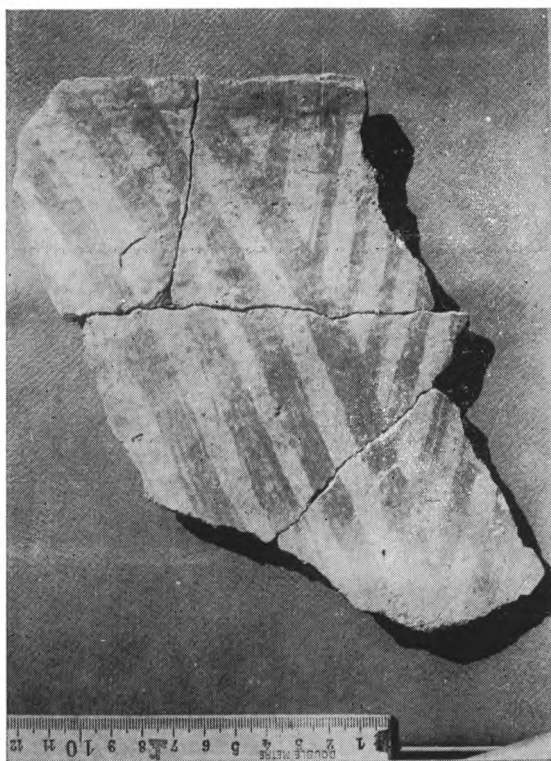


FIG. 11 — Céramique à décor géométrique lissé au brunissoir (Man. 67).

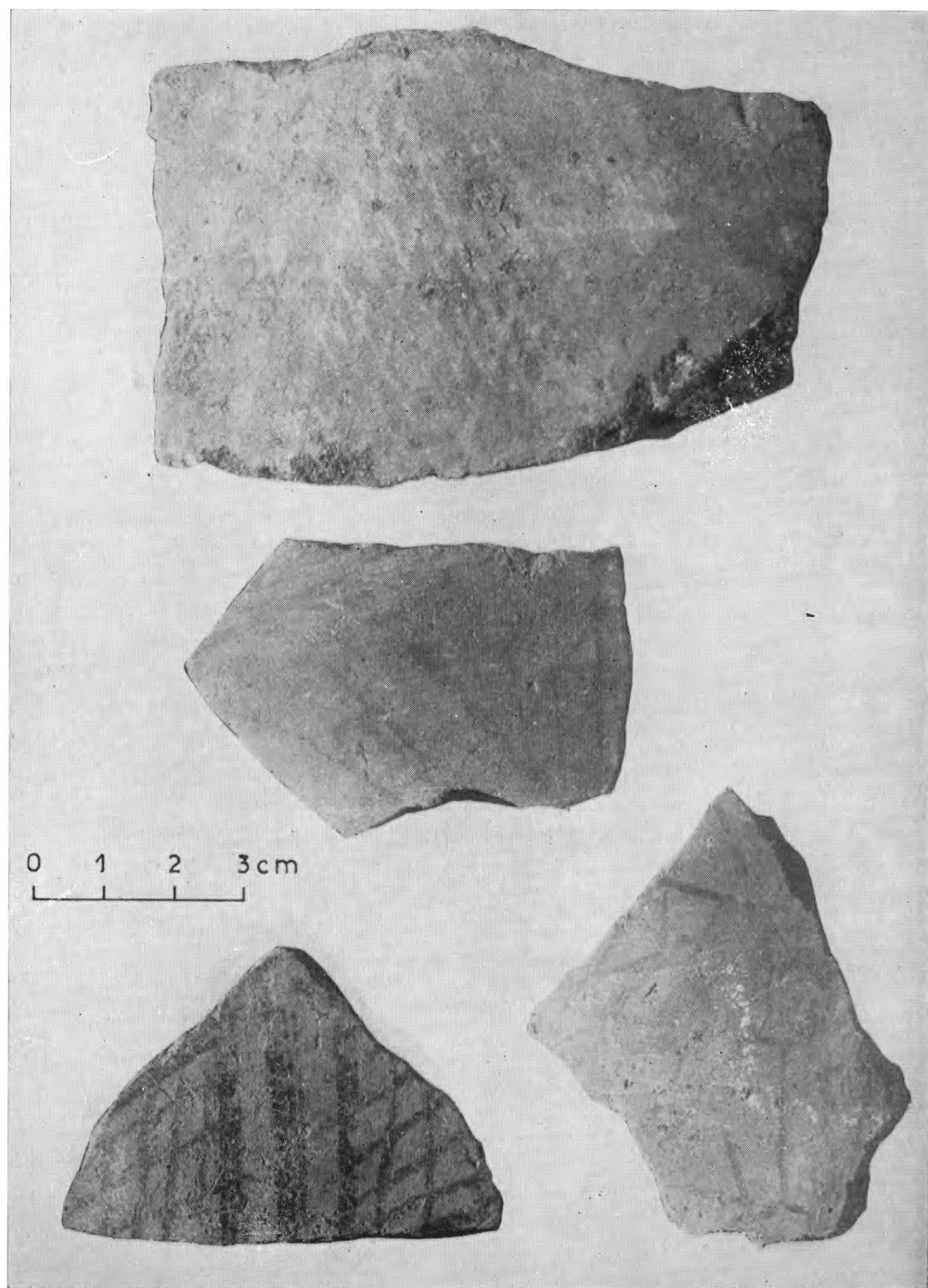


FIG. 12 — Céramique à décor géométrique lissé au brunissoir provenant des deux sondages de Mangancha. Ech. 1:1.

(Página deixada propositadamente em branco)

INSCRIPTIONS LATINES DU MUSÉE DE COIMBRA H

Aeminium, aujourd'hui Coimbra, appartient à la catégorie des sites dont l'histoire antique ne peut faire l'objet de recherches systématiques par la fouille, à la différence de sa voisine Conimbriga avec laquelle elle a été longtemps confondue ⁽²⁾. Dans le domaine de l'épigraphie le progrès est ainsi lié à des découvertes le plus souvent fortuites. Depuis le travail de M. de Lurdes Rodrigues⁽³⁾, la muraille antique a livré de nouveaux documents. Le dégagement du Cryptoportique a, en outre, fourni une dédicace très importante, signalée mais non étudiée ⁽⁴⁾. Nous ajoutons (n.° 1) un fragment inédit du même Musée, dont la provenance est inconnue. Ce sont au total cinq inscriptions, aujourd'hui entreposées au Musée Machado de Castro qui méritent de retenir l'attention.

1) Partie droite, constituée de quatre fragments, d'une plaque de marbre mesurant 28 cm de hauteur, 18,2 cm de largeur et 3,6 cm d'épaisseur (Fig. 1). Des lignes de guidage limitent les lettres dont le taille varie de 4,1 cm à 4,2 cm ⁽⁵⁾. L'incision raide et

P) Nous devons à M. J. ALARCÃO de la Faculté des Lettres de Coimbra, administrateur du Musée Machado de Castro, d'avoir pu étudier ces documents. Nous l'en remercions très vivement.

⁽²⁾ On trouvera dans les travaux de E. HÜBNER les témoignages des hésitations des savants et érudits: ainsi dans le *Corpus Inscriptionum Latinarum* (C. I. L.)_y II, p. 40 et p. 816.

⁽³⁾ M. DE LURDES RODRIGUES, *Inscrições romanas do Museu Machado de Castro, Humanitas*, VIII-IX, (n^{elle} série), 1959-1960, p. 112-132.

⁽⁴⁾ Nous donnons la référence au travail de J. M. BAIRRÃO OLEIRO au début de l'étude de l'inscription n.° 2, p. 2.

⁽⁵⁾ La hauteur des lettres, de la première à la quatrième ligne, se présente ainsi: 4,1 cm, 4,2 cm, 4,2 cm, 4,2 cm. Les interlignes sont très réguliers : 0,9 cm.

irrégulière, traduit un travail médiocre. La provenance n'est pas connue. On ne peut pas dire qu'elle ait été trouvée à Coimbra. La lecture n'offre pas de difficulté (Fig. 1).

Au début du texte nous n'avons que les terminaisons des *nomina* qui devaient être courts ; il manque cinq ou six lettres pour compléter la première ligne. Le nominatif n'implique pas obligatoirement la restitution du verbe *vixit* (*); c'est alors la mention de l'âge qui est incomplète. On peut donc développer de la manière suivante:

[...]VS/[...]ANVS, /[ANN(orum) X(?)] XVII, /[H(ic)] S(itus)
E(st).
Ci-gît...us...anus, âgé de 21(?) ans.

Malgré une facture d'ensemble quelconque, il y a un souci de mise en page et de présentation correcte: *Vhedera* finale en appelle une autre, identique, entre H et S. Les interlignes sont de dimensions régulières et la distance séparant les lignes supérieure et inférieure des bords de la plaque équivaut sensiblement à la hauteur des lettres (2). Il s'agit apparemment d'une épitaphe du II^{ème} siècle.

2) J. M. BAIIRÃO OLEIRO, *O Criptopórtico de Aeminium, Humanitas*, IV-V (n^{elle} série), 1955-1956, p. 156 = A. E. 1959, n.º 112 = H. A. E. 8-11, 1957-1960, n.º 1558. C'est la partie supérieure d'un autel votif, en calcaire, de petites dimensions (Fig. 2): 18,2 cm de haut, 11,2 cm de large (moulure supérieure). Le champ épigraphique conservé mesure 7,4 cm de haut et 8,2 cm

(1) H. THYLANDER, *Etude sur VEpigraphie Latine*, Lund, 1952, p. 52 a montré le danger qu'il y avait à établir une chronologie d'après la variation des formules relatives à l'âge des défunts: la mention *ann(orum)* peut se rencontrer au II^{ème} siècle; inversement la formule *vixit* ou *qui vixit* suivie de l'accusatif ou de l'ablatif existe dès le 1^{er} siècle. Dans le cas présent, nous nous fondons sur l'inscription C. I. L. II, 250 d'Olisipo dont le texte est le suivant: C. SEMPRONIVS / PACATVS / AN. LXXX / H. S. E.

(2) L'espacement entre la première ligne et le bord supérieur de la plaque s'élève à 4,1 cm; la dernière ligne est séparée par 4,5 cm de la bordure inférieure. Il y a incontestablement un souci de mise en page.

de large. Les lettres ont une taille variable malgré l'existence de lignes de guidage ¹⁾. La gravure, peu profonde, est peu soignée. L'inscription a été trouvée dans le Cryptoportique. L'état de conservation médiocre rend la lecture malaisée (Fig. 2).

Le C qui commence la troisième ligne est encore en partie visible sur la pierre. Les dimensions du champ épigraphique autorisent à restituer deux ou trois lignes supplémentaires. Le S de la troisième ligne est nettement séparé de la syllabe qui le précède sans que l'on puisse certifier l'existence d'un point. Cette constatation indique clairement le lien entre CAE et BASELE. Dans VH. A. E. on a restitué: GIINIO / BASELE/CAE S[olvit], en supposant probablement que l'inscription était complète. Nous pensons à deux solutions possibles:

- 1) GIINIO / BASELE/ÇAE S[/.../ EX VOTO P(osuit) ou V(otum) S(olvit) L(ibens) A(nimo)].
Au Génie de la Basilique; S... s'est acquitté de son voeu de bon gré.
- 2) GIINIO / BASELE/ÇAE S[A/CRUM ... / ... / EX VOTO ou A(nimo) L(ibens) P(osuit)] ⁽²⁾.
Consacré au Génie de la Basilique; X... Va fait à la suite d'un voeu.

L'écriture, de type actuaire, est assez remarquable: le G de Genio est plutôt tardif avec sa barrette horizontale séparée du corps de la lettre. Les A dissymétriques, surmontés d'un empattement réduit à un trait, n'ont pas de barre transversale. L'altéra-

¹⁾ Aucune lettre n'a le même module: à la première ligne le G mesure 1,4 cm et le I 0,9 cm. Le B de *Basele/cae* a 2,1 cm de hauteur et le L ne fait que 1,9 cm. Enfin, à la troisième ligne, les dimensions respectives du A et du E sont 1,7 cm et 1,4 cm.

⁽²⁾ La formule *Sacrum* n'est pas obligatoire mais convient à ce type d'inscription: p. ex. c. J. L. II, 1346 et 1362. L'expression du voeu est en général très variable et nous ne proposons que les formes les plus communes. Quant au nom du dédicant, il peut se limiter au *cognomen*[^] notamment au III^{ème} siècle, ou être indiqué par le gentilice et le *cognomen*. Quoi qu'il en soit, la suite du commentaire montre qu'il s'agissait sans doute d'un citoyen latin ou romain.

tion des voyelles E et I est plus caractéristique encore: le E de Genio s'est transformé en un I géminé que l'on peut attribuer à une déformation de la prononciation par allongement excessif de la voyelle. La même proximité des sons explique la substitution des E aux I brefs du mot *basilica*. Plutôt qu'à des erreurs du lapidicide il faut, semble-t-il, l'attribuer à une évolution provinciale de la langue et à une résurgence ou à la permanence de la tradition celtique ⁽¹⁾.

C'est également vers la fin du II^e siècle ou la première moitié du III^e siècle que nous porte la décoration de l'autel. On est frappé par son schématisme: la moulure, en surplomb par rapport au champ épigraphique, soutient un piédestal légèrement bombé et non travaillé, réduit à la largeur du corps de l'autel, qui supporte deux volutes dont les rosaces antérieures rappellent deux yeux de caractère peut-être prophylactique. La partie supérieure contient, enfin, un *foculus* quadrangulaire. Les éléments décoratifs ne parviennent pas à animer les trois grandes masses de forme géométrique qui composent en réalité le monument: en haut le rectangle formé des volutes et de leur base; au centre le trapèze en saillie; en bas le corps de l'autel. Il s'agit certainement d'une oeuvre caractéristique d'un atelier local.

Le culte du *Genius*, typiquement romain, avait pénétré en Lusitanie dès l'époque flavienne. Il n'avait pas revêtu une forme unique de façon à permettre aux mentalités indigènes de s'y adapter ⁽²⁾. Parfois associé aux Lares ⁽³⁾, il convenait aussi bien ^(*)

(*) Une inscription de Narbonnaise, datée de 455 ap. J.C. (C. I. L. XII, 4311) porte la mentio *Baselica*. De plus, il n'est pas rare de rencontrer, sur les monnaies celtiques antérieures à la romanisation, II pour E. Surtout M. LEJEUNE dans son article *Lepontica, Etudes Celtiques*, XII, 1970-1971, p. 411, n. 145 remarque à propos de l'inscription récente de Gonfaron (Var) et du gentile KARIIALCO: «pour II (étant donné, notamment, les trois exemples de E au début du texte) lecture probable — ii—...». Enfin, une inscription de la région de Bracara Augusta, C. I. L. II, 5561, porte... VAL/ABRIGII/NSIS... pour *Valabrigensis*, nom dont l'origine celtique est patente.

(2) J. ALARCÃO, R. ETIENNE et G. FABRE, *Le Culte des Lares à Conimbriga (Portugal)*, C. R. A. /., 1969, p. 228-232.

(3) C. I. L., XI, 357 = I. L. S. 3666; C. / . L. X, 861 = I. L. S. 3641; C. / . L. II, 1133 = I. L. S. 3623.

à un corps administratif ou à une unité militaire qu'à un lieu ou à un monument (*). A un moment où la latinisation consécutive à la censure de Vespasien et de Titus commence à faire sentir ses effets un Flavius Vrbicio honore le *Genius macelli* de Bracara Augusta (2). Cet exemple est ici décisif dans la mesure où le *macellum* et la *basilica* avaient une situation à peu près identique dans une cité et dans la mesure où le cas d'Vrbicio révèle une manifestation de reconnaissance à l'égard d'institutions typiques de la civilisation romaine. Il n'est donc pas nécessaire, à l'époque où se place notre inscription, de considérer qu'il y a eu un transfert à partir d'une divinité topique indigène vers une forme plus romaine. La basilique était un bâtiment essentiel dans un forum, centre de la vie politique et religieuse. Elle symbolisait dans une liaison étroite, à la fois l'apport de l'administration impériale et la prospérité de la cité.

La pénétration des habitudes et des modes de pensée romains s'est effectuée avec la même vigueur à Aeminium qu'à Conimbriga. Mais nous devons surtout au Génie de la basilique de nous confirmer l'existence du forum d'Aeminium au dessus du Cryptoportique qui acquiert ainsi une importance nouvelle (3). Dans ces conditions, il n'y a aucune raison pour refuser à la cité une promotion juridique comparable à celle de Conimbriga (4).

3) Stèle rectangulaire en deux morceaux, de calcaire blanc; une double moulure limite le champ épigraphique (Fig. 3) qui mesure 31,7 cm de haut et 90 cm de large. Les dimensions totales s'établissent ainsi: en hauteur, 46,1 cm, en largeur 108,5 cm et 24,5 cm en épaisseur. Le bord droit de l'inscription a été abîmé; des lettres ont disparu. Le biseau est large et régulier et

0) J. ALARCÃO, R. ETIENNE et G. FABRE, *art. cit.*, p. 228.

(2) C. I. L. II, 2413 = / . L. S. 3661.

(3) Ainsi se trouve confirmée l'hypothèse de J.M. BAIRRÃO OLEIRO, *art. cit.*, p. 157.

(4) La tradition littéraire est muette sur ce point, mais le témoignage de Pline l'Ancien est sujet à caution dans la mesure où il ne range pas non plus Conimbriga parmi les *municipia*. La «rivalité» qui n'a pas manqué d'exister entre les deux cités voisines, l'octroi du droit latin à 1*Hispania en 73/74, à l'occasion de la censure de Vespasien et de Titus, rendent plausible l'accession d'Aeminium au statut municipal à la fin du 1er siècle.

des *hederae* ponctuent le texte. La facture d'ensemble est bonne^{(1)m} La pierre provient du secteur de la muraille de Coimbra situé sous l'actuelle Faculté des Mathématiques. La lecture est aisée (Fig. 3), mais le sens du texte n'est pas absolument clair.

Paratus et Modestus sont des *cognomina*; malgré l'absence de *et*, il ne peut s'agir d'un même personnage à la première ligne et à la deuxième ligne. On ne peut pas davantage considérer *fili*, à la troisième ligne, comme un nominatif pluriel se rapportant à Paratus et Modest[us]. La solution la plus satisfaisante consiste donc à admettre la répétition de l'identité du défunt ⁽²⁾:

MODESTO MODEST[I F(ilio)], / PA R AT VS, [M]ODEST[I] /
MODESTI FILI LIB(ertus), / EX TESTAMENTO Facien-
dum) C(uravit).

A Modestus, fils de Modestus; Paratus, affranchi de Modestus, fils de Modestus, a pris soin d'élever ce monument en vertu du testament.

La mention du *cognomen* seul suivie de celui du père paraît indiquer un statut de pérégrin. Cette règle ne s'applique cependant pas aux pays celtiques de la Péninsule ibérique tant ce type de dénomination y est fréquent, en particulier dans les *conventus* de Scallabis, de Bracara Augusta ou d'Asturica Augusta; il désigne alors des citoyens latins ⁽³⁾.

Modestus, bien représenté en Lusitanie (par exemple à Bobadela), est un nom répandu dans les contrées celtiques ⁽⁴⁾J. Paratus,

⁽¹⁾ C'est ce qu'indiquent la taille des lettres et leur accroissement régulier de haut en bas : 6,1 cm, 6,2 cm à 6,3 cm, 6,3 cm à 6,4 cm, 6,3 cm à 6,5 cm. Les espacements interlinéaires mesurent 1,5 cm, 1,4 cm et 1,4 cm.

⁽²⁾ Il est très rare qu'un affranchi porte le même *cognomen* que son patron ce qui conduit à préférer à la première ligne *Modest[i f(ilio)]* à *Modest[i l(iberto)]*. Il n'est, par contre, pas impossible que le *Modestus Modesti fili* de la troisième ligne soit le fils du défunt plutôt que le défunt lui-même.

⁽³⁾ G. ALFOLDY, *Notes sur la relation entre le droit de cité et la nomenclature dans l'Empire romain*, *Latomus*, XXV, 1966, p. 51.

⁽⁴⁾ Les indices du C. / . L. II permettent de compter environ cinquante *Modestus*, *a* ou *Modestinus*, *a*. Pour la fréquence de sa représentation en Lusitanie on consultera F. DE ALMEIDA, *Egitânia*, Lisbonne, 1956. Le caractère celtique est souligné par G. ALFOLDY, *Die Personennamen in der romischen Provinz Dalmatia*, Heidelberg, 1969, p. 248.

variante d'Apparatus, est caractéristique d'une origine servile (^x). De même, nombreuses sont les inscriptions où l'affranchi est indiqué comme l'exécuteur testamentaire de la clause relative à la sépulture. Dans le cas présent, il est très probable que l'affranchissement est un affranchissement «à cause de mort» sans que l'ancien esclave ait été institué *heres necessarius*; les frais engagés pour la tombe représenteraient la compensation fixée par le patron. La procédure suivie est mal connue, mais on aurait ici une confirmation de la latinité du patron puisque les esclaves des pérégrins ne pouvaient prétendre, sauf disposition spéciale de la loi locale, à un affranchissement *ex testamento*. Si, toutefois, le personnage de la deuxième ligne est le fils du défunt, il faut admettre un fidéicommiss à exécuter par l'héritier. En outre, la clause testamentaire peut signifier que la somme nécessaire à l'élévation du monument a été laissée par le patron à son affranchi; celui-ci au nom de *Vobsequium* était ainsi lié par une obligation morale. En accédant à la liberté Paratus a suivi la condition de son patron et n'a pu prétendre qu'à la cité latine.

Le texte ne contient ni dans sa formulation, ni dans son contenu, d'éléments susceptibles de préciser exactement la date de l'inscription. Toutefois, les dimensions de la pierre et le caractère soigné de l'épigraphie interdisent de choisir une datation trop basse. La taille des lettres est relativement grande et croît régulièrement (^{1 2}). Elles sont de type monumental et correspondent aux schémas classiques: les O sont, d'une part, formés de deux demi-cercles se soudant verticalement ce qui les aplatit légèrement à la base et au sommet: ils sont, d'autre part, identiques en tous points d'une ligne à l'autre. Les M sont des V auxquels on a ajouté deux barres obliques; les traits pleins penchent vers la gauche et les maigres vers la droite (³). Les A sont également

¹ A. M. Du FF, *Freedmen in the early Roman Empire*, Cambridge, 1958, p. 56. Le Paratus du C. I. L. II, 5812 est aussi un *libertus*.

(²) Voir note 1 de la page précédente. On ajoutera que les T dépassent légèrement les autres lettres: p. ex. à la première ligne il mesure 6,2 à 6,3 cm au lieu de 6,1 cm.

(³) Il s'agit d'un dessin conforme au ductus classique; cf. J. MALLON, *Paléographie romaine*, Madrid, 1952, p. 27-28.

remarquables par leur barre transversale située à mi-hauteur de la lettre et leurs empattements triangulaires au sommet. Les interlignes sont, malgré l'absence de lignes de guidage, de dimensions régulières (1). L'inscription pourrait alors se situer à la fin du 1^{er} siècle ou au début du II^{ème} siècle, époque à laquelle se rencontre encore fréquemment la dénomination de type pérégrin, malgré l'obtention de la cité latine, dans la Péninsule ibérique (2).

4) Autel funéraire en calcaire gris, très tendre, de 57 cm de haut, 24 cm de large et 20,5 cm d'épaisseur (Fig. 4). Le champ épigraphique, nettement délimité par une double moulure profondément incisée, occupe 26 cm en hauteur, 18 cm en largeur et 14 cm en épaisseur. Les lettres en biseau sont remarquablement taillées. La facture est d'excellente qualité. Il provient de la muraille, sous l'actuelle Faculté des Mathématiques. On lit:

D(is) M(anibus) S(acrum), / VAGELLIAE / RVFINAE /
IVNIORI, ALLIVS / AVITVS A(v)VS / ET SILVANIVS /
SILVANVS / PATER / F(aciendum) C(uraverunt).

Ce monument consacré aux dieux mânes, Alius Avitus, son grand-père et Silvanus Silvanus, son père Vont élevé à V intention de Vagellia Rufina Iunior.

L'on est frappé, de prime abord, par la similitude de la plastique de ce monument avec celle de l'autel au *Genius Baselecae*. Les mêmes ensembles se dégagent et l'on remarquera particulièrement la base parallélépipédique, sans décor, placée entre la moulure en saillie et les volutes. Autant qu'à l'architecture romaine le modèle est, semble-t-il, emprunté à une tradition qui pourrait être celtique (3). Les lignes horizontales et verticales ont été

1) Ci-dessus, note 1 p. 122. L'*ordinatio* a été effectuée au plus juste: si l'intervalle entre la première ligne et la moulure supérieure est de 1,5 cm, il n'est que de 0,4 cm dans la partie inférieure.

(2) G. ALFLODY, *art. cit.*, p. 51.

(3) Ce n'est qu'une hypothèse: la conception du monument par ensembles géométriques paraît, en effet, liée à la tradition des stèles parallélépipédiques des régions celtiques alors que la plastique romaine s'inspire directement de l'architecture classique des temples et des colonnades.

multipliées pour accentuer les contrastes entre les ombres et les lumières et témoignent, par contre, d'une parfaite assimilation des techniques romaines. La partie supérieure est traitée avec un souci évident de symétrie. Au centre, l'arbre de vie très schématisé est un symbole familier aux stèles des régions celtiques (*). De part et d'autre, deux palmettes flanquent les volutes ornées de rosaces en forme d'étoile à six branches inscrites dans un hexagone lui-même entouré d'un cercle (Fig. 4).

Le travail du lapicide est, nous l'avons dit, d'excellente qualité, même s'il a bénéficié d'un matériau se prêtant à une gravure soignée. Les lettres, empruntées à l'écriture monumentale, sont allongées et dessinées selon les schémas classiques à l'aide de lignes de guidage (2). Des empattements en achèvent le dessin sans le surcharger et sans nuire à leur élégance. L'*ordinatio* est non moins remarquable, par l'utilisation adroite de la ligature et du caractère réduit (3) ; les mots ont été disposés savamment ainsi que les points en forme de triangle (4).

Si l'on compare à nouveau cet autel à l'autel au *Genius Baselecae*, il est indiscutable que la différence de qualité tient d'abord à des raisons d'ordre économique: un travail digne de la meilleure tradition des ateliers provinciaux coûtait nécessairement plus cher qu'une oeuvre faite pour répondre à la demande courante. En outre, les dépenses engagées par un particulier ou une famille variaient selon la destination du monument. Dans ces conditions, les critères techniques, esthétiques ou paléographiques ne peuvent apporter de façon probante des indications sur la chronologie

f1) C'est un attribut courant des stèles du Nord-Ouest de la Péninsule ibérique: une visite au Musée San Marcos de Leon en convainc aisément (cf. M. GOMEZ MORENO, C. M. Leon, Madrid, 1925, p. 41-46).

(2) A titre d'exemple, on attirera l'attention sur les V légèrement dissymétriques vers la gauche ou sur les E et les L dont les angles internes sont arrondis.

(3) Les lettres s'échelonnent ainsi de la première à la neuvième ligne: 2,5 cm puis 2 cm jusqu'à la septième ligne où elles mesurent 2,1 cm pour revenir à 2 cm aux deux dernières lignes. Les interlignes ont tous la même dimension: 0,4 cm. Les I en petit caractère de Iuniori et Aliius (1. 4) font 1,7 cm.

(4) Le seul point ponctuant la fin d'une ligne est celui qui suit le mot AVS, lequel est situé à la cinquième ligne sur une inscription qui en comporte neuf.

d'autant que des habitudes et des procédés propres à tel ou tel atelier ont pu se perpétuer à cause de leur succès même. C'est pourquoi, malgré son caractère classique, l'inscription dédiée à Vagellia Rufina ne peut être datée avec certitude de la première moitié du II^e siècle bien que vraisemblablement on ne puisse pas aller trop loin dans la seconde moitié de cette même période.

Ce document recense des personnages que l'on retrouve sur l'inscription suivante avec laquelle nous pouvons faire l'étude de la famille.

5) Base de calcaire blanc, très tendre, de 97,6 cm de haut, 63,7 cm de large et 49,7 cm d'épaisseur. La partie droite et la partie inférieure ont été affectées par le réemploi dans la muraille de Coimbra, où elle a été trouvée sous l'actuelle Faculté des Sciences. Les lettres sont relativement hautes mais diminuent régulièrement (*). Le travail est de très bonne qualité. On lit (cf. Fig. 5):

[D(is)] M(anibus) S(acrum), / [IN] HONOREM / MEMORIAE
ALLIÂ: / VAGELLIAE AVITAE, / ANN(orum) XXVI, /
G(aius) ALLIVS AVITVS / PATER FILIAE / PISSIMAE
ET / Q(uintus) SILVANIVS / SILVANVS MARITVS /
VXORI / INDVLGEŃTISSIMAE / [ET] MERITISSI-
MAE / F(aciendum) C(uraverunt).

Consacré aux dieux mânes en hommage à la mémoire de Allia Vagellia Avita, âgée de vingt-six ans; G(aius) Aliius Avitus, son père, pour sa fille très pieuse et Q(uintus) Silvanus Silvanus, son mari, pour son épouse très bienveillante et très méritante en ont pris soin.

Les remarques d'ordre paléographique faites pour l'autel précédent valent pour cette inscription. La mise en page est peut-être plus hésitante et explique la multiplication des caractères (*)

(*) Leur taille varie de la manière suivante: 6,4 cm, 5,4 cm, 4,9 cm, 4,8 cm, 4,7 cm, 4,7 cm, 4,7 cm, 4,8 cm, 4,7 cm, 4,7 cm, 4,6 cm, 4,7 cm; le F et le C de la dernière ligne pouvaient mesurer plus de 7 cm.

de dimensions réduites notamment en fin de ligne G); l'indication de l'âge a fait l'objet d'une rectification par le martelage du chiffre I malencontreusement rajouté.

On retrouve au début de l'inscription la formule *D. M. S.* usitée à partir du II^e siècle. Cependant, l'expression *in honorem memoriae* est à notre connaissance assez rare, car dans les inscriptions de Gaule et de Germanie on rencontre seulement des dédicaces commençant par *D. M. S. et Memoriae* ou *Memoriae* ou *Memoriae Aeternae* ⁽²⁾. La mention d'un hommage, empruntée à l'épigraphie de type honorifique, pourrait s'expliquer par l'érection d'une statue placée sur la base. C'est à la période des Antonins que paraît correspondre ce document.

G. Alius Avitus et Q. Silvanus Silvanus ont fait les deux dédicaces: le premier à sa petite-fille et à sa fille; le second à sa fille et à son épouse. Allia Vagellia Avita porte le gentilice et le *cognomen* de son père entre lesquels a été intercalé un second gentilice qui était probablement celui de la mère. Ce nom est d'ailleurs devenu le gentilice de la fille de Allia Vagellia Avita avec les *cognomina* Rufina Iunior. Cette dernière appellation permet de penser que les noms de sa grand-mère étaient ceux dont elle a hérité. Le *stemma* s'établit donc ainsi:

G. ALLIVS AVITVS – VAGELLIA RVFINA

Q. SILVANIVS SILVANVS – ALLIA VAGELLIA AVITA

VAGELLIA RVF NA IVNIOR

¹⁾ Les lettres *ITVS* de *Maritus* (1. 10) ont 3,4 cm ou 3,3 cm; la terminaison *MAE* (1. 12) est en caractères de 2,7 cm à 2,8 cm.

⁽²⁾ M. DE LURDES RODRIGUES, *art. cit.*, p. 118, n.° 8 étudie une inscription qui viendrait de Conimbriga, dont le texte commence aussi par la formule *D.M. in honorem memoriae*. Les dimensions de la base sont un peu plus petites que celles de la base de Vagellia Avita: 86 cm de haut, 60 cm de large, 35 cm d'épaisseur; les proportions sont donc moins équilibrées. Le problème de la localisation de l'atelier n'en est que plus difficile.

En droit, un enfant issu de parents unis par un *iustum matrimonium* recevait le gentilice du père; la coutume voulait même que l'aîné portât les *tria nomina* paternels. Le cas d'Allia Vagellia Avita est en ce sens classique et répond aux usages appliqués aux filles ⁱ¹). Par contre, lorsque l'enfant se voyait attribuer le gentilice de sa mère, ce qui est le cas de Vagellia Rufina Iunior, il était en général ou naturel ou illégitime. Toutefois, dans le cas présent, les termes du problème sont un peu différents dans la mesure où les *nomina* de la fille sont ceux de la grand-mère maternelle. Q. Silvanus Silvanus se présente non seulement comme *pater* mais comme *maritus* et Allia Vagellia Avita a droit à la mention *uxor*. Il se pourrait alors que le mariage ait eu lieu après la naissance et que Silvanus ne fût que le beau-père de Vagellia Rufina Iunior. Une objection se lève immédiatement: la mère, décédée à vingt-six ans, est morte selon toute vraisemblance des suites de ses couches et l'enfant a subi peu après le même sort étant donné l'absence de l'indication de l'âge, pourtant habituelle, sur son épitaphe ⁽²⁾. D'autre part, l'épigraphie connaît peu d'exemples d'enfants morts avant une année et l'on ne voit pas pourquoi un père se serait, de façon extraordinaire, attaché à reconnaître un enfant qui n'était pas le sien ⁽³⁾. On aura remarqué la participation de l'aïeul G. Alius Avitus aux frais des deux épitaphes. Juridiquement, lorsque l'épouse n'était pas *in manu mariti*», elle continuait à dépendre de la *potestas* du plus ancien des ascendants mâles ⁽⁴⁾. Devant les conditions particulières du décès, il est ^(*)

(*) H. THYLANDER, *op. cit.*, p. 88-95.

(2) Si la mort était intervenue après quelques années d'existence, elle aurait été indiquée: d'une part, l'âge de la mère est rappelé et ce sont les mêmes personnages qui élèvent les deux monuments; d'autre part, les études statistiques montrent que l'indication de l'âge était plus fréquente pour les personnes jeunes que pour les autres (cf. L. HENRY, *L'âge au décès dans les inscriptions funéraires*, *Population*, 1959, p. 327-329). On notera, cependant, qu'en Espagne il n'y avait pas, semble-t-il, de grande rigueur en la matière (cf. I. KAJANTO, *On the problem of the average duration of life in the roman Empire*, *Annales Academiae Scientiarum Fennicae*, série B, t. 153, 2, 1968, p. 6-16).

(3) L. MORETTI, *Statistica demografica ed Epigrafia: Durata media della vita in Roma imperiale*, *Epigraphica*, 1959, p. 72.

(4) J. A. CROOK, *Law and life of Rome*, London-Southampton, 1967, p. 107.

possible qu'il ait tenu à conférer les noms de sa propre épouse au jeune enfant. On est également tenté de conclure à une «infériorité» sociale de Silvanus au regard de sa belle-famille mais on n'oubliera pas qu'au fond le système de transmission des noms avait acquis, après deux siècles de régime impérial, notamment dans les provinces, une plus grande souplesse O).

Les monuments ne sont pas de marbre; ils n'en reflètent pas moins une appartenance de la famille aux classes aisées de la population. Les *tria nomina* indiquent clairement la possession de la *civitas* qu'elle soit latine ou romaine. Ils montrent, en outre, que la famille qui s'est élevée en mettant à profit les progrès de la romanisation, appartient par tradition au fonds celtique. Le gentilice Allius est une forme latinisée du nom celte Allio; il est fréquent en Lusitanie (2). Les mêmes remarques sont vraies pour le *cognomen* Avitus et l'on connaît sur une inscription de Conimbriga un autre C. Allius Avitus dont on ne peut dire s'il avait ou non des liens de parenté avec celui-ci (3). Bien que le gentilice Silvanus soit inexistant dans la Péninsule ibérique on ne le mettra pas au rang des noms étrangers, car le *cognomen* Silvanus est très porté dans les pays celtiques(4) et dans la Péninsule ibérique (5). Rufus, Rufinus, Rufma sont des noms plus neutres, mais dont le succès a été réel dans la région d'Aeminium et de Conimbriga (6). A l'inverse, c'est la première fois que se rencontre dans la

(*) Dans les provinces celtiques occidentales, il est possible que le choix des noms ait répondu à des habitudes fondées sur les coutumes antérieures à la présence de Rome: G. ALFOLDY, *art. cit.*, p. 56.

(2) M. LOURDES ALBERTOS FIRMAT, *La onomástica personat primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*, Salamanca, 1966, p. 17-18. Dans le C. I. L. II, sur environ 17 mentions de *Allius*, a, on relève 8 cas en Lusitanie.

(3) M. DE LURDES RODRIGUES, *art. cit.*, p. 128-129, n.° 27.

(4) G. ALFOLDY, *op. cit.*, p. 297.

(6) Cf. *indices* C. I. L. II; on notera à propos de ce nom les remarques de A. M. DUFF, *op. cit.*, p. 58: «*Silvanus, Proculus and Maximus are not names which at once cast suspicion on their bearer; they belong rather to men of Roman stock such as those who entered the cohorts of the praetorian guard*». L'auteur se situe ici dans une perspective sociale et non géographique.

(®) M. DE LURDES RODRIGUES, *art. cit.*, p. 112; aussi C. I. L. II, 368, 369, 387, 392.

Péninsule ibérique le gentilice Vagellius ou Vagellia et les quelques exemples connus en Italie ne permettent pas d'attribuer une origine précise à ce nom ⁽¹⁾.

En dépit de leur diversité, les documents que nous venons d'étudier permettent de dégager des éléments d'unité et de préciser certains aspects de l'histoire d'Aeminium. L'évolution de la cité stipendiaire mentionnée par Pline ⁽²⁾ s'apparente à celle de l'ensemble de la région dont elle était un des pôles d'attraction et rencontre celle de Conimbriga. L'onomastique, la linguistique, l'art concourent à montrer la permanence de caractères hérités de la civilisation celtique à une époque où la romanisation s'était largement affirmée. Il convient de le souligner d'autant plus nettement que ces traditions s'expriment au travers de conceptions officielles ou d'individus ayant bénéficié de l'apport romain. Celui-ci s'est traduit par une organisation politique dans le cadre de la ville centrée autour du forum dont on peut désormais préciser la situation à Aeminium. Il s'est aussi traduit par des influences sur les ateliers de sculpture, que l'officine ait été à Aeminium ou à Conimbriga ou qu'il y en ait eu deux ⁽³⁾. Les méthodes romaines ont, semble-t-il, donné le modèle sur lequel les ouvriers lusitaniens, habiles à travailler le calcaire local très malléable, ont donné libre cours à leur originalité toute provinciale ⁽⁴⁾.

P. LE ROUX et G. FABRE

⁽¹⁾ W. SCHULZE, *Zur Geschichte Lateinischer Eigennamen*, 2ème éd. Berlin, 1966, p. 376 et 475 n'indique qu'une référence pour Rome et une mention dans Juvénal, 13, 119 et 16, 23. Le *C. I. L.* X recense le nom cinq fois mais l'un des personnages est un consul et deux autres sont des *liberti*.

⁽²⁾ PLINIE, *n. h.*, IV, 118.

⁽³⁾ Nous avons vu que le Musée Machado de Castro contenait aujourd'hui encore des pierres dont les caractéristiques sont proches de celles de nos deux inscriptions n.° 3 et n.° 5 et dont la provenance est Conimbriga: M. DE LURDES RODRIGUES, *art. cit.*, n.° 8, p. 118 et n.° 27 p. 128-129.

⁽⁴⁾ De part et d'autre de l'inscription n.° 5 sont gravés des motifs décoratifs dont l'intérêt est assez grand pour que nous leur consacrons ultérieurement une étude particulière.



Fig. 1

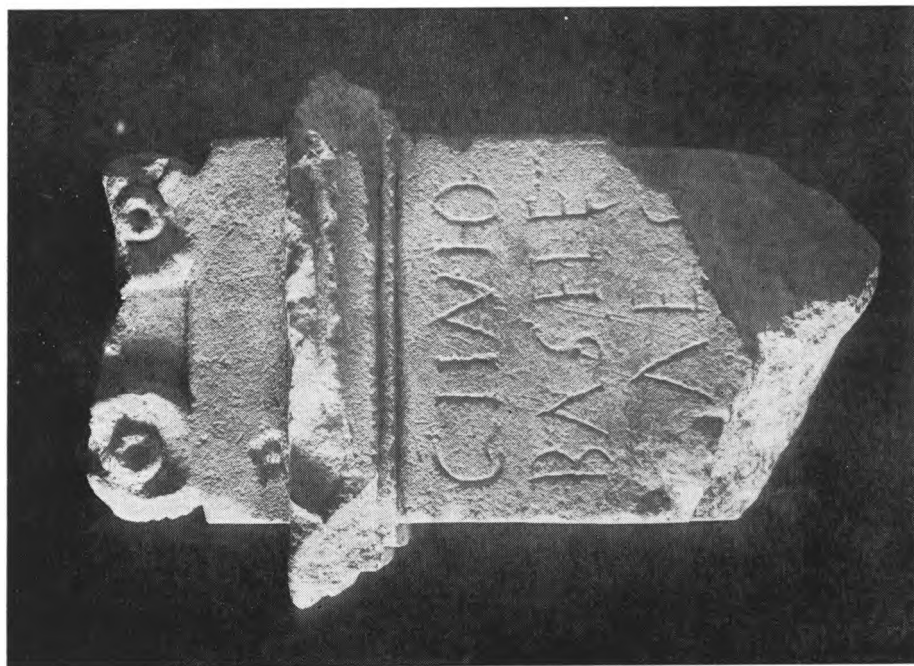


Fig. 2

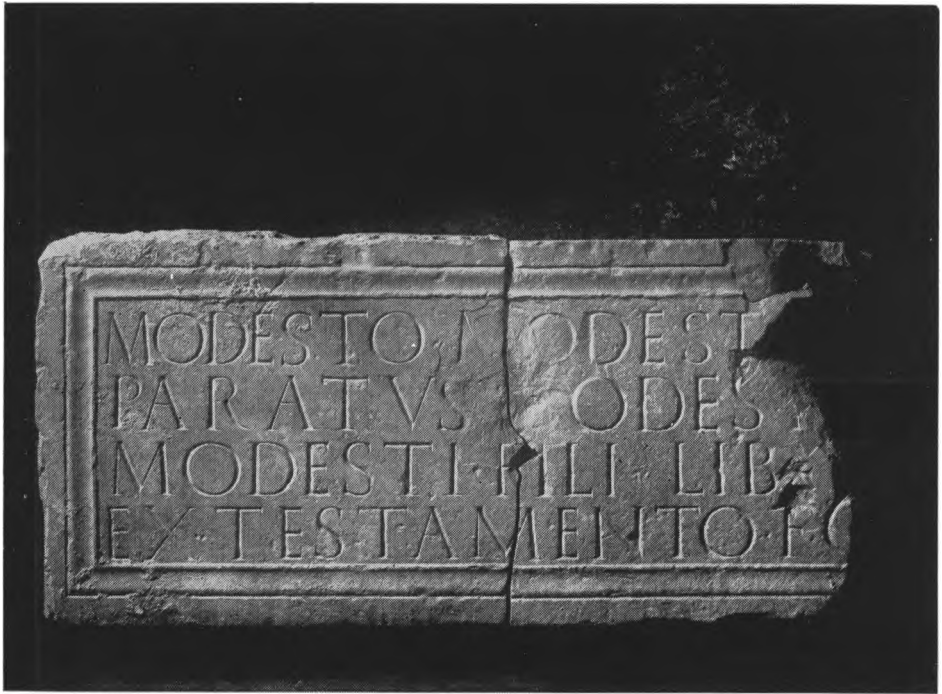


Fig. 3



Fig. 4

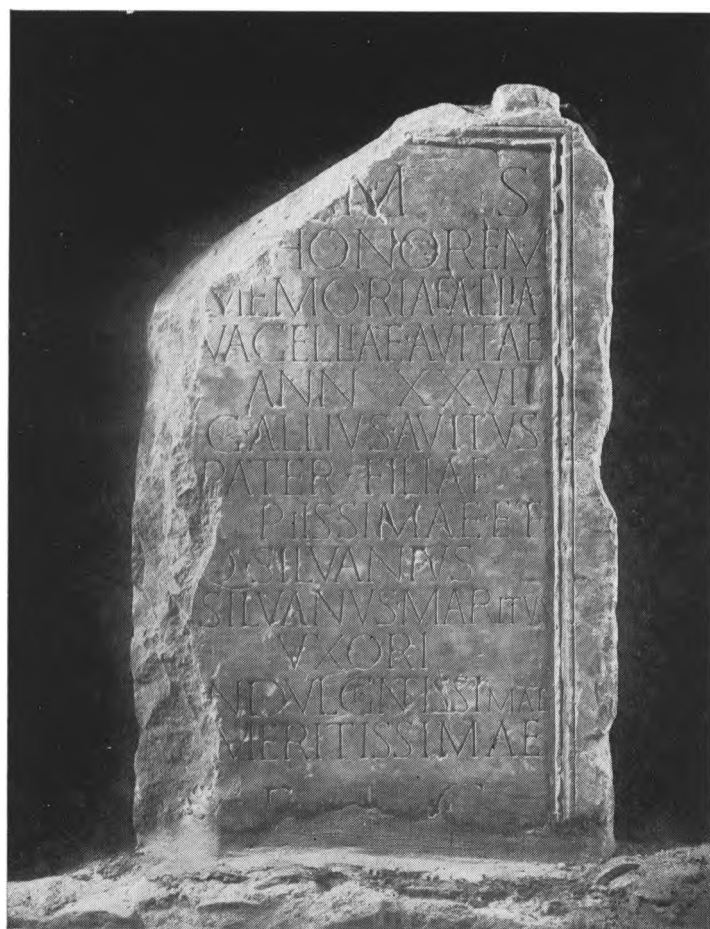


Fig. 5

ÍNDICE REMISSIVO

A

- A. Terentius*, oleiro, 48.
Aberg, N., 108.
AbranteSy 25, 35, 40, 41.
Adriano y imperador romano, 11.
Aebura, cidade da Celtibéria, 85.
Aelias — Vide: *Elias*.
Aemilius y oleiro, 64.
Aeminiunmy hoje Coimbra, 34-37, 39-42, 45, 50, 52, 66-69, 72, 79, 117, 118, 121, 129, 130.
Áfricay 13, 64, 81.
Afrodisiay 6.
Aibora ou *Aipora*, inscrição latina nas moedas de Ebora ou Ebury, 86.
Aires y Cristóvão, 89, 90.
Aislingeny castelo — Alemanha, 21.
Alandroaly 55.
AlarcdOy Adília Moutinho de, 26, 27, 31, 32, 37, 38, 43, 46, 48, 51, 57, 63-65, 100, 101.
 -----, Jorge de, 26, 27, 31, 32, 37, 38, 43, 100, 101, 117, 120, 121.
Albanus, oleiro, 50.
Albertiniy E., 102.
Albertos Firmat y M. Lourdes, 129.
Alcácer do Sal, 25, 27-30, 39.
Alarcova de Baixo — Évora, 91.
 ----- *Cima* — Évora, 90.
Alentejoy 30, 34, 38, 43, 99, 109, 110, 115.
 ----- Vide também: *Alto Alentejo* e *Baixo Alentejo*.
Alexandre de Afrodísia, 6.
Alföldyy G., 122, 124, 129.
AlgarSy mina — *Aljustrel*, 99-110, 112.
Algarvey 43, 109, 110.
Alicante, 8, 19.
Aliger y Maurice, 17.
Aljustrel — Baixo Alentejo, 99-104, 108-111, 114, 115.
Allia Vagellia AvitOy 126-128.
Allioy nome celta, 129.
AlliuSy forma latinizada do celta *Allio*, 129.
 ----- *Avitus*, C., 129.
 -----, Gaius, 124, 126-128.
Almeida, Fernando de, 104, 122.
 -----, J. A. Ferreira de, 79, 81, 93, 94.
Almeirim, 26, 81.
Almería — Espanha, 110.
Alto Alentejo (Haut-Alentejo), 110.
Amatller, coleção, 38.
Ammaia, 87.
AmpúriaSy 61.
Amsterdam, 79.
Andrade, Rui Freire de, 99-101, 103, 111.
Antonino (Antoninus)
 ----- *Caracallay* imperador romano, 87.
 ----- *o Pioy* imperador romano, 11.
Antoninos (Antonins), imperadores romanos, 37, 127.
Antónioy Marco, imperador romano, 11.
Apoley deus, 10.
Appianus, 85.
Apparatusy antropónimo de origem servil, 123.
Apuleioy 13

- Aragão*, A. C. Teixeira de, 7.
Arcada, Restaurante — Vide: *Restaurante Arcada*.
Arezzo, 48.
Arganil, 46, 76.
ylrgos, 14.
Arguedas, 74.
Asia Menor, 6.
ylsía Regia, 85.
Asturica Augusta, 122.
Atlântico, 85.
Attibretio, *Attibriton*, *Attibreti*, *Attibroni*, *Attibrittini*, marca de oleiro, talvez correspondente a Attius e Bretius, 54, 60, 61.
⁴«ias, oleiro, 54-56.
 ----- *Paternus*, oleiro, 58.
⁴«as *Navius*, áugure, 11.
Aacissa, 106.
Augusta, *Asturica* — Vide: *Asturica Augusta*.
 -----, *Bracara* — Vide: *Rracara Augusta*.
 -----, *Emerita* — Vide: *Emerita Augusta*.
Augusto (Augustus).
 -----, Octaviano, imperador romano, 26, 31, 87, 101.
⁴«aian, 95.
Avita, *Allia Vagellia*, 126-128.
AÍHÍUS, nome celta, 129.
 -----, *C. Allius*, 129.
 -----, *Caius Allius*, 124, 126-128.
Ayuntamiento de Evora (Câmara de Évora), 90.
- B
- Raetis*, hoje Guadalquivir, rio, 85.
 ----- Vide também: *Guadalquivir*.
Ragunte, cidade, 33, 34.
Bairrão, Luís, 25, 35, 36, 40, 41.
Baixo Alentejo (Bas-Alentejo), 110, 113.
Balil, Albert, 51, 58-61, 64, 79, 82.
- Balsa*, cidade romana — Tavira, 7.
Banasa, 54-56.
Barcelona, 38, 113.
Barrameda, Sanlúcar — Vide: *Sanlúcar de Barrameda*.
Basileia, 43.
Bas-Alentejo — Vide: *Baixo Alentejo*.
Basto, 91.
Beiral, necrópole, 32.
Beja, antes Pax Julia, 25, 30, 34, 35, 38-40, 51, 54-56, 87.
Belchior, Claudette, 79-81, 83.
Belda, José, 8, 19.
Belém — Lisboa, 95, 101.
Bélgica, Gália — Vide: *Gália Bélgica*.
Bellido, A. Garcia y — Vide: *Garcia y Bellido*, A.
Belo, 55.
Bensafrim, 26, 27.
Bensaúde, A., 109.
Berger, L., 30, 43.
Berlin (Berlin), 21, 79, 95, 109, 130.
Bélica, 55, 129.
Biblioteca Nacional de Lisboa, 26, 43.
Bizâncio (Byzantion), 85.
Blanco, A., 102.
 -----, Concepción, 86.
Blázquez, J.-M., 53, 113, 114.
Blin, P. C., 17.
Bobadela, 122.
Bonna, 51.
Bonsor, G. E., 20.
Boon, G. C., 15, 17.
Borba, 39.
Boube, Jean, 50, 54, 55, 57-61, 63.
Bourbis, J., 111.
Boutia, nome indígena da Lusitânia, 88.
Bracara Augusta, hoje Braga, 120-122.
Braetii, Suavis, 55.
Braetius, leitura duvidosa de marca de oleiro, 55.
Braga, 96.
Bragança, 26.

Breitto, *Bretio*, *Bretius*, *Bretti*, leitura duvidosa de marca de oleiro, 54-56.
Britain — Vide: *Inglaterra*.
Briteiros, *Citânia de* — Vide: *Citânia de Briteiros*.
British Museum, 13, 16, 20, 22, 32.
Brito, *BrittOy* *BrittoniuSy* leitura duvidosa de marca de oleiro, 55, 56.
Brittonumy coorte, 55.
Bruges y 12, 17.
Brunei — Jaén, 97.
Bruxelas y 79.
Budapeste y 79.
Biiirghöfey castelo — Alemanha, 21.
Buruagay José Saénz de — Vide: *Saénz de Buruaga*, José.
Byzantion — Vide: *Bizâncio*.

C

C. Alius Avitusy 129.
 — *Sempronius Pacatus*, 118.
Cabezo de la Esperanza — Huelva, 112-113.
Cabroly 96.
Cacemy Santiago do — Vide: *Santiago do Cacém*.
Cadaval, Palácio — Vide: *Palácio Cadaval*.
Cádiz y 85.
Caesar — Vide: *César*.
Caesar augusta y 87.
Cagnaty 5, 7.
Caivo ou *CalvOy* oleiro, 59.
Câmara de Évora — Vide: *Ayuntamiento de Evora*.
Cambodunum, estação arqueológica, 20.
Cambridge y 125.
Camulodunum — Colchester, 31.
Capara — 53.
Capitolio — Roma, 65.

Caracallay Antonino, imperador romano, 87.
Cardo Maximus — Évora, 91, 92.
Cardoso y Mário, 17.
Carmonay necrópole romana, 20.
CarriazOy J. de Mata — Vide: *Mata CarriazOy* J. de.
Cartago (Carthage), 6, 79.
CartailhaCy E., 102.
Casa de Bragança, 26.
 — *do Procurador* — Vide: *Maison du Procureur*.
Cascais y 25, 30.
Cassius y Dion, 101.
Castellum, nome da Eborá junto a Cádiz na obra de Mela, 85.
Castro, Machado de, 25, 34-37, 39-42, 45, 53, 79, 117, 130.
Castro de Batinho — Moura, 113, 114.
Catalán y M. Angeles Mezquiriz — Vide: *Mezquiriz Catalán*, M. Angeles.
Caveiruy mina — Baixo Alentejo, 100, 102, 110, 116.
Celtibériay 85.
Centauro y figura mitológica, 10.
César (Caesar), 16, 87.
Chapoty 5, 7.
Chicarro y de Dios, Concepción Fernández — Vide: *Fernández-Chicarro y de Dios*, Concepción.
Chipre (Cyprus), 37.
5 d'Outubro, Rúa — Vide: *Rua 5 d'Outubro*.
Cipião Africano Segundo, 11.
Citânia de Briteiros, 70, 74.
Cláudio (Claude).
 — *Iy* imperador romano, 26, 46, 50, 51.
 — *IIy* o Gótico, imperador romano, 103.
Clauss, K., 113, 114.
Cloro (Chlore).
 — *Constandcio*, imperador romano, 101.

Coimbra, 20, 21, 25, 32, 34, 35, 43, 45, 46, 79, 100, 117, 118, 122, 126.
 Colchester — Inglaterra, 31.
 Colónia (Köln), 32.
 Comfort, H., 47, 48, 51, 59.
 Comissão Municipal de Turismo de Évora, 92.
 Compostela, Santiago de — Vide: *Santiago de Compostela*.
 Conde da Serra de Tourega, 91.
 Condes de Basto, 91.
 Contínbriga, 5, 7, 15, 18, 25, 27, 31, 32, 37, 38, 40, 43, 48, 55-57, 68, 79, 117, 120, 121, 127, 129, 130.
 Constâncio (Constance).
 ----- Cloro, imperador romano, 101.
 Constantino, imperador romano, 11, 37.
 Coria, 92.
 Corinto, 81.
 Corning, 31.
 Correia, Mendes, 25.
 -----, Virgílio, 12, 20, 21.
 Cosirus, oleiro, 52.
 Cosía, J. Miguel da, 115.
 Cotta, 55.
 Coupry, Jacques, 15.
 Cristo, 94, 96.
 Crook, J. A., 128.
 Crucuro, oleiro, 52.
 Cunill, J. Gudiol y — Vide: *Gudiol y Cunill* J.
 Cyprus — Vide: *Chipre*.

D

Dalmácia (Dalmatia), 122.
 Dar emberg, 5.
 Decumana, Via — Vide: *Fia Decumana*.
 Defesa de Cima — Borba, 39.
 Delgado, Manuela, 43.
 Deneauve, Jean, 46, 79-81, 83.
 Deringer, Hans, 79, 83.

Deserto, S. João do — Vide: *João do Deserto*.
 Deus, António Dias de, 93.
 -----, João de, 90.
 Diana, deusa, 91, 92.
 Diocleciano, imperador romano, 13.
 Diodoro, 85.
 Dios, Concepción Fernández-Chicarro y de — Vide: *Fernández-Chicarro y de Dios, Concepción*.
 Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes, 104.
 Dollfus, Marc-Adrien, 17.
 Dom Miguel de Portugal, Largo de — Vide: *Largo de D. Miguel de Portugal*.
 Domiciano, imperador romano, 52.
 Dona Isabel, Rúa de — Vide: *Dna de D. Isabel*.
 Dorestad, 15.
 Dragendorff, H., 46, 49-52, 54, 59, 64, 65, 67-70, 73-75, 77, 105.
 Dressel, 80, 83.
 Duff, A. M., 123, 129.
 Dusenbery, E. B., 42.

E

Ebora, cidade da Galiza na foz do Tambre, 86.
 -----, cidade da actual região de Valência, 86.
 -----, Ebura ou Ebura Cerialis, cidade no estuário do Guadalquivir, hoje talvez Sanlúcar de Barrameda, 85, 86.
 Eburacum, hoje York — Inglaterra, 87.
 Egipto, 6.
 Egitúnia, 122.
 El Carambolo, 112, 113.
 Elias (Aelias), 94, 96.
 Elvas, 93, 94, 97.

Emerita Augusta, 87.
Eros, deus, 7.
Escadinhas de S. Vicente—Évora, 91.
Espanha (Espagne, España), 86, 87, 95, 99, 100, 102, 112, 114, 128.
Esperanza, Cabezo de la — Vide: *Cabezo de la Esperanza*.
Estêvão (Stephanos).
 ----- *de Bizâncio*, 85.
Estrabão (Strabon), 85, 86.
Estrasburgo (Strasbourg), 15.
Estugarda, 50.
Etienne, R., 120, 121.
Europa, 95.
 ¿Vora (Ebora, Ebura), antes Liberalitas Julia, 85-90, 92.
 -----, herdade — Sanlúcar de Barra-meda, 86.

F

Fabre, G., 120, 121.
Faculdade (Faculté).
 ----- *de Ciências* (des Sciences) — Coimbra, 126.
 -----Portó, 25, 33-36, 40, 41.
 ----- *Letras* (des Lettres) — Coimbra, 12, 20, 21.
 ----- *Matemática* (des Mathématiques) — Coimbra, 122, 124.
Faro, 26.
Farrés, A. Octavio Gil y — Vide: *Gil y Farrés*, A. Octavio.
Feira, Vila da — Vide: *Vila da Feira*.
Fernández-Chicarro y de Dios, Concepción, 79, 80.
Ferreira, Octávio da Veiga, 100, 101, 109, 110.
Fides — Vila da Feira, 33, 35, 36, 40, 41, 73.
Figueira da Foz, 43.

Figueiredo, João de, 25, 39.
 -----, Maria do Carmo, 30.
Firmat, M. Lourdes Albertos — Vide: *Albertos Firmat*, M. Lourdes.
Flaccus, Q. Fulvius, 85.
Flavius Urbicio, 121.
Fortis, fábrica — Itália, 83.
Forum de Évora, 92.
 ----- *Romanum* — Roma, 103.
França (France), 12, 17.
Freiria de Baixo, Rua da — Vide: *Rua da Freiria de Baixo*.
 ----- *Cima*, Rua da — Vide: *Rua da Freiria de Cima*.
Fremersdorf, F., 15, 32.
Fronteira — Alentejo, 30, 34, 38.
Frontinus, oleiro, 52.
Fulvius Flaccus, Q., 85.
Fumo, Lapa do — Vide: *Lapa do Fumo*.
Fundação da Casa de Bragança, 26.

G

Gabinete de Numismática e Antiguidades da Biblioteca Nacional de Lisboa, 43.
Gaio — Sines, 115.
Gaius Alius Avitus, 126-128.
Galane — Lambez, 17.
Gália (Gallia, Gaule), 6, 127.
 ----- *Bélgica*, 87.
 ----- *do Sul*, 46, 50.
Galicia — Vide: *Galiza*.
Galileia, 31.
Galiza (Galicia), 86.
Gama, Eurico, 93.
Garcia y Bellido, A., 86, 87.
Garrido Ruiz, J. P., 112-114.
Gaume, G., 22.
Gellius Quadratus, L., 48.
Gergovie — Gália, 16, 17.
Germdnia (Germanie), 32, 127.
Gerona — Espanha, 17, 20.

Gers — França, 17.
 Gil y Farrés, A. Octavio, 22.
 Giraldo, 91
 Gómez, F., 113.
 ——— Moreno, M., 125.
 Goudineau, 46, 47.
 Gonfaron — Var, 120.
 Gordiano (Gordianus), imperador romano, 88.
 Gross+Gerau — Alemanha, 22.
 Groningen, 65.
 Grury-Gadancourt, vila galo-romana, 17.
 Guadalquivir, antes Baetis, rio, 85, 113, 114.
 Guadan_i, A., 86.
 Gudiol y Cunill, J., 38.
 Guimarães, 32, 43.
 Guimarães, Gastro, 25, 30.

H

Haltern, 46, 47.
 Harden, D. B., 31, 37, 42.
 Hatt, J. J., 15.
 H aut-Alentejo — Vide: A/io ,4Z¿n-tejo.
 HawkeSy 31.
 Heidelberg, 122.
 HelenOy Manuel, 94, 95.
 Henry, L., 128.
 Hermes, deus grego, 10.
 Hermety Frédéric, 50, 52.
 Heurgony Jacques, 19, 22.
 Hispaniay 85, 121.
 ——— Tarraconense, 129.
 ————— Vide também: Tarraconense.
 Hofheimy forte, 31.
 Högstrany A., 22.
 Holder_y 87.
 Horta das Pinas_y necrópole — Eivas, 26, 27.

Hübner_y 86, 117.
 51, 100, 102, 113-115.
 tfaZZ, 31.

I

Idanha-a-Velhay 92, 94, 97.
 Inglaterra (Britain), 7, 10, 17, 20, 87.
 Institui Allemand de Madrid, 108.
 Instituto de Antropologia «Doutor Mendes Correia» da Faculdade de Ciências — Porto, 25, 33-36, 40, 41.
 IonuSy oleiro, 82.
 Isabel (D.), 91.
 /smgs, C., 26, 27, 31, 33, 37, 38, 65.
 Itáliay 6, 10, 11, 83, 130.
 Itálicay 55.
 LucunduSy oleiro, 52.
 Iványi, Dora, 79, 80, 83.

J

Jaén, 97.
 Jerumenha — Alentejo, 27.
 João III (1.), rei de Portugal, 34, 35.
 ——— de Deus_y Rua de — Vide: Rua de João de Deus.
 Jodiny A., 114.
 Juliay Liberalitas — Vide: Liberalitas Julia.
 Julianoy imperador romano, 11.
 JuncOy Vale de — Vide: Vale de Junco.
 Juniory Vatrellia Rufina, 124, 127, 128.
 Juvenaly 130.

K

KajantOy I., 128.
 KallmiinZy 20.

K ar anis, 42.
Kòln — Vide: *Colónia*.
Kòln-Mungersdorff, 15.
Knorr, Robert, 50, 52.
Kràmer, Werner, 20, 21.
Krefeld-Gellep — *Alemanha*, 32.

L

L. Gellius Quadratus, oleiro, 48.
La Graufesenque, 50, 51.
Laboratoire d'Antropologie Préhistorique de Rennes, 111.
Labrousse, Michel, 16, 17.
Lácio (*Latius*), 87, 88.
Lagaste, oppidum, 17.
Lagos, 94.
Lambez — *França*, 17.
Lamboglia, Nino, 65, 80, 83.
Lancastre — Vide: *Lencastre*.
Lanhas, Fernando, 32.
Lapa do Fumo — *Sesimbra*, 113, 114.
Lapillus, *Lapillus* ou *Lappilius*, oleiro, 51, 57.
Largo de D. Miguel de Portugal — *Évora*, 92.
 — da *Misericórdia* — *Évora*, 91'
Latius — Vide: *Lácio*.
Lauriacum, 79.
Leclercq, 96.
Leda, figura mitológica, 7.
Leiden — *Holanda*, 86.
Leisner, G., 109.
 ———, V., 103, 109.
Lejeune, M., 120.
Lencastre (*Lancastre*).
 ———, Alexandre de, 92.
Zeda — *Espanha*, 110, 125.
Leónidas, rei espartano, 13.
Liberalitas Julia, hoje *Évora*, 85-87.
Liédena, 74, 78.
Lima, J. Fragoso de, 113.
ZITIZ — *Áustria*, 79.

Usboa (*Lisbonne*), 26, 43, 55, 56, 89, 101, 109, 113, 122.
Lisipo, 10.
Livio (*Livius*).
 ———, Tito, 85.
Loeschcke, 80, 81, 83.
Lóios, mosteiro, 89.
Londres (*London*), 7, 15, 19, 20, 128.
Louis, Jacques, 104.
Louro, Henrique da Silva, 93, 94.
Luciliane, 96.
Lund — *Suécia*, 118.
Lusitânia (*Lusitanie*), 87, 88, 95, 102, 120, 122, 129.
Luz, Nossa Senhora da — Vide: *Nossa Senhora da Luz*.
Luzon, J.-M., 102, 113, 114.

M

Mação, concelho, 32.
Madrid, 86, 99, 108, 123, 125.
Maison du Procureur (*Casa do Procurador*), 100, 101.
Majewski, K., 15.
Mallon, J., 123.
Maluquer de Motes, J., 111, 114.
Mangancha, minas, 103, 106-108, 111, 112, 114-116.
Manises, Tosai de — Vide: *Tosai de Manises*.
Marcial, 12, 17.
Marco António, imperador romano, 11.
Marialva, 92.
Maroc — Vide: *Marrocos*.
Marquês de Marialva, 92.
Marrocos (*Maroc*), 114.
Mata Carriazo, J. de, 113, 115.
Matos (*Mattos*).
 ———, Joaquim de, 90.
Mauritânia (*Maurétanie*).
 — *Tingitana*, 50.

- Maxêncio* (Maxence), imperador romano, 101.
Maximus, nome de ascendência romana, 129.
Mayet, Françoise, 51, 56, 57, 74.
Mela, 85, 86.
Mercúrio, deus, 70.
Mérida, 17, 22, 51, 55, 57, 77.
Mesplé, Paul, 17.
Messina, 82.
México, 111.
Mezquiriz de Catalán, M. Angeles, 50, 54, 55-57, 59, 64-78.
Mí717;7, Y., 95.
Michigão, 42.
Milreu, 45, 70, 73, 74, 78.
Miróbriga, hoje Santiago de Cacém, 31.
Misericórdia, Largo da — Vide: *Largo da Misericórdia*.
Modena — Itália, 83.
Modestinus, 122.
Modestus, 122.
Mogador — Marrocos, 114.
Moinho, mina — Aljustrel, 99, 101.
Molião, Monte — Vide: *Monte Molido*.
Mondego, rio, 111.
Monte Molião — Lagos, 26, 27.
 ----- de Santa Maria — Fiães — Vila da Feira, 33, 35, 36, 40, 41.
Morel, J.-P., 103.
Moreno, M. Gomez — Vide: *Gomez Moreno*, M.
Moretti, L., 128.
Morin-Jean, 65.
Mosteiro, Quinta do — Vide: *Quinta do Mosteiro*.
Motes, J. Maluquer de — Vide: *Maluquer de Motes*, J.
Moura — Baixo Alentejo, 91, 113.
Müller, G., 33.
Munique (Munich), 99.
Museo Arqueológico de Alicante, 8, 19.
 ■ ----- *Gerona*, 17, 20.
 ----- *Mérida*, 17, 22.
 ----- *Sevilha*, 70.
 ----- *San Marcos de León*, 125.
 ----- de Soria, 56.
Museu de Aljustrel, 101, 103.
 ----- *Arqueológico da Fundação da Casa de Bragança* — Vila Viçosa, 26, 43.
 ----- de Belém — Vide: *Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia*.
 ----- *Castro Guimarães* — Cascais, 25, 30.
 ----- Évora, 92.
 ----- Faro, 26.
 ----- do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto, 25, 33-36, 40, 41.
 ----- de Lagos, 94.
 ----- Leite de Vasconcelos — Vide: *Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia*.
 ----- Martins Sarmento — Guimarães, 32, 43.
 ----- *Monográfico de Conímbriga*, 25, 40, 79.
 ----- *Municipal de Alcácer do Sal*, 25, 27-30, 39.
 ----- — Eivas, 93, 94.
 ----- da Figueira da Foz, 43.
 ----- *Nacional de Arqueologia e Etnologia* — Lisboa, 32, 55, 95, 101, 104.
 ----- Machado de Castro — Coimbra, 25, 34-37, 39-42, 45, 53, 79, 117, 130.
 ----- dos Serviços Geológicos de Portugal, 101.
 ----- de Torres Novas, 37.
Museus — Vide também: *British Museum*.

N

- N abris a*, 85.
Navius, Attus, áugure, 11.

Naqui, Naquit ou *Naqut*, oleiro, 60.
Narbonnaise, 120.
Narciso, figura mitológica, 5.
Neptuno, deus romano, 70.
Nero, imperador romano, 7, 46, 52.
iVeoss — Alemanha, 79, 83.
Noges, oppidum, 17.
Norba, 87.
Nossa Senhora da Luz — Algarve, 94.
Nova, Rua — Vide: *Rua Nova*.
Novae, 15.
Novaesium, 83.
Numância, 54-56, 60, 68, 72.

O

Óbidos, 110.
Octaviano (Octavianus).
 ——— ^áugiisio, imperador romano, 26, 31, 87, 101.
Oleiro, J. M. Bairrão, 45, 50, 52, 66-69, 72, 79-81, 117, 118, 121.
Olisipo, actualmente Lisboa, 118.
Oliva Prat, Miguel, 17, 20, 21.
Oriental de Diana, Rua — Vide: *Rua Oriental de Diana*.
Orósio, 85.
Ors, A. d*, 99.
Oría, E. M., 113.
Ozé, A., 47, 48, 51, 59.
Oxford, 31.

P

Pacatus, C. Sempronius, 118.
Papo, Afonso do, 109, 110.
Papo Ducal de Vila Viçosa, 51.
Padrãozinho, necrópole — Vila Viçosa, 63.
Palácio Cadaval — Évora, 91.
 ——— dos Condes de Rasto — Évora, 91.

—— *Vilas Roas* — Évora, 90.
Palas, deusa romana, 14.
Palatino (Palatin) — Roma, 103.
Palmeia, 102, 108.
Paratus, variante de Apparatus, 122, 123.
Paris — França, 5, 50, 79, 102, 108.
Pascasia, 96.
Passenus, oleiro, 52.
Paternus, Attius, oleiro, 58.
 ———, Valerius, oleiro, 51.
Pa# JaZia, hoje Beja, 87.
Pedrajas de San Esteban — Espanha, 78.
Pégasos, figuras mitológicas, 68.
Península Hispânica ou *Ibérica*, 55, 59, 64, 87, 88, 93, 95-97, 100, 101, 103, 109, 112, 114, 115, 122, 124, 125, 129, 130.
Pereira, Gabriel, 89, 90, 92.
 ———, Maria Amélia Horta, 32.
Pernoud, Régine, 17.
Pessanha, Ana, 40.
Pinas, Horta das — Vide: *Horta das Pinas*.
Pirling, Renate, 32.
Plínio (Pline, Plinius).
 ——— o Antigo, 6, 85-87, 121, 130.
Pd, rio — Itália, 82.
Polichet, Edgar, 22.
Policleto, 10.
Póllux, herói mitológico, 14.
Pombalinho — Santarém, 27.
Pompeia, 6, 13, 14, 82.
Ponsich, 82.
Poria de Moura — Évora, 91.
Portalegre, 27, 81.
Porio, 25, 32-36, 40, 41, 94.
Portugal, 26, 31-33, 37, 46, 79, 86, 93, 94, 97, 99-102, 108-110, 112-114, 120.
Portugal, D. Miguel de, 92.
Poseidónios — Vide: *Possidónio*.
Posemma, 96.
Possidónio (Poseidónios), 85.

Praça de Giraldo — Évora, 91.
 -----*Sertório* — Évora, 90.
Prat, Miguel Oliva — Vide: *Oliva*
Prat, Miguel.
Proculus, nome de ascendência romana, 129.
Ptolomeu (Ptolemaíos), 85-87.

Q

Q. Fulvius Flaccus, 85.
Quadratus, L. Gellius, oleiro, 48.
Quidilla, 96.
Quinta do Mosteiro — Arganil, 46, 76.
Quintus Silvanus Silvanus, 126-128.

R

Rabat — Marrocos, 50, 114.
Rancoulé, G., 17.
Ratinho, Castro de — Vide: *Castro de Ratinho*.
Ravennate, 87.
Regia, Asta — Vide: *4^a Regia*.
Rennes — França, 111.
Represas — Beja, 35, 39, 51.
Restaurante Ateada — Évora, 90.
Retorta, castro, 31.
Ribeiro, F. Nunes, 25, 30, 34, 35, 38-40, 51, 54.
Riotinto, minas — Huelva, 51, 74, 102, 103, 114.
Rodrigues, M. de Lurdes, 117, 127, 129, 130.
Roes, A., 15.
Roma (Rome), 6, 13, 82, 101, 102, 128-130.
Roosens, Helli, 12, 17.
Rottweill, 50.

Rua 5 d'Outubro, antes *Rua da Silaria* — Évora, 90, 91.
 -----*do Conde da Serra da Tourega* — Évora, 91.
 -----*de D. Isabel* — Évora, 91.
 -----*da Freiria de Baixo* — Évora, 91.
 -----*Cima* — Évora, 91.
 -----*de João de Deus* — Évora, 90.
 -----*Nova* — Évora, 90.
 -----*Oriental de Diana* — Évora, 91.
 -----*do Salvador* — Évora, 90, 91.
 -----*da Silaria*, hoje *Rua 5 d'Outubro* — Évora, 90.
 -----*de Soares Lusitano* — Évora, 92.
Rufina, nome vulgar na região de Aeminium e Conímbriga, 129.
 -----, *Vagellia*, 127.
 -----*Junior*, *Vagellia*, 124, 126-128.
Rufinus, nome vulgar na região de Aeminium e Conímbriga, 129.
Rufio, T. *Rufrenus*, oleiro, 48.
Rufrenus Rufio, T., oleiro, 48.
Rufus, nome vulgar na região de Aeminium e Conímbriga, 129.
Ruiz, J. P. *Garrido* — Vide: *Garrido Ruiz*, J. P.

S

Sado, rio, 110.
Saênz de Buruaga, José, 17.
Saglio, 5.
Sala, 65.
Saldeia, hoje Alcácer do Sal, 25.
Salamanca — Espanha, 129.
Salvador, *Rua do* — Vide: *Rua do Salvador*.
Samaria — Palestina, 31.
Samotrácia (Samothrace), 42.
San Esteban, *Pedrajas de* — Vide: *Pedrajas de San Esteban*.

- Sangmeister*, E., 108.
- Sanlúcar de Barrameda*, antes talvez Ebury ou Ebury Cerialis, cidade no estuário do Guadalquivir, 86.
- Santa Maria*, Monte de — Vide: *Monte de Santa Maña*.
- Santarém*, 27.
- Santiago do Cacém*, 81.
- de *Compostela*, 79.
- São Domingos*, minas — Baixo Alentejo, 100, 102, 110, 116.
- *João do Deserto*, mina — Aljustrel, 99, 102, 103, 106, 112.
- *Miguel* — Évora, 91.
- *Paulo* (Pablo), convento de Évora, 90, 91.
- *Pedro*, Vila Nova de — Vide: *Vila Nova de São Pedro*.
- *Vicente*, Escadinhas de — Vide: *Escadinhas de S. Vicente*.
- Sarmento*, Martins, 43.
- Scalabis*, convento, 122.
- Schónbauer*, E., 99.
- Schubart*, H., 108, 109, 112-114.
- Schulze*, W., 130.
- Sebaste* — Palestina, 31.
- Secundus*, oleiro, 52.
- Selene*, figura mitológica, 80.
- Semper*, por *Sempronius*, oleiro, 58, 59.
- Sempronius*, oleiro, 58, 59, 63, 64.
- , L., oleiro, 59.
- *Pacatus*, C., 118.
- Senecio*, oleiro, 61.
- Senicio*, oleiro, 61.
- Sentrus*, oleiro, 51.
- Septimio Severo*, imperador romano, 11.
- Serra da Tourega*, 91.
- Serrão* E. da Cunha, 113, 114.
- Sertorio* (Sertorius), 90, 101.
- Serviços Geológicos de Portugal*, 101.
- Sesimbra*, 113.
- Setúbal*, 25, 30, 94, 97.
- Severo*, Ricardo, 33.
- , *Septimio*, imperador romano, 11.
- Severos*, imperadores romanos, 37.
- Sevilha* (Sevilla) — Espanha, 79.
- Silaria*, Rua da — Vide: *i?aa da Silaria*.
- Silchester*, 15, 17.
- Silvanus*, nome de ascendência romana, 129.
- Silvanius Silvanus*, Quintus, 124, 126-129.
- Silvanus*, Quintus Silvanus, 124, 126-128.
- Silveirona*, necrópole, 32.
- Simon*, Günther, 22.
- Sines*, 115
- Sisebuto*, Torre de — Vide: *Torre de Sisebuto*.
- Siria*, 6.
- Soares Lusitano*, 92.
- Sona* — Espanha, 56.
- Southampton* — Inglaterra, 128.
- Spata* — África, 13.
- Statilius*, oleiro, 47.
- Statius*, oleiro, 47.
- Stephanos* — Vide: *Estêvão*.
- Strábon* — Vide: *Estrabão*.
- Strasbourg* — Vide: *Estrasburgo*.
- Suavis Braetii*, 55.
- Szentlélek*, Tihamér, 79, 80, 83.
- Szonbathély*, 83.

T

- T. Bufrenus Bufio*, oleiro, 48.
- Tage* — Vide: *Tejo*.
- Tambre* (Tamaris), rio, 86.
- Tancinus*, nome indígena da Lusitânia, 88.
- Tarquínio o Antigo*, 11.
- Tarraconense*, 55.

----- Vide também: *Hispania*
Tarraconense.
Tarragona — Espanha, 60, 61.
Tavira, 26.
Tejo (Tage), rio, 110.
Tel Anafa — Galileia, 31.
Telha, Vila Nova de — Vide: *Vila Nova de Telha*.
Terentius, A., oleiro, 48.
Termopilas, 13.
Terroso, cidade, 34.
Terrugem — Eivas, 93, 94, 96.
Thylander, H., 118, 128.
Tibério, imperador romano, 17, 26.
Tito (Titus), imperador romano, 121.
----- *Júlio*, 85.
Tomás (S.), 42.
Torre do Salvador — Évora, 91.
----- *de Sisebuto* — Évora, 90.
Torres Novas, 37.
Torrinha, Joaquim, 25, 29.
Tosai de Manises — Alicante, 8.
Tourega — Évora, 91.
Tramagal — Abrantes, 25, 35, 36, 40, 41.
Tróia — Setúbal, 25, 30, 94, 97.

U

Ulbert, Günter, 21.
Universidade de Coimbra, 25, 34, 35, 45, 50, 52-54, 66-69, 72, 79-81.
Urbicio, Flavius, 121.

V

Vagellia, gentílico raramente encontrado na Península Ibérica, 130.
----- *Avita*, Allia, 126-128.
----- *Rufina*, 127.
----- *Junior*, 124, 126-128.
Vagellius, gentílico raramente encontrado na Península Ibérica, 130.

Valdoca, necrópole — Aljustrel, 100-103, 107.
Vale de Junco, 32.
Valentiniano (Valentinien).
----- *I*, imperador romano, 101.
Valencia — Espanha, 51, 86.
Valerius Paternus, oleiro, 51.
Var — França, 120.
Vasa — Chipre, 37.
Vasconcelos, Leite de, 101, 104.
Vegas, Mercedes, 79.
Velazquez, 51.
Veneria, 96.
Vénus, deusa romana, 14.
Verecundus, oleiro, 82.
Vespasiano (Vespasianus, Vespasien), imperador romano, 51, 52, 88, 121.
Vessberg, 27, 37.
Vetters, H., 95.
Via Decumana — Évora, 91.
Viana, Abel, 94, 100.
Victorinus — Vide: *Vitorino*.
Vila da Feira, 33, 35, 36, 40, 41.
----- *Nova de São Pedro*, castro, 109-111.

----- *Telha*, 36.

----- *Fiposa*, 25, 26, 29, 39, 43, 51.

Vilas Boas, Palácio — Vide: *Palácio Vilas Boas*.

Vindonissa, 43.
Vipasca, mina — Aljustrel, 101, 102.
Viriato (Viriathe), 101.
Vitória, deusa, 81.
Vitorino (Victorinus), imperador romano, 105.
Vives, 86.
Volubilis, 60.

W

Ward, John, 7, 8.
Weinberg, G., 31.
JFe/vter, J., 95.

JVesen am Walensee, 22.
Wheeler, M., 19.
*Wz'tti*sçmg£7i*, 95.

X

Jierxe&y.rei da Pérsia, 13.

Y

York, antes Eburacum — Inglaterra, 87.

Z

Zambujal, 108.

(Página deixada propositadamente em branco)

INDICE

ELSA ÁVILA FRANÇA — <i>Objectos de toilette de Conimbriga</i>	5
JORGE DE ALARCÃO — <i>Mais algumas pequenas colecções de vidros romanos</i>	25
ADÍLIA MOUTINHO ALARCÃO — « <i>Terra sigillata</i> » do Museu Machado de Castro.....	45
ADÍLIA MOUTINHO ALARCÃO — <i>Lucernas romanas no Museu Machado de Castro</i>	79
ANTONIO GARCIA Y BELLIDO — <i>El recinto mural romano de Évora Liber alitas Iulia</i>	85
ANTONIO GARCIA Y BELLIDO — <i>Cochleares romano-visigodos de la Península Hispânica</i>	93
CLAUDE DOMERGUE et RUY FREIRE D'ANDRADE — <i>Sondages 1967 et 1969 à Aljustrel (Portugal). Note préliminaire</i>	99
P. LE ROUX et G. FABRE, <i>Inscriptions latines du Musée de Coimbra. .</i>	117
<i>Indice remissivo</i>	131

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS DA
GRÁFICA DE COIMBRA
BAIRRO DE S. JOSÉ, 2 – COIMBRA

CONIMBRIGA

REVISTA DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (PORTUGAL)

PUBLICAÇÃO ANUAL

COLABORAÇÃO SOLICITADA

PEDIDOS À LIVRARIA DISTRIBUIDORA:
Casa do Castelo, Editora — Rua da Sofia, 47-49
Coimbra — Portugal

*Solicitamos permuta. On prie de bien vouloir établir V₂ change,
Sollicitiamo scambio. We would like exchange. Tauschverkehrr erwünscht*

